



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

LAIZ CLAUDIA BALBINO MARTINS

**O CORDEL NA SALA DE AULA:
A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS FACES DO LETRAMENTO**

**GUARABIRA- PB
2024**

LAIZ CLAUDIA BALBINO MARTINS

**O CORDEL NA SALA DE AULA:
A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS FACES DO LETRAMENTO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramentos

Linha de Pesquisa: Estudos literários

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa

GUARABIRA- PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M375c Martins, Laiz Claudia Balbino.
O cordel na sala de aula
[manuscrito] : a representação do feminino nas faces do
letramento
/ Laiz Claudia Balbino Martins. - 2024.
169 p. : il. colorido.

Digitado.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede
Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa,
Departamento de Letras - CH."

1. Leitura literária. 2. Literatura de cordel. 3.
Representação do feminino. 4. Método recepcional. 5.
Competência leitora. I. Título

21. ed. CDD 372.4

LAIZ CLAUDIA BALBINO MARTINS


**O CORDEL NA SALA DE AULA: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS
FACES DO LETRAMENTO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.


Área de concentração: Linguagens e letramentos

Aprovada em: 21/03/2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA SUELY DA COSTA**
Data: 26/04/2024 13:30:35-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (Orientadora - UEPB)

Documento assinado digitalmente
 **ROSANGELA NERES ARAUJO DA SILVA**
Data: 26/04/2024 11:58:21-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (Examinadora - UEPB)

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANE ALVES SANTOS**
Data: 26/04/2024 10:41:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Luciane Alves Santos
Universidade Federal da Paraíba (Examinadora- UFPB)

Dedico ao meu esposo Adailson e aos meus filhos Ísis e Heitor que me acompanharam nesta jornada com muita paciência, compreensão, cuidado e que são meus melhores incentivadores.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, por todo o esforço em proporcionar o melhor que podiam e sempre me incentivar nos estudos.

Às minhas irmãs, Maridilma, Marizete e Luzinete que são mulheres incríveis, inspiradoras e que me concederam todo o suporte necessário nos momentos mais delicados.

À professora Suely Costa, pelo empenho dedicado à orientação desta pesquisa.

À equipe gestora da Escola Municipal Governador Mário Covas, pelo apoio e suporte em todos os momentos.

Aos alunos do 9º ano, que foram minhas companhias diárias e essenciais para a realização deste trabalho como sujeitos da pesquisa.

À UEPB e à CAPES, por possibilitarem a realização desta pesquisa e investirem no Programa de Mestrado Profissional em Letras.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo promover a leitura literária do cordel para a formação do leitor na perspectiva do letramento em uma turma do 9º ano da rede municipal de Passa e Fica–RN. Diante das dificuldades de leitura, especialmente literária, observadas em sala de aula, o interesse esteve em propor uma sequência de atividades com ênfase no desenvolvimento de competências leitoras dos alunos através do texto poético. Em função disso, foram objeto de estudo três folhetos, a saber, *A princesa da pedra da boca*, de Elizabete Faustino, *Nísia Floresta: uma carta em cordel*, de Anne Karolynne, e *Mulher também faz cordel*, de Salete Maria e mais outros folhetos complementares, tais quais: *As herdeiras de Maria*, Dalinha Catunda, Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e *Lugar de mulher*, Salete Maria. A escolha dos citados cordéis se justifica pelo foco no feminino, da temática à autoria, pela referência ao contexto sociocultural do aluno, bem como pela possibilidade de leitura dos aspectos estético, social e humanizador do texto literário. Nesta pesquisa-ação, buscamos promover atividades capazes de contribuir para a ampliação dos conhecimentos e proporcionar o compartilhamento de reflexões apoiados no método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988). Dentre o referencial teórico utilizado, destacam-se os estudos de Colomer (2007), Solé (2014), Coelho (2000), Todorov (2009), sobre literatura, leitura literária e a formação do leitor; os estudos de Soares (2009), Kleiman (1995), Street (2014), Cosson (2021), no que se refere aos letramentos; os estudos de Marinho e Pinheiro (2012), Haurélio (2013, 2016), Abreu (1999) e Galvão (2010), sobre o texto literário de cordel; os estudos de Queiroz (2006), Duarte (2003) e Bourdieu (2012) acerca do feminino; os pressupostos teóricos de Jauss (1994), Bordini e Aguiar (1988) e Zilberman (1989) sobre o método recepcional. A análise dos resultados obtidos permitiu identificar que o trabalho com os textos propostos contribuiu para que os discentes vivenciassem uma experiência ativa em relação à leitura literária; para além de ler, comentaram, compartilharam opiniões e se posicionaram de forma crítica frente ao universo feminino. O trabalho possibilitou o estímulo e desenvolvimento de suas habilidades leitoras, proporcionando a construção de alunos leitores capazes de estabelecer relações numa perspectiva do letramento.

Palavras-chave: Leitura literária; Literatura de cordel; Representação do feminino; Método recepcional; Competência leitora.

ABSTRACT

This research aims to promote the literary reading of the *cordel* for the formation of the reader in the literacy perspective in a class of the 9th year, in Passa e Fica - RN. In face of difficulties of reading, especially literary, observed in the classroom, the interest was in proposing a sequence of activities with emphasis on the development of reading skills of students using the poetic text. Therefore, we use as object of study three booklets, namely: *A princesa da pedra da boca*, Elizabete Faustino, *Nísia Floresta: uma carta em cordel*, Anne Karolynne and *Mulher também faz cordel*, Salete Maria, and other complementary leaflets, such as: *As hedeiras de Maria*, Dalinha Catunda, *Carolina Maria de Jesus*, Jarid Arraes and *Lugar de Mulher*, Salete Maria, focusing on the feminine, from thematic to authorship, the sociocultural context of the student, as well as the possibility of awakening to the aesthetic, social and humanizing character of the literary text. Through the proposal of action research, we seek to promote activities capable of contributing to the expansion of knowledge and provide the sharing of reflections supported by the Reception Method proposed by Bordini and Aguiar (1988). Among the theoretical references used, we highlight the studies of Colomer (2007), Solé (2014), Coelho (2000), Todorov (2009), literature, literary reading and reader training; the studies of Soares (2009), Kleiman (1995), Street (2014), Cosson (2021) as regards the literature; the studies of Marinho and Pinheiro (2012), Haurélio (2013, 2016), Abreu (1999) and Galvão (2010), on the cordel literary text; the studies of Queiroz (2006), Duarte (2003) and Bourdieu (2012) on the feminine; the theoretical assumptions of Jauss (1994), Bordini and Aguiar (1988) and Zilberman (1989) on the receptive method. The analysis of the results obtained allowed us to identify that working with the proposed texts contributed to the students having an active experience in relation to literary reading; in addition to reading, they commented, shared opinions and took a critical stance towards the female universe. The work enabled the stimulation and development of their reading skills, providing the construction of student readers capable of establishing textual relationships in a perspective of literacy.

Keywords: Literary reading; Literature of cordel; Representation of the feminine; Reception method; Reading competence.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese para aplicação da primeira etapa.....	65
Quadro 2 – Síntese para aplicação da segunda etapa.....	66
Quadro 3 – Síntese para aplicação da terceira etapa.....	67
Quadro 4 – Síntese para aplicação da quarta etapa.....	68
Quadro 5 – Síntese para aplicação da quinta etapa.....	69
Quadro 6 – Dados sobre hábito de leitura.....	71
Quadro 7 – Dados sobre local da leitura.....	72
Quadro 8 – Dados referentes aos textos mais lidos.....	73
Quadro 9 – Dados sobre os objetivos de leitura	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2. PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	13
2.1 Leitura como prática social e o letramento na escola.....	13
2.2 O método recepcional e a construção do letramento literário	22
3. A LITERATURA DE CORDEL E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO	30
3.1 Literatura de cordel: aspectos histórico e conceitual.....	30
3.2 O cordel no contexto escolar.....	35
3.3 O feminino no cordel	40
4. ASPECTOS DA PESQUISA.....	57
4.1 Natureza da pesquisa.....	57
4.2 O contexto da pesquisa: escola campo e colaboradores	58
4.3 Procedimentos da pesquisa para a coleta e análise de dados.....	60
4.4 O cordel como instrumento de incentivo à leitura e à percepção do feminino.....	64
4.4.1-1º Etapa: Determinação dos horizontes de expectativas	65
4.4.2 -2º Etapa: Atendimento dos horizontes de expectativas	66
4.4.3 -3º Etapa: Ruptura dos horizontes de expectativas.....	67
4.4.4- 4ª Etapa: Questionamento dos horizontes de expectativas	68
4.4.5 -5ª Etapa: Ampliação dos horizontes de expectativas.....	69
5. RESULTADOS DAS PRÁTICAS DE LEITURA COM O CORDEL NA SALA DE AULA.....	71
5.1. Identificação do horizonte de expectativas do grupo (1ª etapa)	72
5.2. Atendimento do horizonte de expectativa (2ª etapa)	77
5.3. Ruptura do horizonte de expectativa (3ª etapa)	84
5.4. Questionamento do horizonte de expectativa (4ª etapa)	92
5.5. Ampliação do horizonte de expectativa (5ª etapa)	97
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS	112
APÊNDICES.....	130

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios encontrados para a formação de leitores no ensino fundamental. A percepção de que os alunos não têm interesse pela leitura, principalmente a literária, apresentam dificuldades de interpretação e consideram o ato de ler uma atividade pouco atrativa tem sido constantemente motivo de preocupação por parte dos docentes. Além disso, verifica-se que a utilização do texto literário como pretexto para o ensino dos gêneros textuais tem acarretado uma execução mecânica e enfadonha da leitura, distanciando o leitor do texto literário.

Conforme Antunes (2003), as atividades de ensino de leitura nas escolas se mostram incipientes quando ainda se encontram centradas em habilidades de decodificação e leitura mecânica, sem direcionar essas habilidades para a dimensão da interação verbal, deixando de lado os usos sociais da leitura.

Considerando isso, o modo como a formação dos alunos leitores se realiza no Ensino Fundamental é um ponto crucial para o engajamento desses com a leitura. Propiciar atividades de leitura atuando para além do código linguístico requer a interação do leitor com o texto de modo que resulte em novos conhecimentos, conforme aponta Kleiman (2002, p.13), ao destacar que “[...] é mediante a interação de diversos níveis de conhecimento como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto” como consequência, tem-se a construção de um leitor mais atuante, envolvido pela leitura.

A partir do exposto, apresenta-se como motivação para este trabalho a formação de alunos leitores no contexto da sala de aula, por meio de experiências de leitura literária como instrumento de conhecimento, formação, fruição e interação. Para tanto, partimos da compreensão que, para além de realizar leitura de textos literários, “a experiência literária (...) permite saber da vida por meio da experiência do outro”, Cosson (2021, p.17).

A literatura possibilita ao estudante experienciar a leitura sob diferentes propósitos, assim, a leitura literária precisa estar presente na escola e deve ganhar espaço com atividades que fomentem a descoberta do caráter indispensável do texto literário para o reconhecimento de si e do mundo ao redor. Considerando o exposto,

parte-se do entendimento que a leitura literária é essencial para a formação educacional dos estudantes, sobretudo na formação do leitor reflexivo.

Deste modo, o texto de cordel foi escolhido por se apresentar como um gênero textual favorável ao letramento literário, além de ser um texto atrativo e capaz de despertar o leitor para as múltiplas formas de leitura e interpretação com potencial educativo, tanto no que diz respeito à formação de competências leitoras, quanto aos aspectos sociais e humanos apresentados nas obras. Conforme aludido por Marinho e Pinheiro (2012, p.11- 12), “a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística”, proporcionando uma fusão do conhecimento científico e o saber popular.

Neste sentido, a realização desta pesquisa se justifica pela necessidade de desenvolver com os alunos do Ensino Fundamental um plano de intervenção ancorado na leitura literária de cordel, considerando que a experiência didática com o texto literário aproxima o educando das diversas possibilidades estéticas, composicionais, temáticas conduzindo ao letramento literário.

Como proposta de práticas de leitura na sala de aula, utilizamos cordéis com temática e autoria feminina, desenvolvendo uma sequência de atividades com textos de diferentes cordelistas, partindo da escritora cujo texto retrata características locais, Elizabete Faustino, seguido de outra que se destaca no âmbito regional, a cordelista Anne Karolynne, e outras com abrangência e reconhecimento nacional, como é o caso de Salete Maria da Silva, Jarid Arraes e Dalinha Catunda.

A seleção das cordelistas e dos cordéis para fins desta pesquisa possui relação direta com desejo de estabelecer proximidade e reconhecimento dos estudantes com a literatura de cordel, assim como para a questão de gênero, que não deixa de fazer-se presente nas salas de aula. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 11) “fato importante a ser destacado é a presença cada vez maior de mulheres escrevendo e publicando folhetos”, assim, a representação feminina no cordel apresenta grande possibilidade de proporcionar uma experiência de leitura significativa aos alunos, pois aborda questões atuais, ao passo que preserva os aspectos históricos e socioculturais.

O objetivo deste estudo está em promover a leitura literária do cordel na perspectiva do letramento literário em torno de questões do feminino para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da cidade de Passa e Fica–RN. Para isso, utilizamos

estratégias com foco na leitura de folhetos iniciando a partir de um cordel escrito por uma cordelista local e ambientado nas proximidades, para depois inserir os textos de autoras de outras regiões a fim de proporcionar o crescimento leitor com ênfase na recepção, pois conforme aponta Jauss (1994) é a interpretação do leitor que torna o texto literário uma experiência dinâmica.

Além disso, na proposta de intervenção buscamos valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes, compreender seu universo de leitura, sua relação com o cordel e a partir disso conduzir as atividades de leitura com vistas a ampliação do horizonte de expectativas.

Quanto aos procedimentos, esta é uma pesquisa-ação em que para o desenvolvimento do processo investigativo o professor/pesquisador e os alunos participantes da pesquisa estão envolvidos de modo cooperativo. Nas palavras de Prodanov e Freitas (2013, p. 69) “a metodologia desse tipo de pesquisa está direcionada à união entre conhecimento e ação, visto que a prática (ação) é um componente essencial também do processo de conhecimento e de intervenção na realidade”. Os dados de natureza quantitativa serão avaliados a fim de traçar o perfil leitor da turma como o todo e perceber seus horizontes de expectativas, já os qualitativos serão processados e analisados ao longo do trabalho de intervenção de conforme as concepções de leitura, letramento e método recepcional adotadas neste trabalho.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, no primeiro, apresentamos uma discussão acerca da temática, a área de concentração, o problema levantado e o objetivo da pesquisa.

No segundo capítulo, abordamos as práticas de leitura e letramento literário, bem como a importância da escola neste processo, apontando as contribuições da recepção e método recepcional para o ensino de literatura. Contribuem com a discussão os estudos de Colomer (2007), Solé (2014), Todorov (2009), Soares (2009), Kleiman (1995), Street (2014), Cosson (2021), Jauss (1994), Bordini e Aguiar (1988) e Zilberman (1989).

No terceiro capítulo, tecemos considerações sobre a literatura de cordel e a representação do feminino, no qual discorreremos sobre os aspectos históricos e conceituais do cordel, assim como sobre a figura feminina como temática e autoria, com uma breve abordagem dos cordéis utilizados nesta pesquisa. Fundamentam a

discussão os estudos dos teóricos de Marinho e Pinheiro (2012), Haurélio (2013), Abreu (1999) e Galvão (2010) sobre o cordel, além de Queiroz (2006), Duarte (2003) e Bourdieu (2012).

No quarto capítulo, apresentamos os aspectos e os procedimentos metodológicos adotados, a natureza e o contexto da pesquisa, os instrumentos utilizados na coleta e a análise dos dados, neste caso, o questionário e o diário de leitura, além da descrição do plano de intervenção.

No quinto capítulo, tem-se a apresentação das atividades desenvolvidas, bem como a análise dos dados obtidos durante o período de intervenção consoante a metodologia adotada.

Por último, compõem este texto as considerações finais, as referências, os anexos e os apêndices onde consta o produto final desta pesquisa, um caderno pedagógico direcionado ao professor. O caderno pedagógico traz orientações para o trabalho com a leitura literária de cordéis femininos e objetiva apresentar sugestões de atividades baseadas no método recepcional.

2. PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Neste capítulo, apresentamos uma discussão sobre leitura e letramento, além de uma breve explanação acerca do método recepcional. No primeiro tópico discutimos sobre o processo de leitura dentro e fora do contexto escolar, o que perpassa pela discussão dos letramentos. Em seguida, a ênfase recai na reflexão acerca da leitura literária na escola, por compreender que as especificidades do texto literário possibilitam a formação do leitor proficiente, o que nos leva a discutir sobre o letramento literário. No segundo tópico, discorreremos acerca do método recepcional por embasar o plano de intervenção que desenvolvemos nesta pesquisa.

2.1 Leitura como prática social e o letramento na escola

A leitura é uma habilidade humana e como tal necessita ser exercitada. Além disso, atualmente, o ato de ler ganhou mais espaço na vida das pessoas e hoje há uma grande diversidade de programas e projetos que visam a alfabetização da população, pois o domínio da leitura se apresenta como uma atividade essencial para a vida do homem em sociedade. Segundo Solé (2014, p.25).

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

A nossa sociedade está inserida em um contexto grafocêntrico, em que a maioria das atividades do cotidiano são perpassadas pela escrita. Desse modo, um indivíduo que consegue ler e escrever, mas não compreende um bilhete simples, as regras da escrita, de um jogo, ou o sentido expresso em um anúncio pode sentir-se excluído do corpo social. A partir de situações como essas, surge uma nova demanda acerca do domínio da leitura e da escrita. Conforme esclarece, Soares (2009, p.20):

Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente- daí o recente surgimento do termo letramento.

A expressão letramento emergiu nas discussões da área da educação apenas na segunda metade da década de 1980, com os primeiros registros na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* de Mary A. Kato em 1986. Em *Os significados do letramento*, de 1995, Kleiman nos alerta que esse termo tardou a aparecer nos dicionários de português devido à complexidade dos tipos de estudo e variação dessa área, incorporado recentemente.

De início, o sentido do termo foi mal compreendido, sendo constantemente associado e confundido com alfabetismo. Diante dessa falta de clareza, muitos autores se debruçaram sobre a temática a fim de elucidar a diferença entre os termos, tais como Rojo (1998) na obra *alfabetização e letramento*, Soares (2009) no livro *Letramento: um tema em três gêneros*, além de Kleiman (1995) na obra *Os significados do letramento*, entre outros.

Soares (2020, p. 27) destaca que alfabetização é o “processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita”, enquanto o letramento está ligado à “capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos”.

A palavra letramento é uma versão em português do vocábulo inglês *literacy*, que etimologicamente vem do latim *litera* (letra), acrescido do sufixo -cy, resultando em um significado que aponta para “o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever”, Soares (2009, p.17). Levando em consideração o surgimento da palavra e todo o exposto, faz-se necessário observar os usos que podem ser feitos do termo do ponto de vista de diferentes autores.

Ainda de acordo com os pressupostos de Soares (2009), é o produto da aprendizagem da leitura e da escrita, resultando no domínio desta última. Diante dos apontamentos da autora, compreende-se, portanto, que o processo pressupõe modificação do sujeito mediante o conhecimento da leitura e da escrita.

Kleiman (1995, p.18-19) assinala que letrar leva em consideração os diferentes usos da língua escrita, como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e com tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Desta forma, a autora compreende o letramento para além das práticas

escolares, levando em consideração a utilização desses conhecimentos a partir das práticas sociais e do contexto no qual o grupo é parte.

Neste sentido, conclui-se que o termo tão mencionado nos ambientes educacionais é apenas um dos muitos tipos possíveis, haja vista, que o uso da escrita pode ser modificado conforme o contexto de inserção. É nesse viés que Street (2014), defende o uso da palavra *letramentos*, no plural, ao considerar que são diversos os tipos de letramento que podemos encontrar na vida cotidiana. Para ampliar esse entendimento, o autor nos apresenta o modelo autônomo e ideológico.

A visão de letramento baseado essencialmente na capacidade escrita, que objetiva medir as capacidades cognitivas do indivíduo, o autor chamou de modelo interpretativo autônomo. Kleiman (1995, p.21-22) esclarece que “a característica da “autonomia” se refere ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado”. Com efeito, por desconsiderar o contexto de uso, o modelo autônomo se baseia em um padrão monolítico em que a interpretação está ligada ao funcionamento interno do texto escrito.

Em contraponto ao modelo autônomo, o ideológico está voltado para a compreensão a partir de práticas concretas e sociais baseadas no contexto discursivo, social e histórico. Nas palavras de Street (2014, p. 44), “aqueles que aderem a este segundo modelo se concentram em práticas sociais específicas de leitura e escrita. Reconhecem a natureza ideológica e, portanto, culturalmente incrustada dessas práticas”. Assim, fica evidente que o modelo ideológico considera os múltiplos aspectos que envolvem o uso dos sistemas de escrita.

Tomando por base os pressupostos de Street (2014), e conscientes de que todo ato da leitura está situado em uma situação discursiva que mobiliza o espaço temporal, os conhecimentos prévios do leitor, o contexto de produção e recepção, o conhecimento linguístico e textual entre outros, podemos concluir que a leitura proposta no ambiente escolar precisa ser pensada enquanto prática socialmente inserida que busca ir além do ensino técnico das práticas escritas.

Nesse sentido, dentro do processo de formação do leitor em contexto escolar, o letramento literário apresenta-se como adequado, uma vez que possibilita estabelecer uma relação diferenciada da leitura com a escrita. Conforme esses apontamentos, Paulino (1998, p. 16) compreende que o letramento literário “continua

sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”. Dessa forma, o letramento literário escolar busca ultrapassar a leitura superficial de textos literários a fim de permitir que o leitor construa sentidos por meio das palavras.

Considerando o avanço das pesquisas, da segunda metade da década de 1980 até os dias atuais, muito se acrescentou aos estudos sobre letramento(s) e a suas contribuições para o meio social, assim a habilidade crítica se revelou como um elemento fundamental nas propostas educacionais que levam em conta as teorias e práticas de letramentos.

Em torno desta característica surge o letramento crítico, para o qual todo discurso, de maneira geral, é repleto de ideologias, neste sentido, parte do princípio da natureza política da linguagem, em razão das relações de poder nela contidas.

O letramento crítico é a habilidade de leitura ativa e reflexiva com o objetivo de compreender as relações de poder, de desigualdade e de injustiça na sociedade, ou seja, um meio que pode levar à compreensão do contexto no qual o indivíduo está inserido a partir do estímulo para uma leitura crítica. De acordo com Carbonieri

o letramento crítico nos ajuda a examinar e combater visões estereotipadas e preconceituosas que por ventura surjam nas interações em sala de aula e fora dela. É uma perspectiva educacional que tem como propósito instigar o indivíduo a repensar sua realidade, auxiliando-o a tornar-se mais consciente e autônomo para transformá-lo, se assim o decidir. (Carbonieri, 2016, p. 133).

A escola deve ser o espaço de questionamento de assuntos relevantes para a vida em comunidade, considerando a importância da participação do estudante na realidade na qual está inserido de maneira crítica, estimulando ações de igualdade e justiça. Logo, o letramento crítico pode propiciar ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade leitora ou proficiente, tornando-o um ser capacitado para saber se posicionar criticamente em todas as práticas sociais.

Para Cosson (2021, p.21) a leitura é “um processo de compartilhamento, uma competência social”. Assim, embora a leitura não seja uma exclusividade do ambiente escolar, considerando que o aluno pode ler em outros espaços, é na escola onde, normalmente, o ato de ler ganha outros significados e que a experiência de leitura direcionada pode ganhar novas conotações.

Nesse sentido, entendemos o espaço escolar como o lugar onde as bases formativas do indivíduo são lançadas, adequado para a realização da leitura,

especialmente a literária, conforme apontado por Coelho (2000, p. 16) “[...] nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações”. Com efeito, cabe à escola conduzir um processo educativo específico.

Para trabalhar nessa perspectiva, o professor precisa planejar, preparar o material previamente e conduzir os estudantes no processo de leitura, realizando apontamentos, sugestões, bem como apoiando nas dúvidas que constantemente surgem. De acordo com Colomer (2007, p.70),

Como quem aprende a andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio.

Nessa ótica, a prática constante da leitura literária bem orientada tende a promover o crescimento do aluno enquanto um leitor atento aos sinais que o texto apresenta, ao mesmo tempo em que possibilita o reconhecimento de informações implícitas, estratégias de produção, bem como a materialidade das atividades humanas.

Nesse sentido, os estudos de Colomer (2007), Cosson (2021) e Souza e Cosson (2011) apontam para a leitura como prática social, tomando como base a literatura para construção de novos significados do próprio leitor e do mundo que o cerca. Em função disso, a literatura deve ser vista como uma valiosa ferramenta para condução de experiências de leitura nas escolas.

Em se tratando do ensino de literatura no ambiente escolar, é imprescindível observar o que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a esse respeito. Homologada em 20 de dezembro de 2017, a BNCC se apresenta como um documento normativo que visa reunir as bases para a Educação Básica brasileira com o propósito de tornar mais igualitário o ensino em todo o território nacional. No componente de Língua Portuguesa, o referido documento está organizado por eixos de integração, a saber: oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística e semiótica.

Tendo por foco o objeto central deste estudo, é importante observar o que o referido documento traz relativo à leitura literária. Assim, no eixo da leitura,

compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2018, p. 6).

No trecho citado, pode-se verificar que a Base Nacional aponta para o desenvolvimento da leitura interativa com foco na fruição, ou seja, como fonte de entretenimento e prazer para percepção do senso estético. Reconhecemos que a leitura literária realizada com viés lúdico e atenção para o senso estético pode estimular o leitor para realização de outras leituras como resultado da satisfação sentida pelo ato de ler. No entanto, é necessário um olhar mais abrangente sobre os modos de ler o texto literário.

Quanto às orientações da BNCC, é possível verificar que além da divisão por eixos, a Base também categoriza as práticas de linguagem de acordo com os campos de atuação em que se essas se realizam. Dessa forma, as práticas de linguagem organizam-se em cinco campos de atuação: Campo da vida cotidiana, Campo artístico literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico/midiático e Campo de atuação na vida pública.

O campo de atuação artístico literário, no qual o ensino de literatura está inserido, tem como propósito

possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2018, p. 138).

O campo artístico literário alude à função humanizadora da literatura e define o leitor-fruidor como capaz de compreender os múltiplos sentidos presentes no texto literário. Partindo do princípio de que se trata de um documento basilar, a BNCC

deveria enfatizar a potência do texto literário e as diversas aprendizagens resultantes da leitura, no entanto, ela reduz o uso da literatura e mais uma vez, manifesta destaque para o desenvolvimento da fruição.

Diante dessa questão, entendemos que a leitura de um texto literário não pode ser reduzida apenas ao valor estético ou como uma leitura por pura distração, é necessário, antes disso, perceber que o texto literário pode ser utilizado para suscitar no leitor reflexão, imaginação, senso crítico, despertando para o autoconhecimento, entre outras possibilidades presentes nos diferentes modos de ler e interpretar. Não se entende, contudo, que a leitura por fruição seja desprezada, mas que a literatura possa figurar no centro das ações educacionais em todo o seu potencial.

Sobre as potencialidades da literatura, Tzvetan Todorov (2009, p.23-24), pontua que:

“[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo.[...] ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. [...]”.

Conforme aponta Todorov, a literatura está distante de ser reduzida apenas ao entretenimento ou distração. Ler literatura na escola é abrir caminhos para que o aluno possa experienciar de diferentes formas o sentido das palavras, além de possibilitar a construção de sua própria forma de se relacionar com o texto e com o mundo expresso por ele, a partir do conhecimento prévio construído ao longo do tempo.

De acordo com esse entendimento, Cosson (2021, p.120) esclarece que ser leitor de literatura no ambiente escolar deve ser bem mais do que realizar a leitura de um livro de ficção pelo simples prazer ou pelo encantamento poético “É também posicionar-se diante da obra literária, identificando, questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos”. Desta forma, compete à escola promover o encontro do discente com o texto literário, oportunizando situações que possibilitem a formação leitora dos estudantes, em especial os estudantes do ensino fundamental.

Colomer, em sua obra *Andar entre livros* (2007), também afirma que é a escola o lugar que dá sentido específico à leitura das obras literárias. Assim, nesse espaço formativo é necessário, além de assegurar o lugar da literatura no ambiente formal,

garantir que a leitura literária cumpra sua função formadora e possa se desenvolver de maneira sistemática com vistas ao letramento, assumindo significados diferentes daquele que o leitor em outros contextos já é capaz de produzir.

No que tange ao processo de apropriação da literatura por meio do letramento literário, Silva e Silveira (2013, p. 96) concebem letramento como “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler o texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário”.

Como se pode notar, diante do exposto, a prática do letramento está relacionada a uma alteração do sujeito leitor, que ao se apropriar do texto literário sai do lugar de passividade, como expectador, para o lugar de reflexão, interpretação e produção de sentidos, resultando em uma atividade ativa.

De acordo com Souza e Cosson, (2011, p. 101):

[...] o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

A partir dessa definição, entende-se que, longe das práticas tradicionais de ensino de literatura e da realização de leitura literária como pretexto para explorar as características do gênero a qual pertencem, a prática do letramento literário se constitui como um excelente caminho, no processo contínuo de formação do leitor literário.

Conforme assinalam Paulino e Cosson (2009, p. 67), o letramento literário refere-se ao “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentido”, ou seja, são as experiências de conferir sentido às palavras e ao mundo. Nesse processo, é essencial reconhecer a natureza social do texto literário para a construção de sujeitos reflexivos, capazes de reconhecer a multiplicidade de significações presentes nos signos linguísticos. Um dos poemas de cordel mais conhecidos, *A triste partida* de Patativa do Assaré, pode exemplificar bem essa questão.

O carro já corre
No topo da serra

Seu berço, seu lá
 Aquele nortista,
 Partido de pena,
 De longe inda acena
 Adeus, Ceará.

No dia seguinte,
 Já tudo enfadado
 E o carro embalado
 Veloz a corrê,
 Tão triste, coitado,
 Falando saudoso,
 Um fio choroso
 Escrama a dizê:

-De pena e sodade,
 Papai, sei que morro!
 Meu pobre cachorro,
 Quem dá de comê?
 Já ôto pergunta:
 -Mãezinha, e meu gato?
 Com fome, sem trato,
 Mimi vai morre!¹

Os versos acima conduzem o leitor a uma experiência estética instigada pela riqueza sonora dos versos, com destaque para o uso de aliterações, como: “o carro já corre/ no topo da serra”, “Partido de pena”, além da projeção da cena descrita, o cenário, os personagens, e a situação de despedida por ter que abandonar suas origens, tudo isso perpassado com muito sentimentalismo e emoção reforçando a dor da partida.

A multiplicidade de significações pode ser vista pelo uso da palavra “berço” que indica o sentido de origem, “partido de pena” uma expressão que manifesta estar inteiramente piedoso, além do fato de relacionar a morte aos animais de estimação deixados, podendo indicar a certeza do fim para quem fica, entre outros. Dessa forma, a questão social da falta de recursos para subsistência dos nordestinos em sua própria terra ganha força e suscita reflexão acerca da seca, da falta de políticas públicas e exploração da força de trabalho.

Assim, as leituras realizadas na escola devem ajudar os estudantes a adquirir consciência da natureza ideológica, política e social da qual o texto é parte, uma vez que as práticas de leitura dos diferentes textos literários possibilitam a humanização

¹ Patativa do Assaré: A triste partida, Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/patativa-do-assare-a-triste-partida-2/>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

dos indivíduos frente a diversas temáticas, despertando aspectos como a empatia, a solidariedade, a compaixão, o respeito às diversidades, a alteridade, entre outros.

Neste íterim, em uma função social, Cosson (2021) aponta o letramento literário como uma prática social capaz de possibilitar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual os indivíduos tenham acesso aos bens culturais e sejam capazes de compreendê-los e deles fazerem uso em seu processo de letramento. Portanto, neste estudo busca-se que o estudante/ leitor realize a leitura explorando os aspectos composicionais, estéticos, literários, compreenda o sentido do texto levando em conta o contexto de produção, mas também compreenda melhor a si e desperte para a formação cidadã.

2.2 O método recepcional e a construção do letramento literário

A Estética da Recepção surgiu na década de 1960, na Alemanha, em um momento permeado de discussões acerca da historicidade da literatura e da teoria literária. Naquele período, uma nova geração passou a exigir mudanças de paradigmas no que se refere à história literária tradicional, questionando a estrutura vigente. Como resposta a essas questões, alguns estudiosos descontentes com os métodos tradicionais, entre eles Hans Robert Jauss, passaram a formular uma nova proposta de renovação e em 1967, em uma aula inaugural na universidade de Constança, Jauss levantou considerações a respeito de uma nova teoria denominada Estética da Recepção. O discurso de Jauss foi publicado posteriormente, em 1969, sob o título de *A história da literatura como provocação à teoria literária* (Costa, 2009).

Com duras críticas à tendência reducionista de categorização das obras literárias a partir das condições históricas ou biográficas, além da excessiva preocupação com a figura do escritor, Jauss almejava renovar a condição literária tradicional sem, contudo, exterminar em definitivo com a questão histórica, assim, pretendia repensá-la propondo novos caminhos para o ensino da literatura. Para isso, a proposta do autor destaca o valor histórico e estético da literatura enquanto valoriza sua relação com o leitor (Jauss, 1994). Assim, o leitor é visto como partícipe do processo e não como mero expectador ou decodificador do texto escrito.

Esse foi, portanto, um diferencial significativo no método pensado por Jauss e companhia, pois, diferentemente, por exemplo, do proposto pelo Formalismo Russo,

em que toda a atenção estava centrada na realidade material do texto e deixava o leitor em segundo plano, ou da teoria literária marxista, na qual o interesse estava na identificação do autor como produtor de ideologia, a Estética da Recepção concebe que a obra literária só ganha sentido quando entra em contato com a figura do leitor (Jauss, 1994). Nesse viés, segundo Zilberman (1989, p. 10) “a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor”, perspectiva essa que abrirá novas possibilidades de compreensão para a realização da leitura literária.

No bojo da Estética da Recepção “a vida histórica da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário” (Jauss, 1994, p.169), nesse sentido, a recepção torna-se um importante elemento para a compreensão da natureza histórica da literatura, uma vez que, a historicidade é resgatada pelo contato do leitor com a obra, pois é na figura do leitor que a obra se atualiza em uma relação dialógica entre leitor e texto.

Diante desse entendimento, a experiência literária do leitor pode ser percebida a partir da recepção e do efeito que a obra causa nele, independentemente do momento histórico em que a leitura é realizada. Nesse contexto, cabe mencionar outro autor de grande importância para a nova percepção dos estudos da história e teoria da literatura, o teórico alemão, Wolfgang Iser, o qual foi responsável por elaborar a Teoria do Efeito.

Como o próprio nome já antecipa, na Teoria do Efeito a atenção está voltada para o resultado que a leitura causa no leitor. Nessa proposta, o texto provoca o leitor com estímulos, mas é na resposta dada pelo leitor que a leitura se efetiva, nas palavras do autor, “o papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados” (Iser, 1996, p. 75).

Outro conceito importante para o entendimento do leitor no contexto da teoria do efeito é o de “espaços vazios”. Para Iser (1996), os textos são constituídos por espaços vazios que devem ser preenchidos pelo leitor e que possibilitam concretizar a leitura a partir de interpretações diversas. Conforme Iser (1996, p. 157), “o lugar vazio permite então que o leitor participe da realização dos acontecimentos do texto. Participar não significa [...] que o leitor incorpore as posições manifestas no texto, mas sim que aja sobre elas”, nesse sentido, a subjetividade do leitor, suas experiências

personais são essenciais para que ele consiga seguir as pistas deixadas pelo texto, ao mesmo tempo em que desperta para a individualidade própria de cada sujeito. Assim como Jauss, Iser também compreende o leitor como elemento principal no processo de realização da experiência de leitura literária.

Deste modo, constata-se que o ponto de intersecção da teoria da Estética da Recepção e da teoria do Efeito Estético é o descobrimento do leitor como coprodutor do texto artístico, principal elo no processo literário ao dialogar com a obra, conferindo a ele um papel produtivo no qual o seu horizonte de expectativas é compreendido, valorizado e ampliado.

No que se refere ao conceito de horizonte de expectativas, Jauss (1994) aponta para as expectativas que o leitor formula em relação ao texto e é composto pelo sistema de referências resultante do conhecimento prévio que cada leitor possui acerca do gênero, da forma, da temática das obras já conhecidas/lidas, e da oposição entre as linguagens poéticas e práticas. Dessa maneira, as expectativas do leitor são construídas individualmente a partir das suas experiências literárias aliadas aos saberes que foram sendo consolidados ao longo do tempo, formando a complexa constituição do seu horizonte.

Além disso, o horizonte de expectativas do leitor também faz referência ao seu mundo histórico e cultural, logo, pensar nos aspectos sociais, ideológicos, linguísticos, literários, intelectuais, afetivos, entre outros, nos quais o leitor se apoia ao interpretar a obra literária, significa fazer referência à forma como esses horizontes foram construídos.

Assim, para a compreensão da Estética da Recepção e a definição do leitor de Jauss, tem que se compreender esses dois aspectos-chave: o horizonte de expectativas do leitor e a liberdade conferida a ele no contato com a arte literária com atenção para o efeito e recepção revelados no leitor. No campo da teoria literária, esta corrente de pensamento apresenta-se muito relevante para o ensino de literatura, pois assume uma nova postura acerca do valor estético, histórico e literário de uma obra, renovando a percepção sobre a literatura com ênfase para o leitor.

Apoiadas nos pressupostos da Estética da Recepção de Jauss, na Teoria do Efeito de Iser, entre outros estudos, e em observância ao desinteresse pelo texto literário demonstrado pelos alunos, bem como o despreparo apresentado pelos professores no que se refere à abordagem de obras literárias, as autoras brasileiras

Bordini e Aguiar (1988) desenvolveram algumas alternativas metodológicas na tentativa de suscitar entendimento e reflexão acerca do trabalho com a literatura. Entre as sugestões apresentadas, está o método recepcional.

Nesse método, o papel exercido pelo leitor é tomado como base para a execução das etapas previstas, em um processo de compreensão e valorização do ponto de vista de cada leitor, haja vista que cada pessoa pode receber o mesmo texto sob diferentes perspectivas. De acordo com as citadas autoras (Bordini e Aguiar, 1988, p. 81)

O método recepcional é estranho à escola brasileira, em que a preocupação com o ponto de vista do leitor não é parte da tradição. Via de regra, os estudos literários nela tem se dedicado à exploração de textos e de sua contextualização espaço-temporal, num eixo positivista.

De fato, não é incomum verificar o ensino de literatura, ainda na contemporaneidade, pautado principalmente no aspecto histórico da literatura e na biografia dos autores, dando maior ênfase à obra e ao escritor do que ao leitor. Quanto à relação autor, obra e leitor, Cosson (2021) destaca, de forma prática, as teorias literárias em três grupos: um centrado no texto, outro que define o leitor como centro da leitura e um terceiro grupo que apresenta o leitor tão importante quanto o texto.

Nesse sentido, o método recepcional está presente no terceiro grupo, pois a estrutura organizacional encontra-se centrada em pontos básicos, sempre pertinentes à figura do leitor e à sua relação com o texto. Desse modo, o sucesso está na recepção relacionado à atitude participativa do estudante/leitor em contato com os diferentes textos durante um processo estruturado em cinco etapas, a saber: determinação, atendimento, ruptura, questionamento e ampliação dos horizontes de expectativas; as quais serão explicitadas a seguir.

O primeiro momento do método recepcional é a determinação do horizonte de expectativas, que corresponde ao período em que o professor irá sondar os interesses de leitura dos alunos, a fim de tentar perceber o perfil leitor deles e traçar estratégias mais adequadas para a transformação dos horizontes determinados. Diversas técnicas como observação direta, questionário, respostas a entrevistas, discussões, entre outras podem ajudar a perceber e determinar esse horizonte.

Essa primeira etapa é muito importante para o sucesso do método, pois, conforme alerta Tarachuk (2018, p.46),

Leituras muito complexas, que estão além do que o leitor pode compreender, afastam-no. O equilíbrio se mostra imprescindível para que os desafios não distanciem o aluno, leitor em formação, da literatura, percebendo-se a maturidade que possuem para lhes apresentar obras que os motivem a superar suas dificuldades. Em outras palavras, é necessário conhecer previamente as experiências literárias da turma para trabalhar textos aos quais esteja preparada, a fim de que perceba o que eles a oferecem.

A partir do que aponta a autora, pode-se perceber que tão importante quanto a leitura propriamente dita está o processo de planejamento e delimitação do objeto de estudo, uma vez que o equilíbrio entre o conhecido e o novo se faz fundamental para a evolução do leitor iniciante. Além disso, entender o horizonte de expectativas do estudante/leitor permite que o professor tenha instrumentos para esquematizar uma melhor abordagem.

Após conhecer o horizonte de expectativas do público leitor, o próximo passo é do atendimento do horizonte determinado. Nessa segunda etapa, o professor trabalhará com textos que combinem com o nível de leitura dos alunos e que atendam seus anseios de leitura, que pode ser tanto no que diz respeito ao objeto de estudo quanto às estratégias de ensino, utilizando-se, por exemplo, de leituras orais e compartilhadas de textos com temáticas conhecidas e /ou muito buscadas pelos estudantes.

Conforme o método recepcional, realizar uma leitura confortável ao estudante é apenas um ponto de partida para o crescimento do leitor literário. Logo, propor a quebra de padrões mostra-se imprescindível para a evolução. À vista disso, o momento de ruptura do horizonte de expectativas, terceira etapa do método, é um período essencial para a promoção do avanço esperado.

Na terceira etapa, o professor buscará fazer uma progressão leitora, ao trabalhar com textos que quebrem os padrões de leitura habituais dos alunos, criando divergências daquilo que era comum. O objetivo dessa fase é fazer com que os alunos se sintam mais desafiados pela leitura proposta e, portanto, progridam para outros níveis de leitura sem, no entanto, sair totalmente do que vinha sendo estudado. Por isso é importante que as leituras indicadas mantenham vínculo com a etapa anterior em algum aspecto: linguagem, temática, estrutura, etc. e que os textos selecionados sejam ainda acessíveis ao leitor, pois, como já foi dito, leituras que estejam muito

distantes podem comprometer o progresso almejado e conseqüentemente a aplicação do método.

O estágio do questionamento do horizonte de expectativas, quarta etapa do método, busca resgatar as leituras já realizadas, a fim de comparar o material literário estudado antes e depois da ruptura do horizonte de expectativas, construindo assim uma análise comparativa sobre qual leitura exigiu maior esforço e grau de satisfação. Suscitar reflexão no leitor fazendo um paralelo entre os estilos, a temática, os elementos composicionais, a linguagem, entre outros elementos dos textos despertam o espírito analítico e crítico do estudante, assim, após o momento comparativo, o aluno poderá fazer conexão entre a história lida e a realidade.

No que se refere às estratégias e técnicas que podem ser utilizadas para ancorar esses questionamentos, Bordini e Aguiar (1988, p.90) citam “toda forma de discussão participativa, seja em pequeno ou grande grupo, modos de registro de constatação, do fichário ao diário pessoal ou coletivo, implicando a constante retomada dos textos”, logo, o resultado das reflexões suscitadas pelos questionamentos pode apontar para a ampliação do horizonte de expectativas.

Na quinta e última etapa do método, a ampliação do horizonte de expectativas, o professor provocará os alunos à reflexão e criará condições para que eles possam avaliar as aquisições leitoras, sociais, estéticas e culturais trazidas pelas leituras realizadas ao longo das aulas, assim os alunos devem ser capazes de reconhecer que sua visão da leitura literária não é a mesma da primeira etapa.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988, p. 90), nesta etapa os alunos “tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais”. Para isso, o professor deverá despertar os estudantes para uma autoavaliação a fim de que eles reconheçam as novas habilidades de leitura e potencialidades.

Em uma visão holística, fica claro o efeito gradual que o método recepcional adota ao longo das etapas. Conforme Zilberman (1989, p. 86), “o método recepcional de ensino de literatura enfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço”. Do ponto de vista prático, ao estabelecer comparação entre os textos, o trabalho com esse tipo de método permite a construção de um leitor atento às diferentes leituras, proporcionando desenvolvimento de competências leitoras.

Em consonância com essa percepção, Cosson (2021, p.48) também aponta essa estrutura como princípio para o letramento, uma vez que parte do “conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”, estabelecendo um contínuo de leitura necessário à construção de uma comunidade de leitores.

Diante desse panorama, pode-se afirmar que a aplicação de método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988) contribui para letramento literário, pois promove experiência de leitura voltada para o leitor/estudante enquanto protagonista no processo de aquisição e ampliação do conhecimento leitor de forma gradual construindo a sua própria autonomia por meio da literatura.

Ao final da aplicação de todas as etapas, os resultados do método podem ser avaliados mediante a percepção do alcance dos objetivos traçados com relação ao desempenho dos estudantes. Para isso, busca-se saber se o estudante já é capaz de (Bordini e Aguiar, 1988, p.85-86):

- 1) Efetuar leituras compreensivas e críticas
- 2) Ser receptivos a novos textos e a leituras de outrem
- 3) Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural
- 4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social

No atual contexto escolar, em que há uma busca frequente dos professores por estratégias e métodos de ensino que despertem o desejo pela leitura e auxiliem os alunos para uma aprendizagem efetiva, o método citado apresenta-se como uma excelente alternativa, pois possibilita que os educandos tenham uma experiência literária intensa e trilhem por caminhos ainda desconhecidos a partir das suas próprias realidades e experiências. Conforme Bordini e Aguiar (1988, p. 86), “o método é, portanto, eminentemente social ao pensar o sujeito em constante interação com os demais, através do debate, e ao atentar para a atuação do aluno como sujeito da História”.

Ainda de acordo com as autoras, o método recepcional tem por finalidade expandir os horizontes de leitura dos estudantes na realização crítica da leitura, para isso, a estratégia é buscar melhor conhecê-los, estimular o questionamento e a reflexão com um olhar atento para recepção e o efeito provocado pelas leituras em um jogo de construção e reconstrução de expectativas e inferências. Como se vê, a

metodologia citada pode contribuir significativamente nas aulas de Língua Portuguesa ao conduzir o aluno para o aprimoramento da capacidade leitora, com especial atenção para ele próprio, suas experiências, expectativas e desenvolvimento.

O grande acerto do referido método está em permitir que o aluno se perceba enquanto coprodutor no processo de leitura e como agente ativo na realização de todas as etapas, proporcionando autonomia, reconhecimento e valorização da sua capacidade cognitiva, além da emancipação enquanto leitor.

Nessa perspectiva, o método recepcional foi adotado nesta pesquisa por possibilitar o aprimoramento das práticas de leitura a partir da valorização do leitor, levando em consideração o contexto sociocultural do estudante. Assim, consideramos que a utilização dos textos de cordel contribui para a progressão leitora e o letramento literário, tendo como principal foco o leitor e suas experiências.

3. A LITERATURA DE CORDEL E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Este capítulo está voltado para os aspectos relacionados à literatura de cordel, tratando, inicialmente, da trajetória do cordel em seus aspectos históricos, origem e evolução. Na sequência, destacamos a relevância dessa literatura no contexto escolar e a importância da utilização dos textos de cordel como elemento de identificação e valorização, assim como um adequado recurso de uso didático-pedagógico para auxiliar diversas atividades, em especial no trabalho com a leitura. Por fim, pontuamos sobre as bases conceituais acerca do feminino e a presença da figura feminina no cordel, seja como temática ou autoria, bem como traçamos uma breve análise dos cordéis que formam o *corpus* no plano de intervenção apresentado nesta pesquisa.

3.1 Literatura de cordel: aspectos histórico e conceitual

A origem da literatura de cordel é ainda uma questão divergente, pois os estudiosos da área não apresentam um consenso de ideias. Para o folclorista Câmara Cascudo (1984), por exemplo, a literatura de cordel tem origem portuguesa; Márcia Abreu (1999), no entanto, contesta essa ideia e distingue o cordel brasileiro do encontrado na Europa, já Marco Haurélio (2016) compreende que o cordel tem ligação com a produção helênica.

Há ainda outros autores que apontam para o caráter híbrido do cordel. Nesse sentido, o dossiê de registro para a literatura de cordel, resume um pouco dessa mescla de influências ao definir que

A literatura de cordel é um gênero poético que (...) carrega vínculos com as culturas africana, indígena e europeia e árabe. Nesse sentido, a literatura de cordel é um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. (IPHAN, 2018, p. 16)

De acordo com estes apontamentos, compreendemos, assim como o IPHAN, que ao indicar um único lugar para a origem do cordel pode deixar de contemplar a riqueza de influências de tantas culturas e lugares para esta literatura. No entanto, é importante deixar claro que não percebemos o cordel como um artefato cultural, mas como um gênero que se desenvolve e atualiza conforme o contexto.

Abreu (1999, p. 21), registra que, na Europa, os textos desta literatura eram tão diversos que podiam compreender “autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, mirabolantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escritas em prosa, em verso ou sob a forma de peça de teatral”. Com isso, o cordel era relacionado a livros de temáticas e características diferentes, mas que guardavam similaridade quanto ao local e a forma de venda, produzidos em material barato com objetivo de difundir os escritos.

No que se refere à origem do termo “cordel”, Santos (2006) aponta que foi na Espanha, a partir do século XVIII, onde foram encontradas as primeiras referências da expressão. Nesse contexto, a palavra “cordel” (que significa corda, cordão, linha ou barbante) fazia referência ao modo como os livros eram colocados à venda. Desse modo, torna-se claro que a conhecida literatura de cordel, inicialmente, estava atrelada ao modo como os escritos eram organizados e expostos ao público, e não propriamente ao conjunto de textos com características definidas.

Abreu (1999, p.46) também elucida que “o termo ‘literatura de cordel portuguesa’ abarca textos em verso, em prosa, de diversos gêneros, oriundos de várias tradições culturais, produzidos e consumidos por amplas camadas da população”. Identifica-se, portanto, duas características importantes da literatura de cordel portuguesa, a primeira é a diversidade de textos que constituem essa modalidade escrita, e a segunda é que o público-alvo também se apresentava diverso.

No que se refere à origem do cordel brasileiro, de acordo com Haurélio (2016), esse tipo de literatura veio para o Brasil a bordo das caravelas com os primeiros portugueses, e à medida que os lusitanos se espalhavam pelas diversas regiões do país, iniciava-se também a propagação dos cordéis, de forma que as histórias trazidas de Portugal passaram a ser também conhecidas no nosso território.

Durante esse período de propagação pelo Brasil, o cordel encontrou forte influência de gêneros orais e ritmos africanos contribuindo para que esse gênero literário adquirisse características próprias e bem definidas, sendo os textos conhecidos, na época, por diferentes denominações como “livrinho”, “literatura de folhetos” ou apenas “folheto”.

Apenas a partir de 1970, a expressão cordel foi utilizada no Brasil em aproximação ao termo trazido de Portugal. De acordo com Galvão (2010, p. 27), “[...] a ‘literatura de cordel’ foi atribuída aos folhetos brasileiros, pelos estudiosos, a partir

de um tipo de literatura semelhante a encontrada em Portugal”. No entanto, diferentemente do cordel português que tinha o público formado por diferentes camadas da população, ao chegar ao Brasil, este estilo literário foi reproduzido pelas camadas mais populares da sociedade, difundido principalmente pelos nordestinos, pobres e iletrados.

Convém destacar, ainda, que apesar da ligação entre os termos, o cordel no Brasil não era necessariamente exposto para comercialização em cordões ou barbantes como se fazia em Portugal, conforme esclarece o cordelista Manoel Monteiro:

Dizem que o nome cordel
Vem lá dos tempos passados
Quando os poetas vendiam
Seus livros dependurados
Em cordinhas ou cordões,
Nos burgos mais afastados.

Eu mesmo nunca vendi
Folhetos dessa maneira
Os conduzia arrumados
Numa mala de madeira
Que punha sobre um tripé
E desse jeito ainda é
Que se encontra na feira.
(Monteiro, 2002 *apud* Holanda; Rinaré, 2009, p. 20)

Como informa o cordelista, alinhado ao principal público leitor do cordel no Brasil, os pobres e analfabetos, a comercialização destes escritos se dava predominantemente nas feiras livres, festas de padroeiros e acontecimentos importantes das principais cidades do Nordeste, onde a principal forma de transporte e exposição se dava por meio de malas. Com a ajuda desse utensílio, os vendedores de cordéis espalhavam os livretos e iniciavam a declamação dos poemas em voz alta, estratégia utilizada para prender a atenção do ouvinte e conseguir, conseqüentemente, realizar a venda dos folhetos.

É importante lembrar que, já naquela época, o cordel servia como instrumento pedagógico, pois muitas pessoas se encantavam pelos versos declamados pelos poetas cordelistas, e mesmo que decorassem textos inteiros, muitos buscaram a alfabetização a partir do desejo de ler os folhetos e, assim, desfrutar das histórias de romances, de vaqueiros, do sertão, de animais, de lampião, entre tantas outras temáticas que circulavam no Nordeste brasileiro.

Nesse sentido, no tocante ao teor dos folhetos, convém destacar que as produções de cordéis, especificamente no cenário nordestino, retratavam a realidade sociocultural e temporal do povo. Nessa seara, a figura do paraibano Leandro Gomes de Barros ganhou destaque com romances e folhetos memoráveis, a exemplo de *O dinheiro (O testamento do cachorro)*, *O cavalo que defecava dinheiro*, *A princesa da fina*, *Como se amansa uma sogra*, entre outros.

Considerado por muitos como o “pai da literatura de cordel brasileira”, o citado poeta popular iniciou sua atividade poética por volta de 1889 (Haurélio, 2013), e fez do cordel a principal fonte de renda de sua família ao fundar a própria tipografia, onde criava, reproduzia, publicava e vendia seus escritos. Além disso, a importância do escritor também se deve ao fato de que juntamente com outros cordelistas como João Martins de Athayde e Francisco das Chagas Matias estabeleceram as regras para a composição e comercialização dos cordéis. A esse respeito, Marinho e Pinheiro (2012, p. 22) destacam que “as características dos folhetos são definidas no período que vai desde o final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX” a partir, principalmente, da obra do paraibano Leandro Gomes de Barros.

As características delineadas por Leandro e companhia apontam para um texto feito em versos marcado pelo uso da rima, do ritmo, apoiado, principalmente, na linguagem de caráter oral e/ou regional. Quanto ao aspecto editorial, ficou uniformizado o tamanho dos folhetos (11 cm X 15,5), a quantidade de páginas (múltiplos de oito), bem como o uso de papel simples e xilogravura, além da estrutura dos poemas em quadra, sextilha, setilha e décima.

Em relação à xilogravura, é importante destacar que nem sempre os cordéis contaram com a presença desse tipo de arte. Antes da popularização dos cordéis com xilogravura, era comum encontrar “folhetos sem capas”, as chamadas “capas cegas”, que consistiam em apresentar apenas o título e a autoria, ou outras imagens como cartazes de cinema e clichês de cartões postais. Para Luyten (1983, p. 257), “à pobreza dos poetas e editores em encontrar clichês de retícula ou outros recursos gráficos” é uma das razões para a utilização deste método de impressão.

Caracterizada como um dos mais antigos meios de impressão, a xilogravura é uma técnica na qual o artista utiliza-se de pedaços de madeira (imburana, cedro ou pinho) para esculpir a imagem desejada, assim, o desenho talhado na madeira é pintado e logo após pressionado no papel, servindo como carimbo.

De acordo com Haurélio (2013, p. 81), no que se refere às ilustrações do cordel “a xilogravura só começou a ser utilizada em escala maior a partir da década de 1950, em Juazeiro do Norte (CE)”, possibilitando que os próprios cordelistas pudessem dominar toda a produção dos cordéis. Além disso, a xilogravura atingiu o público analfabeto que podia, por meio das imagens, imaginar diversos mundos.

Assim como os poetas de cordel, alguns xilogravuristas também obtiveram reconhecimento, a exemplo de José Francisco Borges (J.Borges), Minelvino Francisco da Silva, João Antônio de Barros (Jota Barros), Eneias Tavares e Marcelo Soares.

A partir desse entendimento, pode-se afirmar que a literatura de cordel, no contexto brasileiro, correspondia a textos em verso, que podiam ser lidos, cantados ou declamados, com forte aspecto sonoro, cadenciados pelo ritmo e rimas, abordando temáticas diversas como histórias de reis, batalhas, fatos históricos, animais, amores, entre outros que divertiam e encantavam o público em um formato bem característico.

Inicialmente divulgados e vendidos pelos próprios autores, conforme já foi citado, os textos de cordéis apresentaram grande aceitação do público e em decorrência da demanda, com o tempo, surgiram os agentes revendedores, indivíduos responsáveis por distribuir e revender os folhetos em determinados pontos. Como destaca Abreu (1999, p.92), “seguindo os passos de Leandro Gomes de Barros, ao menos vinte e três autores publicaram alguns de seus poemas sob a forma de folhetos, até 1930”, assim, os textos de cordéis foram conquistando popularidade.

Segundo Galvão (2010, p.30), o ápice da literatura de cordel no Brasil se deu entre as décadas de 1930 e 1950. “Nesse período, montaram-se redes de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta”. No entanto, na década de 1970, o cordel viveu um período de crise com baixa renovação, produção e consequente disseminação. Assim, em 1980, alguns estudiosos apregoaram o fim da literatura de cordel (Haurélio, 2013).

Apesar da crise vivenciada, ao contrário do que muitos acreditavam, o cordel não se extinguiu. Atualmente, a poesia popular de cordel vive um período de progresso, sendo conhecido, propagado e valorizado em diferentes meios. Um exemplo disso são os cordelistas Patativa do Assaré e Bráulio Bessa, reconhecidos nacionalmente por suas obras de cordel que encantam, emocionam e fazem refletir.

Como um gênero dinâmico que se atualiza constantemente conforme cada leitor, o cordel, na contemporaneidade, está presente em diversos lugares, nas bibliotecas, nas livrarias, no cinema, no teatro, na música, nas escolas e nas universidades; e para diferentes fins, conhecimento, diversão, fruição, como objeto de estudo, entre outras finalidades.

Haurélio (2013, p.13-14) aponta que o cordel ressurgiu “na última década do século XX, graças a uma nova geração que soube preservar a temática tradicional, ao mesmo tempo que, aceitando novos desafios, incorporou a poesia popular à literatura infantil e juvenil, levando-a para a sala de aula”, assim a literatura de cordel, hoje, apresenta-se mais forte e próxima dos leitores, sobretudo para os estudantes em processo formativo.

3.2 O cordel no contexto escolar

A literatura de cordel pode ser vista como forma de expressão, instrumento de representatividade de um povo, gênero literário, veículo de comunicação, entre tantas outras possibilidades, além disso, os folhetos também carregam grande valor estético, artístico, histórico e cultural. Por estas e outras razões, muitos “estudiosos, pesquisadores e cordelistas enfatizam o potencial dos cordéis para estimular a criatividade e o pensamento crítico dos alunos, afora sua capacidade de observar a realidade social, histórica, política e econômica” (Oliveira, 2023, p.96).

Quanto à linguagem poética, Costa (2012, p.3), destaca que esta “é uma arte que se faz no jogo das palavras; palavras que, insufladas por sons, ritmos, cores, gostos, cheiros e encadeamentos lógicos de expressões míticas e líricas, fermentam-se em busca de sentido (sempre em aberto)”. Desse modo, pode-se afirmar que o gênero poético se apresenta como importante recurso para o desenvolvimento das atividades docentes, sobretudo na formação do leitor.

No que tange à formação leitora, não podemos deixar de lembrar que o cordel foi um importante instrumento para a alfabetização de muitas pessoas em um período em que era grande a taxa de analfabetos no Brasil. Conforme salienta o professor Veríssimo de Melo:

Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler por meio de folhetos. E, desta forma, cresce, gradativamente, o interesse

de estudantes e educadores, em todo o Brasil, pela literatura de Cordel para este fim e das muitas maneiras como o folheto pode ser utilizado em sala de aula (Melo, 1982, p. 8).

Não se pode, entretanto, reduzir os textos de cordel a um mero artefato para a aquisição da leitura. Em relação ao aspecto didático-pedagógico, o trabalho com os textos literários na escola possibilita expandir os horizontes dos alunos e permite a formação de um leitor atento às diversas possibilidades de interpretação. Para isso, a escola necessita direcionar o ensino de forma a contemplar a multiplicidade de saberes que podem ser encontrados nos folhetos.

Outra questão a ser posta é que a escola precisa orientar o ensino de língua a partir de práticas discursivas e oportunizar o contato dos alunos com a maior variedade de gênero textual. Conforme orienta a BNCC (2018, p. 70) para o componente de Língua Portuguesa Ensino Fundamental, quanto ao uso dos textos, faz-se necessário contemplar “o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente”, possibilitando que os estudantes conheçam variados discursos, estabeleçam similaridades e diferenças e se apropriem deste conhecimento. Desse modo, segundo Alves (2008, p.106):

A escola entra nesse ponto como veículo capaz de levar os alunos a entrar em contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade.

Nesse viés, a leitura literária de textos representativos, tal qual a poesia de cordel, permite que variados saberes sejam explorados no ambiente escolar, sobretudo em escolas situadas na região Nordeste, como é a nossa, onde o cordel representa uma parte importante da cultura regional. Marinho e Pinheiro (2012) também corroboram com esse entendimento e afirmam ser uma conquista a abertura das escolas para o conhecimento e a experiência com cordel, mas alertam que se deve descobrir a melhor maneira de efetivar esse contato com vistas à formação de leitores.

De fato, a literatura de cordel não deve ser subutilizada nas aulas de língua portuguesa como leitura corriqueira, ou como ferramenta didática adotada em outras disciplinas para o ensino de conteúdo, motivados pela possibilidade de maior compreensão em função da característica poética. Nessa mesma linha de pensamento, Pinheiro (2008, p.16) salienta que o professor deve “[...] levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas pelo seu valor estético, sua dimensão lúdica, seu apelo social e tantas marcas desta modalidade da cultura popular”, o que resulta no entendimento de que o cordel, assim como outros gêneros, não pode ser tomado apenas para o ensino de conteúdos programáticos, mas também enquanto possibilidade para a percepção acerca da qualidade estética da linguagem e do teor temático conforme o contexto comunicativo.

Seguindo as orientações de Pinheiro, identificam-se alguns aspectos que podem ser tratados no trabalho com o cordel em sala de aula. O primeiro deles é o aspecto linguístico, talvez o mais visível em primeiro plano, já que estes textos refletem as características da composição do poema, constituídos por versos, rimas e ritmo. Além disso, não se pode perder de vista a riqueza estética e estilística que os poetas imprimem aos cordéis, bem como o aspecto social, político e cultural como elementos importantes para despertar o debate e a reflexão.

A respeito do último aspecto citado, Alves (2008, p. 107) salienta que o trabalho com a literatura de cordel pode “proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente do Nordeste, palco de tantas disparidades”.

Na obra *O cordel no cotidiano escolar*, Marinho e Pinheiro (2012, p.129) apresentam várias sugestões metodológicas que podem auxiliar para que professores e alunos alcancem os benefícios presentes na literatura de cordel. A primeira sugestão considerada como indispensável para os autores é referente à leitura oral dos folhetos, pois a leitura realizada em voz alta permite que o leitor compreenda o ritmo, a entonação, a expressividade presente no texto e encontre “o seu *páthos*, o núcleo afetivo da narrativa”. Desse modo, sempre que possível, é recomendado ler oralmente e repetidas vezes o cordel.

Marinho e Pinheiro (2012) ainda indicam o uso do cordel para explorar, debater e refletir sobre temáticas variadas, a realização de jogos dramáticos a fim de levar o leitor a criar e recriar a realidade, a elaboração de uma feira de literatura de cordel

onde os vários elementos ligados a este gênero possam ser explorados, aplicação de atividades que permitam ao estudante ilustrar livremente algumas narrativas, bem como o trabalho com as xilogravuras na perspectiva da interdisciplinaridade, entre tantas outras possibilidades.

Oliveira (2023) no livro intitulado *O cordel em sala de aula*, também amplia nosso olhar acerca do vasto campo para o trabalho com o cordel no ambiente escolar e elenca oito benefícios com o uso desta literatura, são eles: reflexão sobre o uso da língua, desenvolvimento de ações interdisciplinares, expansão da criatividade, reflexões acerca dos valores morais, ludicidade, diversificação textual, diálogo com outras artes e por último, conhecimento sobre os elementos da cultura brasileira.

Por esses aspectos mencionados, fica evidente que a literatura de cordel possui diversos componentes que podem ser explorados nas aulas de língua portuguesa e se constitui como significativo instrumento para a realização da experiência de leitura literária.

Desse modo, a fim de realizar a leitura literária em sala de aula na perspectiva do letramento e conscientes do desafio de envolver os estudantes na execução das etapas de leitura e escrita, optamos nesta pesquisa por utilizar a literatura de cordel como um meio importante para o engajamento, formação literária e social dos educandos.

Esta escolha se deu não apenas pelo fato de o cordel ser uma literatura popular de linguagem mais simples e sonoridade agradável, mas também pelos múltiplos aspectos já citados neste texto, e que podem ser explorados nestes poemas repletos de histórias e que demarcam as características de um povo em seu determinado contexto temporal, o que possibilita a formação de leitores capazes de perceber o texto enquanto prática social, relacionando criação estética e realidade.

Assim, envolvidos por esta poesia que denuncia, alerta, informa, diverte e narra as histórias de um povo, que exala cultura popular de forma aparentemente simples, mas com grande capacidade de atingir os propósitos planejados, utilizamos como objeto de estudo para esta pesquisa a literatura de cordel para evidenciar o feminino tanto na temática quanto na autoria.

Múltiplos fatores contribuíram para a escolha do recorte feminino nos textos de cordel para fins deste estudo, o primeiro deles está relacionado ao contexto escolar onde a pesquisa se realiza, e diz respeito a uma questão que sempre foi motivo de

inquietação. Há vários anos, observamos no cotidiano escolar comportamentos, atitudes e posicionamentos que apontam para o desmerecimento do feminino, como, por exemplo, meninas que casam cedo para sair de um lar opressor e muitas vezes são impedidas de estudar pelos maridos, que não podem se expressar e acabam abandonando a escola, “brincadeiras” que associam o feminino à subserviência, tratamento diferenciado destinado às meninas associando-as com as tarefas de servir e cuidar ou a partir da objetificação de seus corpos.

Esses e tantos outros comportamentos são mais comuns do que deveriam ser nas salas de aula e apontam para a urgência de um trabalho de valorização do feminino. Compreendemos que os muros da escola não podem separar a realidade vivida por muitas meninas/mulheres ainda na contemporaneidade, é preciso abordar a temática na sala de aula. Nesse sentido, torna-se imprescindível trazer representatividade para a escola, para que tanto as alunas quanto os alunos possam reconhecer que existem mulheres em nosso entorno, próximas das nossas casas, que foram/são protagonistas da história e das suas próprias vidas.

Além disso, a supremacia masculina, que continua presente na seara do cordel, conduziu o entendimento acerca da carência de um trabalho que despertasse para o feminino também na autoria, já que boa parte da população conhece ou já ouviu nomes masculinos na produção de cordéis, no entanto, ainda há muito desconhecimento acerca de cordelistas mulheres.

Dada a delimitação do uso de cordéis como foco no feminino, houve a necessidade de filtrar os folhetos a partir de dois critérios: cordéis de autoria feminina e que apresentassem temática relacionada ao feminino. Assim, as possibilidades foram sendo reduzidas, até que se consolidou a escolha com base nas respostas dadas pelos estudantes ao aplicarmos o questionário do horizonte de expectativas. Desse modo, foram selecionados cordéis ligados a enredos de lendas, textos informativos e que trouxessem representatividade para a sala de aula.

A seleção do *corpus* foi motivada, também, pelo desejo de começar por cordelistas e cordéis mais próximos dos estudantes com o intuito de trazer conhecimento e valorização para a literatura regional. Para isto, iniciamos com o cordel *A Princesa da pedra da boca* que foi escrito por uma cordelista da própria cidade e ambientado nas proximidades, o qual retrata uma lenda da tradição oral, que apresenta uma personagem feminina fictícia; *Nísia Floresta: uma carta em cordel*, um

texto de autoria de uma cordelista da região e retrata uma personalidade histórica, que fez parte da história brasileira com contribuições para a literatura feminina, além de ter origem próxima da nossa localidade, a cidade de Passa e Fica- RN.

Os demais cordéis selecionados trazem o feminino em diferentes aspectos como temática principal e foram escritos por cordelistas com mais visibilidade no cenário nacional para que os estudantes também tivessem acesso a outras escritas femininas e seus horizontes sobre a representação do feminino fossem alargados.

Quanto à ordem de apresentação e leitura dos folhetos, a distribuição foi estabelecida para estar em consonância com o que é proposto para cada etapa do método recepcional. Assim, tem-se a seguinte sequência: o primeiro cordel utilizado foi *A princesa da pedra da boca* a fim de atender as expectativas de leitura; o segundo foi *Nísia Floresta: uma carta em cordel*, com o objetivo de quebrar os horizontes de expectativas do leitor; e o último folheto foi *Mulher também faz cordel*, com fins de ampliar os horizontes de expectativas. Outros folhetos femininos também foram lidos e utilizados para subsidiar a produção de um cordel coletivo, são eles: *Carolina Maria de Jesus*, presente na coletânea *Heroínas negras* (2020), de autoria de Jarid Arraes; *As herdeiras de Maria* (2017), de Dalinha Catunda; *Lugar de mulher* (2005), de Salete Maria.

3.3 O feminino no cordel

Para as discussões em torno do feminino, é preciso antes disso retomar um conceito importante, o de gênero. Tomado como objeto de estudo em diversas pesquisas no mundo, o conceito de gênero é analisado a partir de diferentes correntes de pensamento como a feminista, a psicológica, a sociológica, a política, entre outras. Para melhor compreendermos o termo, recorreremos à definição da historiadora norte-americana Joan Wallach Scott.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (...) Seria melhor dizer o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado (Scott, 1995, p. 86 e 88).

Diante do que a citada autora apresenta, podemos perceber, inicialmente, que não há um único aspecto para definir gênero. Assim, são apontadas duas proposições unificadas para formar uma definição mais integral: a primeira relaciona que a diferenciação dos gêneros pode ser percebida pela relação entre os sexos no contexto das relações sociais; e a segunda, indica que a diferença é feita tomando por base as relações de poder.

No contexto relacionado aos apontamentos da referida autora, é importante destacar que, a partir das duas proposições apresentadas, ainda é possível verificar diversos subconjuntos que precisam ser levados em consideração como os símbolos, identidades, conceitos social e historicamente construídos, entre outros.

Assim como Scott (1995), Bila Sorj (2019), ao tratar sobre o feminismo, também compreende a categoria de gênero em no mínimo em duas dimensões:

A primeira compreende a ideia de que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino e feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. E a segunda envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição na organização da vida social (Sorj, 2019, p.99-100).

Conforme visto, levando em consideração o gênero enquanto produto social, conforme citado pela autora, podemos concluir que alguns aspectos comportamentais, emocionais e até mesmo visuais atribuídos ao feminino ou ao masculino estão ancorados em construções sociais e não biológicas.

Outro aspecto importante para o entendimento da diferenciação entre os gêneros é a observação das relações de poder e como isto influencia na organização da vida social. A partir de um resgate histórico é fácil compreender que, para o masculino, eram atribuídas tarefas de liderança, força e poder e, para o feminino, ficava o lugar de subalternidade.

No artigo “Campo intelectual e projeto criador”, publicado em 1966, Pierre Bourdieu apresenta a noção de campo intelectual, derivada de uma teoria dos campos sociais desenvolvida pelo autor no início da década. De acordo com este estudo, uma sociedade pode ser compreendida como um conjunto de diferentes microcosmos sociais, com conflitos e interesses próprios. Bourdieu denominou esses microcosmos de “campos”. Cada campo é um sistema estruturado com regras e disposições de percepção e ação (denominado como *habitus*) e espaços de luta pela apropriação ou

redefinição de um capital social específico. A distribuição desse capital é feita de forma desigual entre os agentes do campo, que entram em um jogo de forças para assumir uma posição de poder no campo. No campo intelectual, a luta acontece em torno dos saberes e conhecimentos reconhecidos por instituições por meio de diplomas que possibilitam legitimar a produção de saber.

Verificando o contexto brasileiro, entre 1500 e 1827, a educação era permitida somente a homens, as mulheres eram proibidas de estudar. Ainda no início do século XX se pensava que o estudo de nada serviria para uma mulher, pois sua função na sociedade era ser uma boa mãe e esposa. O estudo era considerado um desperdício de tempo. Os conventos eram a única alternativa para escaparem do analfabetismo.

No Período Colonial, a educação para meninas era feita no lar e voltada especificamente para as atividades domésticas. Somente em meados do século XIX as mulheres começaram a integrar o sistema de ensino, mas ainda bem lentamente, pois os colégios destinados a meninas eram particulares. Por essa razão, muitas meninas que não tinham condição financeira para estudar permaneceram fora da escola. A educação feminina no Brasil iniciou-se com colégios particulares em meados de 1867 e foi apenas em 1880 que as mulheres puderam ingressar no sistema de ensino público, embora ainda alcance um número reduzido.

Esta breve linha do tempo mostra a exclusão feminina no mundo das letras e justifica, nesse contexto de poder machista, o “esconder-se” por trás de pseudônimos masculinos para divulgar suas obras. Esta trajetória do feminino na literatura teve caráter mundial. Uma mulher que tinha atividade intelectual era considerada transgressora.

Conforme pontua Bourdieu sobre o campo intelectual, a presença de uma mulher em um campo cuja lógica é predominantemente masculina justifica a luta “anônima” de tantas autoras para escreverem a história da mulher no mundo letrado. O período de anonimato foi também marcado pela resistência que resultou na visibilidade e no reconhecimento do feminino.

Com base no exposto, compreende-se que a sociedade se desenvolve e se organiza a partir de diferentes características conforme cada época. Assim, as relações sociais se alteram ao longo do tempo, organizando novos modos de pensar, agir e se posicionar. Nesse ínterim, o papel da mulher na sociedade também foi se modificando e hoje a figura feminina possui novas representações.

Na época do Brasil Colônia (1500-1822), as mulheres, tanto na condição de escravizadas quanto livres, eram submetidas à dominação masculina. Em uma família nuclear patriarcal, “a mulher era responsável pelos deveres domésticos e cuidado com os filhos, enquanto o pai trabalhava fora para buscar o sustento da família” (Porto, 2002, p. 262). Baseada nesta composição familiar, muitas mulheres viviam em condição de submissão e silenciamento, pois vivam sob a visão de uma superioridade masculina devido ao trabalho fora de casa, à força física e à função de único provedor da família.

Quando da Proclamação da República em 1889, a situação de invisibilidade das mulheres permanecia a mesma no Brasil. Apenas com o início do processo de industrialização e a necessidade de mão de obra é que as mulheres passaram a ocupar um lugar no mercado de trabalho, com salários inferiores aos dos homens. Na Europa e nos Estados Unidos, mais ou menos nesse período, as mulheres iniciaram um movimento em busca dos seus direitos políticos e sociais (Teles, 1999).

No Brasil, em 1932 foi promulgado o Código Eleitoral (Decreto n.º 21.076/1932), sendo a primeira legislação nacional a consagrar o direito ao voto e à participação política para as mulheres. Na década de 70, do século XX, os movimentos feministas ganharam força no país, denunciando a desigualdade e a opressão que as mulheres ainda sofriam, visando o combate contra a discriminação e a violência (Chehab, 2018).

No decorrer da história, paulatinamente, por luta de muitas, as mulheres passaram a conquistar espaço de representação e fala. Na literatura, nesse caminho de busca por direitos, algumas mulheres se destacaram, a exemplo da escritora potiguar Nísia Floresta que já, no século XIX, lutava pelo direito das mulheres à formação intelectual (Duarte, 1991).

Considerada a primeira escritora feminista brasileira, Dionísia Gonçalves Pinto, nome de batismo de Nísia Floresta, ousou questionar a estrutura vigente e levantar oposição ao lugar destinado às mulheres. Seguindo sua essência revolucionária, em 31 de janeiro de 1838, Nísia abriu uma escola só para meninas com propostas pedagógicas diferenciadas; além disso, ela também escreveu várias obras tratando da figura feminina, entre elas: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, 1832; *Conselhos à minha filha*, 1842; *Daciz ou A jovem completa*, 1847; *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, 1847 (Duarte, 2010).

Além de Nísia, outras mulheres também impuseram sua voz como escritoras no cenário nacional, como a maranhense Maria Firmina dos Reis com a publicação,

em 1859, do romance *Úrsula*, no qual apresentava uma nova postura da mulher diante de problemas sociais. Soma-se a este grupo, Raquel de Queirós, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, Maria das Neves Batista Pimentel primeira cordelista com publicação reconhecida, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Carolina Maria de Jesus, entre tantas outras.

Assim, como agente de representação na sociedade, o lugar da mulher no contexto da produção literária de modo geral também foi sendo alterado ao longo do tempo, figurando inicialmente apenas como temática, as mulheres começaram a escrever seus textos utilizando-se de pseudônimos e mais tarde conseguiram conquistar espaço para autoria.

Na literatura de cordel as mulheres sempre estiveram presentes. Ao considerarmos que este gênero está ligado às tradições orais podemos constatar que muitas mulheres viviam dentro desse contexto, mesmo que não figurassem entre os autores ou pudessem ler os folhetos.

A presença do feminino sempre teve espaço na condição de personagens nas narrativas dos folhetos. Em muitas histórias trazidas pelos portugueses, a figura feminina já estava presente nos chamados romanceiros populares. Algumas dessas narrativas foram recriadas por cordelistas brasileiros, a exemplo de *A imperatriz Porcina* (1950) de João Martins de Athayde e *História da Donzela Teodora* (1905) de Leandro Gomes de Barros, as quais demonstram o interesse dos cordelistas pelo universo feminino.

Embora fosse interessante trazer as mulheres como temática dos folhetos, é preciso levar em consideração que os poemas de cordéis eram construídos a partir da visão masculina dos cordelistas. Dessa forma,

as personagens femininas aparecem geralmente com características bastante diversas, de modo que a forma de tratamento que lhes é dada pode apresentar indicadores da presença de valores dominantes com respeito à ordem moral, social e mítica do período estudado. Mesmo nos momentos em que a mulher é posta a questionar a dominação masculina, esta é feita no interior da lógica patriarcal (Grillo, 2007, p. 154).

Nesse contexto patriarcal, muitos cordéis escritos pela lógica dominante traziam no bojo a figura feminina como protagonista ou personagem importante para o enredo, no entanto sob uma visão conservadora orientada pelos valores morais e sociais eminentemente masculinos. Macêdo e Cordeiro (2021) fizeram um

levantamento acerca da representatividade feminina nos cordéis e como resultados da análise constataram que os perfis/estereótipos femininos mais presentes, nos cordéis do século XIX e XX, eram de princesas caracterizadas por inocência e nobreza.

Marques e Carmo (2022, p. 1094) também apontam para representatividade feminina inocente e acrescentam: “os temas que faziam referência às mulheres apresentavam sempre a mulher frágil e virgem, que era salva por um homem forte e corajoso, ou a mulher estigmatizada como aquela que enganava o marido com suas maldades e faceirices.” Assim, ao longo dos anos, o tratamento conferido ao feminino nos cordéis permaneceu sob o olhar masculino, até que as mulheres conquistassem lugar de fala e pudessem expressar sobre si mesmas e sobre os mais variados temas.

Com relação à escrita, o primeiro cordel publicado com autoria feminina só aconteceu em 1938; o que não significa a inexistência de cordelistas mulheres antes dessa data, isso porque nessa época era comum a escrita anônima de mulheres. Portanto, tem-se a possibilidade de haver outras cordelistas não identificadas até mesmo em períodos anteriores (Queiroz, 2006); de forma que muitos aspectos podem estar relacionados a esta tardia manifestação de cordéis femininos.

Assim, no contexto de ascensão do cordel nordestino, a mulher, como autora, ainda não tinha conquistado espaço de visibilidade na vida pública, diferentemente do homem escritor, para quem era permitido percorrer os sertões em viagens, participando de feiras, eventos artísticos e celebrações religiosas. Isso fez com que esta narrativa fosse caracterizada no Nordeste como uma literatura tipicamente de homens (Queiroz, 2006).

Outro fator que deve ser considerado é que a grande maioria das mulheres não era escolarizada. Por esta razão, muitas não sabiam ler nem escrever; com isso a grafia feminina praticamente não era publicada. Além disso, a forma de exibição pública dos folhetos talvez fosse uma das razões para a ausência das mulheres no cordel no início do século XX. Doralice Queiroz traz, em sua pesquisa, um trecho sobre a realidade vivenciada naquela época:

Seria difícil acreditar que, numa região patriarcalista como o Nordeste, mulheres pudessem cantar ou apresentar, em público, performances capazes de sensibilizar os leitores, levando-os a adquirir a sua produção artística, ou se fazerem conhecidas do grande público de forma que isso possibilitasse a solicitação de seus folhetos pela assistência (Queiroz, 2006, p. 57).

Na sociedade da época, a função das mulheres era, essencialmente, cuidar da casa, do marido e dos filhos, a escrita feminina não era incentivada nem bem aceita pelos leitores. Conforme atesta Duarte (2003, p.152-153) “quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural”.

É neste cenário tradicionalmente masculino, camuflada sob um nome fictício, que o primeiro cordel feminino foi publicado. De acordo com Queiroz (2006, p. 57), em 1938, Maria das Neves Batista Pimentel, “filha do conhecido poeta e editor Francisco das Chagas Batista e casada com Altino de Alencar Pimentel, publica, sob o pseudônimo de Altino Alagoano, um cordel com o título *O violino do diabo ou o valor da honestidade*”, o qual só teria a verdadeira autoria foi revelada anos depois.

Assim como Pimentel, aquelas que se atreviam a escrever cordéis, o faziam no anonimato e, muitas vezes recorriam a pseudônimos masculinos para conseguir que seus escritos fossem publicados, a exemplo da cordelista Vicência Macedo Maia e outras cordelistas (raras) que podem ser encontradas em acervos de bibliotecas. Conforme relata Queiroz (2006, p. 59):

Em 1980, Josefa Maria dos Anjos, escreve o folheto de cordel *Briga di ponta di rua* (Aracaju – SE). De 1982, encontrei o folheto *Lampião – vagalume do sertão*, de autoria de Yonne Rabello, que se intitulava ‘Trovadora Pernambucana’. A autora Maria Arlinda dos Santos publica também em 1982, em Salvador (BA), o folheto intitulado *A história de Zé Fubuia*. (Grifos do autor)

Como se observa no trecho citado, somente anos depois do cordel publicado por Maria das Neves, especificamente, após 1970, tem-se conhecimento de outras mulheres na autoria dos textos, ainda que restrito ao conhecimento de poucos. Dessa forma, depois de um contexto com situação de anonimato, as mulheres começaram conquistar voz na autoria de cordéis. De acordo com Santos (2009, p. 79) “as mulheres só passaram a publicar seus folhetos a partir tanto da sua inserção no mercado de trabalho como a partir do momento em que tiveram acesso aos códigos de escrita”, ou seja, foi com a combinação desses dois processos que impulsionaram maior participação das vozes femininas no cordel.

Com o objetivo de difundir a literatura de cordel com destaque para a autoria feminina, Doralice Queiroz (2006) realizou um trabalho em campo nos principais acervos de cordel do Brasil acerca da autoria feminina de cordéis, resultando na identificação de 70 mulheres cordelistas e 170 títulos. Como conclusão, a pesquisa

aponta que a escrita feminina, em sua maioria, se desenvolve e retrata elementos da sociedade, em linguagem popular, abordando diversos temas com novas perspectivas.

Ainda no que se refere à citada pesquisa, Queiroz (2006, p. 102) ressalta o perfil das mulheres cordelistas que “diferentemente dos seus percussores masculinos (...), têm um nível de instrução formal elevado. A grande maioria das poetisas são vinculadas a universidades, exercem o magistério e outras funções de nível superior”. E, normalmente, estas produzem os textos em paralelo a outras atividades, não como único meio de subsistência.

Eis alguns nomes femininos de destaque na produção de cordéis: Josenir Lacerda (CE), Ivonete Moraes (CE), Dalinha Catunda (CE), Salete Maria (CE), Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha) (CE), Isabel Nascimento (SE), Jarid Arraes (CE), Julie Oliveira (CE), Lourdes Nunes Ramalho (PB), Maria Godelivie (PB), Madu Costa (MG), Cleusa Santo (SP), Nilza Dias (SP), Daniela Almeida (CE), entre tantas outras.

Com linguagem diversificada e histórias envolventes contadas em rimas, o cordel feminino é lugar de expressão para as mulheres manifestarem seus sentimentos, pensamentos e posicionamentos acerca de diversos assuntos, assim como um meio de registro de fatos importantes da nossa história. Nas palavras de Santos:

A presença feminina como autoras de cordéis, apesar de herdar a tradição, também vai instituir uma outra autonomia. Elas vão ressignificar a literatura de cordel a partir de temas próprios, como o feminino, ecologia, saúde da mulher, etc., ao mesmo tempo em que inauguram outros espaços de veiculação do cordel, como escolas, passeatas, instituições, universidades (Santos, 2002, p.80).

Conforme a autora aponta, o cordel feminino contribui para a diversificação de temas escritos com a autonomia de quem conhece bem o assunto, veiculando-os nos mais variados espaços. Deste modo, a escrita feminina ressignifica a literatura de cordel ao revelar seu ponto de vista em um discurso no qual trata de uma pluralidade de assuntos com a destreza de quem é capaz de reunir elementos diversos, “assim a escrita do cordel feminino é enriquecida com veios sociológicos, filosóficos, históricos que se unem a feições familiares e tradicionais, em total harmonia no texto poético” (Queiroz 2006, p.59).

Com inserção no meio hegemônico do cordel, atualmente, as mulheres cordelistas conseguem escrever e propagar o seu trabalho por diferentes meios, como as escritoras Elizabete Faustino, Anne Karolynne e Salete Maria², que terão suas obras como objeto de estudo nesta pesquisa.

Cada uma a seu estilo, as citadas cordelistas demarcam bem o espaço da mulher no cordel. Ao utilizar a literatura de cordel para evidenciar o feminino, estas escritoras representam a mulher de diferentes formas e levam para o público um assunto que é sempre atual com a sensibilidade e a força próprias do feminino, como pode ser visto a seguir.

A cordelista Elizabete Faustino nasceu em 1967, é filha de agricultores, professora, natural de Passa e Fica - RN, e já escrevia cordel aos 10 anos. Assim como outros cordelistas locais, a escritora possui mais de 20 cordéis de sua autoria, embora grande parte ainda por ser publicado. Sua produção literária se desenvolve com atenção para os eventos, paisagens, acontecimentos e cultura da região. Sempre ligada ao contexto educacional, Elizabete constantemente tem seus cordéis lidos em sala de aula, principalmente a sua obra mais conhecida na cidade, *A princesa da pedra da boca*.

Motivada por uma antiga lenda propagada entre os moradores do Sítio Calabouço, zona rural de Passa e Fica, Elizabete Faustino construiu o cordel *A princesa da pedra da boca* (2011), no qual retrata uma princesa meiga, doce, indefesa, frágil e virgem que mora em um castelo e que procura por pretendentes fortes e corajosos para casar-se. De acordo com Macêdo e Cordeiro (2021), muitos cordéis como esse reforça o pensamento patriarcal de belas moças comportadas colocadas em situação de perigo necessitando de um salvador, fortalecendo o estereótipo do feminino. Conforme pode ser visto nos versos a seguir:

Quando a linda princesa
 Quinze anos ia fazer
 O rei falou para a filha
 Tá na hora de escolher
 Pra você um pretendente
 Uma festa vou fazer.
 (...)
 A princesa era tão linda
 Causava admiração
 Era tão meiga tão doce

² Os nomes completos das cordelistas são Anne Karolynne Santos de Negreiros; Elizabete Faustino; Salete Maria da Silva. Faremos uso conforme registram nos cordéis.

Como uma rosa em botão
Seus olhos céu estrelado
Em noite de São João
(Faustino, 2011, p.2-3)

No trecho citado, vemos que a jovem mulher corresponde ao estereótipo de princesa delicada e que necessita de uma figura masculina que a complete e proteja; um protótipo de uma cultura machista, na qual a mulher precisa casar submetida a um pretendente arranjado pelo pai.

Por meio do arranjo estético, em estrofes com versos metrificados em sete sílabas, marcando o ritmo e rimas constantes, o feminino é retratado com qualificativos de beleza de causar admiração. A linguagem figurada em metáfora e comparações não só valoriza a beleza de uma jovem debutante, de “olhos estrelados”, como destacam sua fragilidade tal qual uma “rosa”. Estruturado por uma linguagem próxima da oralidade, o cordel instiga o leitor para o prazer estético, suscitando a imaginação e a criatividade ao buscar estabelecer relações entre a realidade cantada e a do mundo atual.

Quanto à parte estrutural, assim como os poemas de cordel mais comuns, o cordel *A princesa da pedra da boca* é composto por 30 estrofes, escrito em sextilhas com versos em ABCBDB, sendo escrito em redondilha maior. Na construção textual, logo nos primeiros versos, a cordelista pede inspiração para a escrita e segue os três elementos principais das narrativas populares: a situação inicial, a ação central e a situação final. Para isto, Elizabete apresenta o lugar onde se passa a história, os personagens e estrutura as primeiras ações, para em seguida acrescentar os eventos que dão continuidade a história e finalizar com uma breve despedida.

A capa tem ilustração em xilogravura (ver anexo 1, p. 112) feita pelo gravador Jorge Rodrigues da Silva na qual aparecem um rapaz e uma moça em meio a uma paisagem formada por algumas árvores, um caminho e com destaque para uma grande pedra com uma abertura no meio, popularmente conhecida como a pedra da boca.

Em relação à narrativa poética, pode-se verificar a presença de poucos personagens, acompanhado de descrições do local e das situações. Neste poema, a cordelista apresenta uma lenda que se passa no Parque Estadual da Pedra da Boca, e, ao longo do texto, o leitor é convidado a inserir-se na trama por meio do impasse apresentado, a saber, desencantar a princesa de uma maldição feita pela bruxa que

ficou descontente, pois, o filho não recebeu o convite para o baile com a princesa. Para isso, os verbos no modo imperativo marcam o tom de proposição “se você souber da data/ vá e desencante ela/ more no lindo castelo/ despose a jovem donzela (Faustino, 2011, p. 7).

No trecho acima, é possível perceber que ao utilizar o recurso de falar diretamente ao leitor, a cordelista promove uma maior proximidade com o público leitor, conduzindo-o para uma leitura mais fluída em que o entretenimento e a ludicidade se fazem presente. Nessa perspectiva o referido cordel apresenta grande potencial pedagógico, uma vez que, pode “atuar como instrumento de incentivo à leitura devido ao seu caráter de ludicidade” além despertar a criatividade do estudante (Paixão, *et al*, 2023, p. 609).

A segunda cordelista na qual esta pesquisa se apoia é a escritora Anne Karolynne, nascida em 1989, natural de Campina Grande, mãe, cordelista e enfermeira especialista em saúde mental, Anne começou a escrever cordéis aos 12 anos e hoje desenvolve um projeto denominado “Cordel Personalizado” no qual transforma publicidade, histórias, homenagens, convites e campanhas em poesia de cordel, assim, a cordelista coleciona uma vasta produção de cordéis tendo mais de duzentas biografias rimadas através da literatura de cordel.

Premiada em diversos eventos como no Festival *Vamos Fazer Poesia* (2018), concursos *Jackson do Pandeiro: 100 anos do Rei do Ritmo* (2019), *Prêmio Maria Pimentel* (2020) e *Prêmio Nísia Floresta de Literatura – 210 anos* (2020), as produções literárias em cordéis de Anne Karolynne são bem diversificadas do ponto de vista temático. Seus cordéis transitam pelas áreas da saúde, educação, reflexões sobre a vida e causos nordestinos, para isso a escritora utiliza as redes sociais e o ambiente tecnológico como principal meio de acesso aos seus trabalhos, os quais são constantemente utilizados como recurso pedagógico nas escolas da região, além de fonte de informação para área da saúde.

Compõe o *corpus* desta pesquisa o cordel de autoria da referida cordelista intitulado *Nísia Floresta: Uma carta em cordel* (2021). Neste poema, destaca a figura de Nísia Floresta, uma personalidade presente na nossa história, real, uma mulher forte, inteligente, com o perfil transgressor a frente do seu tempo que, já em 1810, questionava o papel da mulher na sociedade, figurando no cenário literário brasileiro como uma das primeiras escritoras mulheres. Além disso, Nísia Floresta também

contestava a visão inferiorizada da capacidade cognitiva das mulheres, conforme Anne Karolynne demonstra no seu cordel presente na *Coletânea Poética: Prêmio Nísia Floresta de Literatura*:

Nísia é muito conhecida
 No colégio em que eu estudo
 É famosa, sobretudo,
 Pelo que fez nessa vida.
 Ela lutou, sem medida,
 Por direitos femininos.
 Criticava seus destinos,
 Buscava mais instrução,
 Cultura na formação
 De todos os seus ensinamentos

— Por que é que o homem domina?
 Ele é ser superior?
 E a mulher... inferior?
 Por acaso é uma sina?
 Nísia nos abre a cortina
 Pra ver que a mulher é mais.
 Vem mostrar que ela é capaz
 De fazer o que quiser.
 E não é por ser mulher
 Que deve ficar pra trás.
 (Karolynne, 2021, p.19)

Escrito em décimas de sete sílabas, este cordel contém 16 estrofes, com rimas do tipo ABBAACCDDC, o cordel biográfico supracitado foi elaborado por ocasião da premiação em homenagem aos 210 anos do nascimento da escritora Nísia Floresta, no qual recebeu o 1º lugar.

A riqueza da composição sonora dos versos, expressa pelo ritmo e cadência, desperta para a beleza estética do cordel enquanto convida o leitor à declamação, construídos com base em uma linguagem oral próxima do leitor. Assim a poetisa “exerce efeito encantatório sobre seus leitores/ouvintes, um encanto transmitido pela palavra viva, grafada no papel e inscrita na voz” (Matos, 2007, p.151). O cordel também aponta para as potencialidades expressivas da língua, como pode ser visto na estrofe a seguir:

Querida Anne, não desfiz
 A nossa linda amizade.
 Faltou lhe escrever... verdade.
 Mas quando vim pra Paris,
 Parecia outro país:
 Mil vezes mais avançado.
 Eu me envolvi um bocado

Com a cultura e o estudo
E lhe escrevo, sobretudo,
Pra lhe contar um babado.
(Karolynne, 2021, p.18)

Nos versos citados, podemos perceber no uso dos vocábulos “bocado”, “babado”, indicando a aproximação da linguagem cotidiana. Além disso, a construção da narrativa poética é feita mediante a comunicação entre as personagens por meio de cartas. Desse modo, o cordel desperta para a diversidade textual o que permite o leitor explorar gêneros diferentes.

Outro ponto importante é que no folheto, além de Nísia Floresta, a cordelista utiliza as personagens Anne, Marilla e Daiana da série literária “Anne of Green Gables” presente na Netflix, da obra de Lucy Maud Montgomery, publicada em 1908.

Lançado na Netflix em 2017 sob o título de *Anne with na E*, o seriado conta a história de Anne Shirley, uma jovem órfã com cerca de 13 anos, determinada, tagarela, esperta, cheia de imaginação e criatividade que vê poesia e encantamento nas coisas mais simples, além de uma ótima bagagem cultural adquirida por meio da leitura e vocabulário bastante maduro para sua idade. Apesar do espírito imaginativo e sonhador, Anne traz vivências muito duras de exploração, discriminação e falta de empatia vivenciados nos lugares por onde passou, e busca um lar acolhedor e amoroso para viver.

Por engano, a jovem Anne é enviada para a família Cuthbert onde vivem Matthew Cuthbert, um senhor amigável, acolhedor e discreto; e sua irmã Marilla, uma mulher forte, rígida, controladora, mas no íntimo amável. Os irmãos buscam adotar um menino e não uma menina para auxiliar nas atividades da fazenda onde moram. Assim, mesmo possuindo inúmeras qualidades para permanecer na fazenda, Anne busca provar que pode acrescentar a família com muito amor e ainda fazer tudo que um menino faria.

Ao chegar à fazenda, Anne conhece e torna-se amiga de Daina, uma garota mais ou menos da sua idade, bonita, gentil, delicada, com muitas habilidades como bordar, cozinhar, que nutre o sonho de trabalhar com a moda. A amizade entre as duas é repleta de novas experiências perpassada por temáticas como a lealdade, inferiorização humana e quebra de paradigmas.

No cordel, o enredo é construído pela troca de cartas entre as amigas Daiana e Anne, que voltam a manter contato anos depois. Neste novo momento, Daiana

escreve de Paris para contar a amiga sobre Nísia Floresta e seu exemplo de força, ousadia e determinação. Pela aproximação dos ideais relativos à busca de igualdade e inclusão, o cordel estabelece uma ponte entre Anne e Nísia Floresta, uma mulher revolucionária, conhecida pelo olhar para os menos favorecidos, mulheres, negros e escravos.

Na capa do cordel, a ilustração em xilogravura feita pela artista Nireuda é bastante detalhada (ver anexo 2, p. 115). Ambientada em um celeiro com uma fazenda ao longe, está presente uma jovem de vestido, tranças, botas, com o chapéu bem próximo e um papel na mão. Essas especificidades fazem referência à personagem Anne do seriado e ao papel da carta mencionada no título do folheto, estabelecendo um diálogo entre a arte literária do cordel e a arte cinematográfica. Elemento estético necessário, as imagens presentes nos folhetos de cordel são fundamentais para a experiência literária como um todo, já que

a poética da imagem e a poética do verso estão associadas de tal modo que palavra e imagem são fundamentais nas artes do cordel, quando as figuras do desenhista, do xilogravurista, do escritor e do leitor se confundiram, pois tanto a imagem quanto o texto existem para serem lidos por alguém. (Melo, 2010, p. 97)

Em um mundo tão cheio de estímulos visuais, as imagens estampadas nos cordéis são um incentivo para a imaginação e a criatividade, aguçando ainda o senso estético dos leitores. Assim, a compreensão dos recursos visuais presentes na capa possibilita um diálogo entre os leitores, o texto, o xilogravurista e a poetisa.

A terceira cordelista que compõe esta pesquisa é a escritora Salete Maria da Silva, nascida em 1970, na cidade São Paulo. A poetisa, advogada e professora Salete aprendeu a fazer cordel com uma avó, Maria José, que era cega e analfabeta. Está completando 30 anos de produção de literatura de cordel, período no qual publicou mais de uma centena de folhetos. Desde 1994, quando publicou seu primeiro cordel *Mulher Consciência – nem violência, nem opressão*, seu trabalho vem conquistando grande alcance, sendo utilizado em cursos, palestras, debates, além de ser objeto de estudo em mestrado e doutorado. Sua escrita abrange múltiplas temáticas, mas com ênfase para as questões de gênero; utilizando-se de diversas linguagens, a poetisa apresenta uma rima inventiva, potente e irônica.

No poema *Mulher também faz cordel (2005)*, a cordelista aborda a história da mulher no mundo dos folhetos, exibindo um panorama da situação do cordel no Brasil,

desde às suas origens até os dias atuais, com destaque para o processo de luta e ascensão da mulher no contexto da produção de cordéis. Vejamos um recorte:

O folheto de cordel
 Que o povo tanto aprecia
 Do singelo menestrel
 À mais nobre Academia
 Do macho foi monopólio
 Do europeu foi espólio
 Do nordestino alforria

Desde que chegou da França
 Espanha e Portugal
 (recebido como herança)
 De caravela ou nau
 O homem o escrevia
 Fazia a venda e lia
 Em feira, porto e quintal

Se agora a gente vê
 Mulher costurando rima
 É necessário dizer
 Que de limão se fez lima
 Hoje o que é limonada
 Foi água podre, parada
 Salobra com lama em cima
 (Silva, 2005, p.2)

De caráter histórico, o folheto retoma a origem do cordel no Brasil, bem como o início da autoria feminina, dando destaque às mulheres cordelistas ignoradas pela historiografia do cordel em um texto capaz de reunir elementos importantes para a compreensão da presença da mulher na literatura cordelista. Diante disso, a poesia retrata personagens reais da nossa história mencionando, por exemplo, as cordelistas Maria Batista Pimentel e Vicência Machado Maia.

A capa apresenta uma xilogravura do ilustrador Nelson Araújo (ver anexo 3, p.114) onde aparecem várias mulheres sem uma face definida, que dá margem para várias interpretações, podendo significar certo apagamento e falta de identificação individual da mulher, ou indicando para o protagonismo feminino na escrita de cordéis, que pode ser assumido por todas as mulheres, além de outras interpretações possíveis dadas à subjetividade artística.

Além disso, o uso do termo “também” logo no título desperta para múltiplas interpretações, pois apresenta um jogo de sentidos com algumas possibilidades, a primeira delas é de que as mulheres possuem capacidade cognitiva para autoria de textos tanto quanto os homens, e a segunda, é a de que as mulheres também podem

ser cordelistas além das múltiplas tarefas já assumidas, ou as duas concomitantemente.

Quanto ao aspecto composicional, o folheto está estruturado por 36 estrofes, em setilhas, com versos em esquema de rimas ABCBDDDB, com destaque para rimas como auxiliar mnemônico³ como pode ser visto nos seguintes versos:

E durante muitos anos
Assim a coisa se deu
Em muitos cordéis tiranos
A mulher emudeceu
O homem falava dela
Mas não falava com ela
Nem ela lhe respondeu
(Silva, 2005, p.6)

Por fim, é importante destacar que a utilização da leitura literária de cordel com temática e autoria feminina em sala de aula proporciona reconhecimento e valorização de um texto capaz de agregar conhecimentos de naturezas diversas (educativo, social, estético, artístico, composicional, humano e cidadão) aos educandos.

No que se refere à temática, a questão feminina é necessária para os jovens em formação, haja vista não ser incomum uma visão distorcida e preconceituosa acerca da figura feminina, pelas próprias alunas e por seus pares, gerando uma postura de segregação de tarefas, habilidades e comportamentos associados a determinado gênero. Conforme posto por Duarte (2003, p.168):

Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença absurdamente desigual de mulheres em assembleias e em cargos de direção, e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física.

O patriarcalismo, com efeito, tem um papel definitivo na invisibilidade da mulher na ciência, ambiente considerado majoritariamente masculino e propício para o desenvolvimento de pessoas que, igualmente, apresentem características entendidas pela sociedade como tipicamente masculinas: força, segurança, agressividade, competitividade, entre outras (Bourdieu, 2012).

Assim, a utilização da leitura e da escrita como prática social possibilita o reconhecimento das origens patriarcais que levaram à submissão das mulheres no

³ Abreu (1999) aponta a regularidade das rimas como um recurso facilitar para a memorização dos versos.

meio literário, científico, social, bem como o reconhecimento da problemática nos meios sociais atuais. Além disso, a utilização de cordéis com temática e autoria feminina preserva o lugar de leitura literária que transforma e faz crescer à medida que permite a reflexão da organização social na qual estamos inseridos.

É possível verificar, a partir do exposto, que a tendência para o uso do cordel no contexto de ensino deve estar orientada tanto para a questão do letramento literário quanto para a formação humana e social dos estudantes.

Conforme exposto, tendo por base na concepção de leitura e escrita como prática social (Soares, 2009) e na relevância de uma pesquisa que trate de temáticas sociais como o feminino na perspectiva do letramento literário (Cosson, 2021), ancoramos esta pesquisa na literatura de cordel para evidenciar o feminino da temática à autoria. Em função disso, utilizamos do método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988), com fins de despertar o protagonismo do leitor ao reconhecer, valorizar e ampliar seus horizontes de letramentos sobre o conhecimento literário, o histórico-social, possibilitando a formação crítica do sujeito.

4. ASPECTOS DA PESQUISA

Neste capítulo, discorreremos sobre aspectos referentes à pesquisa, os procedimentos metodológicos adotados e os instrumentos de coleta de dados. Aqui estão descritos a natureza da pesquisa, o campo e os colaboradores da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, além da proposta de intervenção.

4.1 Natureza da pesquisa

O presente estudo partiu de um levantamento bibliográfico sobre as temáticas aqui abordadas, seguindo as orientações metodológicas da pesquisa-ação (Thiollent, 2011) por ser uma pesquisa feita em grupo em que os partícipes (professor-pesquisador e alunos) possam aprender com suas próprias experiências, e, a partir desta aprendizagem, transformar o meio na qual ocorreu. Neste sentido, justifica-se a pesquisa-ação uma vez que perpassa pela “intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos” (Gil, 2017, p.38).

Para Thiollent (2011), o objetivo da pesquisa-ação está em esclarecer e resolver os problemas observados. Em função das leituras propostas em sala de aula, esta pesquisa tem por foco o agir e requer a participação de todos os sujeitos envolvidos na ação planejada, para fins do fechamento de um produto final: o caderno pedagógico.

Para a realização desta pesquisa-ação com fins no letramento literário a ser realizado na sala de aula, utilizando da literatura de cordel de autoria e temática feminina, usamos o método recepcional proposto pelas autoras Bordini e Aguiar (1988, p. 82). Os conceitos que engendram tal método pontuam que a recepção é concebida como uma “concretização própria à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria da estética da recepção.” Assim, a concretização da leitura é decorrente das avaliações continuadas atribuídas pelos leitores à criação do artista, que passam por modificações conforme a população avalia a obra em certo tempo e a partir de determinada norma estética vigente.

Constituído por cinco etapas: (I) determinação, (II) atendimento, (III) ruptura, (IV) questionamento e (V) ampliação do horizonte de expectativas; o percurso do

método recepcional tem caráter teórico-pedagógico no sentido de possibilitar a reflexão sobre a função social da leitura, o papel da escola na formação de leitores, bem como apresentar sugestões para a seleção de textos para o Ensino Fundamental. Observando esses aspectos, para esta pesquisa, foram selecionados como objeto de estudo textos da literatura de cordel.

Para melhor definição dos aspectos metodológicos a serem adotados, observamos o caráter exploratório, descritivo e qualitativo da pesquisa. Conforme aponta Gil (2017, p. 26), as pesquisas exploratórias visam “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Dessa forma, o caráter exploratório se aplica no que se refere aos problemas identificados com relação à competência leitora, bem como as hipóteses construídas para intervir na problemática identificada.

O caráter descritivo também é apontado como uma característica do presente estudo, uma vez que se pretendeu relacionar o fenômeno estudado e exposto na literatura à realidade social, destacando opiniões, atitudes e crenças, a partir das relações estabelecidas entre o caráter sociocultural apresentadas pela temática feminina dos poemas da literatura de cordel.

Este se trata também de um estudo de abordagem qualitativa, uma vez que são considerados os aspectos subjetivos da aprendizagem (dificuldade, estímulo, compreensão, esforço, persistência, interesse). O aspecto qualitativo ganha destaque, pois a pesquisa qualitativa proporciona a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno estudado (Minayo, 2010). Assim, é possível confrontar a teoria, os objetivos, as hipóteses e os achados de pesquisas, a fim de proceder inferências e interpretações, o que, neste estudo, trata-se do letramento literário, tendo como ferramenta a leitura da literatura de cordel voltado para a temática do feminino.

4.2 O contexto da pesquisa: escola campo e colaboradores

Esta pesquisa teve por campo a Escola Municipal Governador Mário Covas que está localizada no bairro São Pedro, no município de Passa e Fica- RN. É uma escola de Ensino Fundamental anos iniciais e finais do ensino regular nos turnos matutino e vespertino, bem como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno. Esta escola

recebe alunos de todos os outros bairros da cidade, além da zona rural. A escola atende um total de 762 alunos, sendo que 273 deles estão no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, 451 no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, e 38 na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Com relação à estrutura física, a escola conta com doze salas de aula para atendimento do público do Ensino Fundamental; possui ainda um laboratório de Informática desativado, uma sala de coordenação pedagógica, uma secretaria para atendimento à comunidade escolar, uma sala de direção, uma cozinha, um refeitório, uma sala dos professores, banheiros para professores e banheiros para os alunos.

Quanto aos equipamentos, a escola tem dois projetores multimídia, duas caixas de som e microfones para utilização em reuniões e eventos, um televisor com aparelho de DVD móvel. A instituição possui ainda uma máquina de fotocópias para todo o atendimento escolar e uma rede de internet para acesso geral da escola.

No que tange ao conjunto de pessoas que integram a escola, temos um diretor-geral, um vice-diretor, um coordenador pedagógico e um supervisor pedagógico. Em seu quadro, o estabelecimento de ensino conta com um total de 31 professores, 24 agentes do Programa Mais Educação, 08 auxiliares de serviços gerais, 05 porteiros e cinco cozinheiras.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico, a instituição se propõe a oferecer aos alunos os serviços educacionais básicos com base nos princípios emanados da Constituição Federal (1988) e da Estadual, bem como da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/1996), objetivando oferecer aos alunos o ensino gratuito, espaço, oportunidades e ferramentas que os transformem em cidadãos livres, ativos, conscientes, capazes de conviver em sociedade, entendendo e interpretando o seu dia a dia.

A filosofia adotada está voltada para a formação de cidadãos capazes de:

- a) agir com autonomia, solidariedade e responsabilidade (no seio familiar, em outras instituições, na comunidade);
- b) exercer valores morais, éticos e estéticos da cultura local;
- c) vivenciar e cultivar valores como: ética, tolerância, cooperação, justiça, honestidade, empatia, solidariedade, respeito;
- d) exercer a criticidade, a criatividade e intuição nos questionamentos à realidade;
- e) construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e gradativamente mais amplas;

f) valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural, local, regional e universal e de repúdio a qualquer tipo de discriminação
(Fonte: Documento da escola: Projeto Político Pedagógico, 2019, p. 15)

A proposta desta pesquisa está direcionada para uma turma de 9º ano, com o total de 35 alunos matriculados, com idades entre 14 e 19 anos, sendo 17 alunos do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Dos 35 alunos, 27 alunos são da zona rural, oriundos de 08 de comunidades rurais.

Ao longo do ano letivo este número foi variando, pois 03 desses alunos realizaram a matrícula, mas não compareceram para as aulas, 02 alunos foram transferidos e outros 02 evadiram, assim conclui-se o ano letivo com 28 alunos frequentes, número de participantes da pesquisa. Desse número final, 15 alunos recebem o benefício do Programa Bolsa Família, subsídio do Governo Federal, então a assiduidade destes é mantida. Embora, em sua maioria, a turma demonstre interesse pelas atividades propostas nas disciplinas escolares, tendo apenas dois repetentes, os relatos sobre anos anteriores evidenciam práticas infrequentes de leitura literária na escola. Tal fato direcionou a pesquisadora deste estudo a apresentar em cada aula um livro ou texto diferente, além de levá-los à biblioteca central do município para incentivar a consulta do acervo e o empréstimo de materiais de leitura.

Em relação à docente-pesquisadora, sou formada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III - Guarabira, em 2011. Atualmente, mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Letras da UEPB. Na escola que se configura como campo de estudo, iniciei minhas atividades como professora efetiva em fevereiro de 2015, desempenhando atividades com alunos do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Portuguesa, sempre com atenção para a leitura e a literatura como base para a prática pedagógica.

4.3 Procedimentos da pesquisa para a coleta e análise de dados

O plano de intervenção foi organizado com base em diferentes instrumentos de coleta de dados a fim de acompanhar o processo de aplicação da metodologia proposta e obter informações pertinentes às práticas de leituras.

No primeiro momento, utilizamos um questionário estruturado em questões semiabertas com o objetivo de compreender a relação dos alunos com a prática da

leitura, bem como observar seus interesses de leitura e o conhecimento prévio acerca do gênero cordel, a fim de determinar os horizontes de expectativas. Nos momentos posteriores, fizemos uso do diário de leitura, adotado como instrumento de acompanhamento das leituras realizadas, como fonte de registro das subjetividades apresentadas a partir das atividades propostas.

O questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por um conjunto ordenado de perguntas, que devem ser respondidas por escrito com ou sem a presença do entrevistador, o qual se apresenta como um recurso bastante utilizado nas pesquisas, pois se trata de uma técnica de custo razoável, apoiada em questões iguais para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter variadas perguntas conforme os objetivos e as finalidades específicas de uma pesquisa, Barbosa (1998). Além disso, de acordo com Chaer *et al*, (2012, p. 51) “quando se trata de problemas cujos objetos de pesquisa correspondem a questões de cunho empírico, envolvendo opinião, percepção, posicionamento e preferências dos pesquisados” o questionário é recurso bastante viável e pertinente de ser utilizado, assim, o uso do questionário para a percepção dos horizontes de expectativas dos estudantes mostra-se adequado.

Desse modo, a fim de compreender a percepção e posicionamento dos estudantes, relacionado ao campo da leitura, seus interesses, preferências, bem como reconhecer como enxergam e se relacionam com a literatura de cordel, foi feita a aplicação de um questionário com questões semiabertas (apêndice 1, p. 127) em contato direto com o estudante logo na primeira parte da intervenção, correspondendo ao momento de determinação do horizonte de expectativas, com o intento de melhor conduzir as outras etapas.

Dada a natureza exploratória da pesquisa e a escolha do método recepcional (Bordini e Aguiar, 1988), surgiu a necessidade de um instrumento de coleta de dados que pudesse indicar qual o caminho percorrido no processo de leitura e escrita para os estudantes/leitores. Assim, utilizamos do diário, pois de acordo com Vieira (2010, p.98):

O diário como recurso de pesquisa favorece o registro do fenômeno investigado com toda a variabilidade do objeto em diferentes momentos. Cabe salientar que o diário, dada a sequencialidade do fenômeno descrito, permite obter o resumo e o comentário dos fatos. Desse modo, o diário torna-se um poderoso descritor e um auxiliar inestimável para o(a) pesquisador(a).

Partindo da assertiva de que o registro escrito favorece a escrita dos alunos ao mesmo tempo em que aproxima o leitor do objeto de estudo, a utilização do diário em sala de aula tende a levar os alunos a relatar de forma pessoal sua relação com o texto. Conforme nos lembra Bortoni-Ricardo (2008, p.47), “O diário também é uma antiga prática de letramento bem consolidada em nossas culturas”, podendo desenvolver um caráter mais reflexivo.

Para fins desta pesquisa, optamos pela utilização do diário de leitura (Machado, 1998; 2005), o qual será o principal instrumento de coleta de dados, uma vez que será utilizado em quase todas as etapas de aplicação do método recepcional durante o período de 17 h/a. O diário de leitura utilizado se trata de um caderno físico, onde o estudante irá registrar as percepções após as leituras, durante todo o desenvolvimento do plano de intervenção, objetivando proporcionar a oportunidade para que os alunos se expressem.

O diário de leitura se inscreve como uma ferramenta muito importante para registro e, posteriormente, revisitação do que ocorreu durante o desenvolvimento do projeto. Ele deve ser utilizado durante o período de intervenção e seu preenchimento permitirá a observação e avaliação do percurso trilhado por cada aluno. De forma simplificada, Machado caracteriza a produção do diário de leituras

como uma ‘conversa’ com o autor do texto, ele se constitui como um texto de características dialógicas acentuadas, uma vez que não só institui um diálogo entre leitor e autor, mas também favorece o despertar do aluno para o dialogismo existente entre diferentes discursos verbais e não verbais que nos constituem, rompendo barreiras estanques entre diferentes domínios de conhecimento. Em síntese, ele leva os alunos a desenvolverem, por meio da escrita, diferentes operações de linguagem que leitores maduros naturalmente realizam, quando se encontram em situação de leitura. (Machado, 2005, p. 65)

Como o próprio nome diz, o diário deve ser preenchido cotidianamente ao longo de todo o trabalho, com anotações e qualquer ideia que possa ter surgido no decorrer do desenvolvimento das aulas. O registro no diário contém a data e o local da leitura realizadas, as expectativas, primeiras percepções, descobertas e indagações que foram surgindo, os resultados e suas conclusões.

Ao realizar uma leitura em sala de aula, por exemplo, o aluno anota suas expectativas, reflexões e conclusões no diário. Assim, durante o período de aplicação da intervenção, o estudante pode registrar no seu diário de leitura as percepções

acerca das capas dos cordéis, sobre o título, as informações sobre a cordelista e/ou o ilustrador, além do processo de leitura propriamente dito e qualquer outra ação que se queira. A importância está em organizar e registrar, cronologicamente, as observações sobre o processo de desenvolvimento durante a aplicação do plano de intervenção.

Para uma melhor organização, os diários de leitura foram entregues já prontos aos alunos, em formato de cadernos pequenos, os quais a professora/pesquisadora personalizou com a temática de cordel. De posse dos diários, os estudantes preencheram o campo destinado para identificação, nesse momento cada estudante escolheu um pseudônimo que o representasse ao longo das aulas e, além disso, foi fixado na contracapa um roteiro para o preenchimento do diário, objetivando orientar o processo de escrita. O roteiro anexado ao diário possui as informações seguintes:

Instruções para registro do diário de leitura

1. Observe o título do texto e registre no seu diário: - suas impressões: - tem vontade de ler? - que tipo de texto espera encontrar? Sobre o que você acha que o texto trata?
 2. Antes de iniciar a obra literária, observe todas as informações - (verbais ou não-verbais) - que podem ajudá-lo a melhor compreender o texto. Anote o que você julgar importante e as ideias que você for tendo a respeito do texto a ser lido.
 3. No decorrer das atividades de leitura e discussão sobre o cordel, faça seus registros a respeito de:
 - a) as relações que você puder ir estabelecendo entre os conteúdos do texto e qualquer outro tipo de conhecimento que você já tenha (livros ou textos que já leu, aulas, músicas, filmes, sua experiência de vida, etc.).
 - b) as contribuições que julga que o texto está trazendo de aprendizado, o desenvolvimento de sua prática de leitura, o desenvolvimento de produção de textos, algum trabalho que vai realizar, etc.
 - c) sua opinião sobre o texto, a percepção acerca da temática, dos recursos de expressão, a forma de exposição.
 - d) Registre as dificuldades de leitura que encontrar e anote os trechos que não compreender ou aqueles de que mais gostar.
 - 4) Sempre justifique suas opiniões!
- (Fonte: **Português - Elaboração de um diário de leitura**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/medio/portugues-elaboracao-de-um-diario-de-leitura.htm>. Acesso em: 09 jun. 2023. - Adaptado)

É importante destacar que os cordéis foram entregues aos alunos em formato de folhetos e que o modelo acima foi utilizado como sugestão com o intento de direcionar o preenchimento desse gênero textual, com o qual os estudantes ainda não tinham trabalhado. Não houve um caráter rígido no sentido de obrigatoriedade de cumprimento.

Os dados de natureza qualitativa, os registros das reações e subjetividades

apresentados pelos alunos no diário de leitura, foram processados e analisados pela professora / pesquisadora ao longo de todo o processo de realização da leitura literária por meio das etapas do método recepcional, levando em consideração a participação, o engajamento, a postura reflexiva e os apontamentos das autoras do método adotado (Bordini e Aguiar, 1988). Para os dados colhidos nos questionários, foi realizada uma análise com destaque para os aspectos que auxiliaram no planejamento e execução da prática pedagógica.

4.4 O cordel como instrumento de incentivo à leitura e à percepção do feminino.

Intervenção do latim "*interventio, onis*" tem sentido de abono e garantia. O ato de intervir significa exercer influência em determinada situação na tentativa de alterar seu resultado. A proposta de intervenção acontece quando o professor se propõe a interferir no processo de construção do conhecimento por meio de ações previamente planejadas com o objetivo de solucionar ou minimizar problemas percebidos pela avaliação diagnóstica.

O plano de intervenção nomeado "Leitura de cordéis femininos em sala de aula" partiu da necessidade de desenvolver um trabalho mais voltado para a leitura literária e tem como principal objetivo promover experiências de leitura de cordéis para a formação do leitor na perspectiva do letramento literário em torno de questões do feminino.

Com a duração de 17 h/a, distribuídas em cinco etapas, o referido plano de leitura está organizado conforme método recepcional proposto por Bordini e Aguiar e direcionado para uma turma de 9º ano e (1988). Usamos como recurso os folhetos de cordéis, livros, projetor, caixa de som, papel fotográfico, E.V.A, diários de leitura.

O quantitativo de aulas para cada etapa foi distribuído de acordo com a carga horária da disciplina e com as atividades previstas. Assim, algumas etapas apresentaram a necessidade de mais aulas, a exemplo da etapa 3, que conta com mais atividades e necessita de um deslocamento físico, e da 5, na qual está proposta uma produção textual. O desenvolvimento de todas as etapas do projeto aconteceu ao longo do terceiro bimestre.

Voltado para o trabalho com a leitura literária de cordéis femininos, este tópico apresenta o plano de intervenção executado na presente pesquisa. Assim, constam

descritos: as ações, os objetivos, bem como os procedimentos para cada etapa do método, além do tempo previsto. A dinamicidade presente nos textos de cordel permitiu o desenvolvimento de atividades planejadas para despertar interesse nos educandos, fazendo-os protagonistas, atores, autores, desenhistas e não apenas ouvintes nas etapas do projeto. Dar voz, transformando rimas em movimentos, possibilita tornar o chão da sala de aula em palco no qual a próxima aula deverá ser sempre uma novidade.

4.4.1- 1º Etapa: Determinação dos horizontes de expectativas

A primeira etapa está voltada para a sondagem das práticas e interesses de leitura dos estudantes, a fim de tentar reconhecer os horizontes de expectativas dos estudantes no que se refere à leitura e ao gênero cordel. Em função disso, foi feita a aplicação de um questionário individual em que, embora de forma orientada, o preenchimento deve ser feito espontaneamente, a fim gerar respostas mais fidedignas a respeito da relação de cada leitor com a leitura.

Após a aplicação do questionário, foi o momento de situar o estudante acerca do gênero cordel fazendo um apanhado das informações mais relevantes sobre esse tipo de texto, para que todos os estudantes conseguissem acompanhar as outras etapas com equidade.

Para finalizar a etapa, destinou-se espaço para a temática central das leituras com a introdução do feminino na literatura, por meio de apresentação em slides. Este também foi o momento de abrir um diálogo com a turma sobre as personagens femininas mais conhecidas na literatura, suas características, as autoras que apreciam, proporcionando conexão com as próximas etapas, além de coletar informações que auxiliem no reconhecimento dos horizontes de expectativas do grupo.

Quadro 01: Síntese para a aplicação da primeira etapa

AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar um questionário com os estudantes acerca da leitura literária e cordel. • Fazer uma breve exposição sobre as principais características dos textos de cordel. • Apresentar, em slides, de figuras femininas que se destacaram na literatura, tanto como temáticas quanto em autoria.
OBJETIVO	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os horizontes de expectativas dos estudantes acerca da leitura e da poesia de cordel; • (Re)apresentar sobre o gênero cordel.

	<ul style="list-style-type: none"> • Introduzir a questão do feminino.
TEMPO PREVISTO	02 aulas

Fonte: Elaborado pelo autor

4.4.2 - 2º Etapa: Atendimento dos horizontes de expectativas

Na segunda etapa, o foco esteve em proporcionar aos estudantes uma leitura confortável aos seus padrões e que atenda os anseios de leitura. Dessa forma, com base nos resultados coletados na etapa anterior, foi direcionada a leitura do cordel *A princesa da pedra da boca* (anexo 01, p.112). Com a turma organizada em círculo, para haver maior interação entre todos, foi conduzida a leitura oral do cordel, pela professora, para dar destaque a sonoridade, ritmo e as rimas presentes no texto.

Finalizada a primeira leitura, foram feitas perguntas orais acerca dos aspectos paratextuais, bem como da composição dos versos, a linguagem empregada, o enredo apresentado, a musicalidade conferida pelas palavras, com destaque para a figura da princesa, personagem principal do cordel, e outros aspectos que poderão ser mencionados devido à dinamicidade do diálogo. A ludicidade e o caráter inventivo da obra também foram explorados, visto que o teor do poema é propagado aos visitantes da pedra para explicar a formação rochosa, permitindo que os estudantes pudessem explorar a leitura em várias vertentes.

Na sequência, realizou-se o encontro da cordelista Elizabete Faustino, autora do texto estudado, com a turma, a fim de que os estudantes conhecessem de perto uma escritora, aproximando-os da autoria feminina de cordéis. Este encontro foi mediado pelo diálogo aberto da cordelista com os estudantes acerca da sua experiência com o cordel, o mote para suas produções, o processo de elaboração dos textos, e demais assuntos que foram surgindo.

Os minutos finais da aula foram destinados para o registro da experiência vivida nessas duas aulas no diário de leitura.

Quadro 02: Síntese para aplicação da segunda etapa

AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o cordel <i>A princesa da pedra da boca</i> (Anexo 1, p. 109) • Fazer a leitura oral e compartilhada do cordel. • Discutir oralmente os aspectos composicionais, estruturais e a temática do folheto. • Realizar uma roda de conversa com a cordelista, autora do cordel, Elizabete Faustino. • Registrar no diário de leitura.
-------	--

OBJETIVO	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a estética, estrutura, composição e temática abordada no cordel. • Conhecer pessoalmente a autora do cordel.
TEMPO PREVISTO	02 aulas

Fonte: Elaborado pelo autor

4.4.3 - 3º Etapa: Ruptura dos horizontes de expectativas

Nesse encontro, o foco foi fazer a leitura de um cordel que desafiasse os estudantes a romper com os próprios padrões de leitura, conduzindo-os a uma experiência de leitura mais complexa. Para isto, a proposta deste encontro teve como direcionador o cordel *Nísia Floresta- uma carta em cordel* (anexo 02, p.115).

A leitura do folheto foi feita oralmente pela professora com o acompanhamento dos estudantes por meio dos folhetos. Em seguida, foi exibido um vídeo de apresentação da autora, para que a cordelista também tivesse espaço de reconhecimento.

Para efetivar a leitura e torná-la mais compreensiva, foi realizada uma segunda leitura de forma coletiva colaborativa em que cada aluno pôde ler um trecho do cordel, conferindo expressividade ao texto. Terminada a leitura, foram conduzidas algumas perguntas a fim de despertar a análise do cordel, iniciando pela capa e pelo título da obra, visto que neste último, são mencionados os gêneros carta e cordel.

É importante destacar que a carta é uma das modalidades textuais mais antigas do mundo e possui a finalidade de estabelecer um diálogo entre duas partes distintas. É necessário frisar também, que a modernidade trouxe meios de comunicação que permitem a interação em tempo real, com isso alguns gêneros textuais, como a carta, foram sendo deixadas de lado, assim termos como remetente e destinatário precisam ser explicados por serem pouquíssimo utilizados atualmente.

Outra característica do gênero que pode ser observada no cordel, é que para além da função comunicacional, informacional e de registro, as cartas carregam a memória afetiva, uma vez que podem ser lidas repetidas vezes, permitindo a reconstrução de momentos, lugares, pessoas e sentimentos.

Além dos elementos mencionados, foram destacados os versos em decassílabos, a organização do texto, a linguagem e principalmente as figuras femininas tratadas no cordel.

Em observação ao conteúdo presente no cordel, para auxiliar a realização da leitura de maneira satisfatória, foi exibido um trecho da série de TV Anne with na “E” com a qual o folheto faz intertextualidade e uma visita ao museu de Nísia Floresta, encerrando com o registro no diário de leitura.

Quadro 03: Síntese para aplicação da terceira etapa

AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer a leitura do folheto <i>Nísia Floresta- uma carta em cordel</i> (anexo 02, p.112); • Apresentar a cordelista Anne Karolynne; • Levantar questionamento sobre o texto poético; • Assistir um trecho da série “Anne with an E” com a qual o cordel estabelece ligação. • Relacionar a obra escrita em cordel com a obra cinematográfica. • Realizar uma visita ao museu Nísia Floresta. • Registrar no diário de leitura.
OBJETIVO	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o cordel por meio do estudo do folheto; • Reconhecer a ligação entre o texto literário e a obra televisiva; • Proporcionar uma experiência de leitura fora do ambiente escolar.
TEMPO PREVISTO	07 aulas

Fonte: Elaborado pelo autor

4.4.4- 4ª Etapa: Questionamento dos horizontes de expectativas

Nesse momento, alguns questionamentos foram realizados, a fim de conduzir uma conversa sobre como a temática foi abordada nos diferentes cordéis, também foi pedido que os estudantes comparassem os textos lidos com as suas experiências de vida, a fim de despertar para o caráter social da leitura.

O interesse esteve em dialogar com os alunos sobre as características, os aspectos linguísticos e composicionais dos cordéis lidos, além dos sentidos articulados pela temática feminina, resgatar os momentos vivenciados anteriormente para comparar o material literário estudado antes e depois da etapa para a ruptura do horizonte de expectativas, construindo assim, uma análise sobre qual leitura exigiu maior esforço. Ao final das discussões orais, algumas questões foram escritas no diário de leitura para que todos registrem a análise individual.

Ainda para esta etapa, foi realizada uma breve apresentação da autora Salete Maria, seguido da leitura e apreciação oral do cordel *Mulher também faz Cordel* (anexo 03, p. 117), com o objetivo de alargar a compreensão acerca do protagonismo feminino na autoria de cordéis, visto que o texto traz um resgate histórico acerca da questão. Por fim, conduzimos o registro no diário de leitura para casa.

Quadro 04: Síntese para aplicação da quarta etapa

AÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão acerca das leituras realizadas. • Atividade de análise comparativa das experiências de leitura. • Apresentação do cordel <i>Mulher também faz Cordel</i>, Salete Maria (Anexo 03, p.114) para leitura e apreciação; • Registrar no diário de leitura.
OBJETIVO	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir acerca das obras; • Construir uma análise comparativa entre os cordéis estudados. • Ampliar os conhecimentos sobre a autoria feminina de cordéis.
TEMPO PREVISTO	Duas aulas

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.4.5 - 5ª Etapa: Ampliação dos horizontes de expectativas

Nesta última etapa, realizou-se a produção de um cordel coletivo, com o objetivo de desenvolver o letramento literário e crítico, uma vez que a escrita do cordel possibilita que os estudantes apliquem na prática as questões observadas sobre a linguagem e a organização estética dos textos de cordel, além disso, apresenta-se como um lugar propício para discutir a temática do feminino no contexto social.

Antes de iniciar a produção escrita, com o intuito de auxiliar os estudantes acerca da elaboração dos versos, foi feita a leitura de mais alguns folhetos femininos, buscando expandir o conhecimento em torno das questões femininas. Para isso, foi realizado um rodízio de leitura no qual foram lidas as obras *Carolina Maria de Jesus* (2020), Jarid Arraes; *As herdeiras de Maria* (2017), Dalinha Catunda; *Lugar de mulher*, Salete Maria da Silva (2005). Após as novas leituras, foi aberto um momento para discussões orais sobre os textos, e em seguida a exibição de um pequeno vídeo que apresenta dicas para a escrita de cordel, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=PJXJt90MGpM>.

Finalizado o primeiro momento, o passo seguinte foi a escrita do cordel. A proposta era realizar uma produção compartilhada, por compreendermos que trabalho coletivo pode permitir a criação de um texto em que os estudantes dialoguem entre si compartilhando saberes, experiências, em um processo de ajuda mútua, no qual todos possam colaborar a partir das reflexões derivadas das leituras dos textos trabalhados nas etapas anteriores, o que pode resultar na compreensão de que os horizontes de expectativas foram ampliados.

Quadro 05: Síntese para aplicação da quinta etapa

<p>AÇÕES</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição e leitura dos cordéis em forma de rodízio; • Exibição de vídeo sobre a escrita de cordéis; • Produção de um cordel coletivo.
<p>OBJETIVO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar a expressão do pensamento por meio da produção de texto; • Produzir um cordel coletivo; • Reconhecer a apreensão de conhecimento sobre o feminino e o gênero cordel.
<p>TEMPO PREVISTO</p>	<p>Quatro aulas</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a conclusão das etapas previstas pelo método recepcional, o cordel produzido foi exposto em uma sala temática, apresentado à comunidade escolar pelos próprios alunos. Esta atividade possibilitou a participação ativa dos estudantes em todas as etapas da intervenção, além disso, a exposição aberta à comunidade escolar teve como finalidade valorizar o protagonismo e promover a socialização.

5. RESULTADOS DAS PRÁTICAS DE LEITURA COM O CORDEL NA SALA DE AULA

Este capítulo está voltado para a descrição das atividades de leitura desenvolvidas com a utilização da literatura de cordel e com base no método recepcional (Bordini e Aguiar, 1988), desta forma, organizada de acordo com a sequência das etapas do método recepcional – Determinação, Atendimento, Ruptura, Questionamento e Ampliação dos horizontes de expectativas.

Junto à descrição das ações executadas, segue a análise dos dados coletados durante o percurso da pesquisa-ação, a partir das proposições apontadas para cada etapa do método. Com base nas respostas do questionário, aplicado na primeira etapa do trabalho, verificamos, em termos numéricos, os interesses e preferências de leituras dos estudantes a fim de identificar seus horizontes de expectativas.

A investigação qualitativa está baseada nos registros do diário de leitura produzidos pelos estudantes nas etapas de atendimento, ruptura e questionamento dos horizontes de expectativa. Ademais, o cordel coletivo produzido pelos alunos, na última etapa, também foi considerado para fins de análise, uma vez que imprime o produto resultante das experiências de leitura ao longo da aplicação do método.

É importante salientar que todos os registros dos diários foram lidos. No entanto, para fins de análise, optou-se por adotar uma amostragem dos registros mais representativos. Assim, os trechos utilizados para a análise se baseiam em recortes dos registros originais e foram transcritos literalmente a partir do diário de leitura adotado por cada aluno⁴; além disso, nenhuma correção ou adequação foi feita a fim de preservar a escrita original dos participantes.

O anonimato dos estudantes também foi garantido. Assim, em nenhum momento o nome dos estudantes foi mencionado. A identificação utilizada para melhor compreensão da diversificação de resposta foi composta pela letra maiúscula “A” (uma redução da palavra aluno), seguido da numeração de 1 a 28, a quantidade de colaboradores na pesquisa.

É importante registrar ainda que, antes da aplicação das atividades referentes à proposta de intervenção, apresentamos o projeto aos alunos, exposição sobre as

⁴ Os registros selecionados nos diários encontram-se em anexo, página 121.

etapas planejadas, bem como dos objetivos pretendidos. Na ocasião, também foi explicado sobre o diário de leitura e como esse recurso seria utilizado na pesquisa, seguido pela entrega do material.

5.1. Identificação do horizonte de expectativas do grupo (1ª etapa)

A importância de conhecer e valorizar as experiências dos alunos é uma ideia aceita, hoje em dia, por todos os agentes educacionais. Para Freire (1998, p.9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Assim, para que a leitura literária se realize com todo o seu potencial, é preciso investigar o perfil do público-leitor e ter clara a ideia de que cada aluno possui diferentes experiências de leitura e de mundo, por isso, é importante buscar compreender suas expectativas de leitura.

Conforme a proposta do método recepcional de Bordini e Aguiar (1988), nessa primeira etapa da pesquisa, buscamos reconhecer o horizonte de expectativas dos estudantes a fim de traçar as estratégias mais adequadas para a ruptura e ampliação. Isso porque “toda atividade de leitura deve ser antecedida de alguns cuidados. É sempre bom sondar o ‘horizonte de expectativa’ de nossos leitores”. Assim como destacam Marinho e Pinheiro (2012, p.127), ou como nos aponta Colomer (2007, p.67), na leitura literária escolar, é preciso que o professor observe seus alunos, pois “temos de saber “onde estão” para ajudá-los a ampliar progressivamente sua capacidade de fruição”.

Em observância à carência de leitura literária de cordéis no ambiente escolar, um dos primeiros passos desta pesquisa se deu com a aplicação de um questionário composto por 07 questões acerca das experiências de leitura dos alunos. O interesse estava em identificar o perfil leitor dos alunos, suas preferências e conhecimentos prévios acerca do gênero cordel. Os quadros a seguir demonstram a síntese dos dados coletados nesta pesquisa.

Na primeira pergunta do questionário, o estudante podia escolher se considera ter ou não o hábito de leitura, seguido por uma breve justificativa. Este questionamento tinha como principal objetivo averiguar o interesse dos estudantes pela leitura.

Quadro 6 – Dados sobre hábito de leitura

Você tem o hábito de ler?

SIM	18
NÃO	10

Fonte: Elaboração da professora

Dos 28 alunos, 18 afirmaram ter o hábito de leitura, indicando justificativas tais como: “porque é bom pra passar o tempo”; “é legal”; “porque sou obrigado a ler na escola”; “acho interessante”; “para adquirir conhecimento”; tendo uma maior incidência dessas duas últimas respostas. Entre os 10 estudantes que apontaram não ter o hábito de leitura, foram apresentadas justificativas como: “não tenho muito interesse”; “não sou bom”; “não tenho livros”; “falta tempo” e “preguiça”.

Tais dados demonstram que a maioria dos estudantes já possui o costume de ler. No entanto, é significativo o número de alunos que não leem nessa turma. Para Bamberger (1977, p.31), “o que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual”. Considerando isso, as atividades de leitura deveriam ser bem conduzidas para que nenhum dos grupos deixe de ser contemplados.

A segunda questão foi direcionada para a frequência com que os alunos realizavam suas leituras. As respostas mais citadas foram: “quando dá vontade”; “de vez em quando”; e “frequentemente”. De acordo com esse retorno, compreendemos delinear-se dois principais perfis de alunos leitores: o que lê ocasionalmente e o que realiza leituras mais frequentes.

A terceira questão tinha como propósito conhecer mais sobre o ato de ler, tendo por foco local onde, normalmente, os alunos realizam suas leituras. Vejamos os dados:

Quadro 7 – Dados sobre local da leitura

Onde você costuma ler?	
Na escola	15
Em casa	13
Em outro lugar	0

Fonte: Elaboração da professora

Conforme os dados coletados, dos 28 alunos, 15 estudantes afirmaram ler mais na escola, o que aponta que o ambiente escolar é ainda o lugar onde a leitura encontra mais espaço “isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a

participação no mundo da escrita” (Silva, 1995, p. 16). A escola continua sendo o *lócus* propiciador de desenvolvimento do gosto pela leitura e possui o dever de garantir que os estudantes tenham acesso a variadas leituras e diferentes tipos de textos como base para a formação leitora.

A leitura realizada em casa, conforme indicado por 13 alunos, tende a ser representativa de outro tipo de leitura que se afasta do proposto pela escola. Contudo, pela proximidade das respostas, consideramos que tanto o ambiente escolar quanto o domiciliar devem ser considerados como espaços de leitura para o público submetido ao questionário.

A quarta questão foi voltada para os textos que mais despertam o interesse de leitura; como resposta tem-se:

Quadro 8 – Dados referentes aos textos mais lidos

Que tipo de texto você costuma ler?	
Poemas	2
Contos	3
Narrativas românticas e de aventuras	5
Narrativas de suspense ou terror	2
Narrativas engraçadas	2
Textos informativos	4
Histórias em quadrinhos	3
Lendas	5
Outro tipo de texto	2

Fonte: Elaboração da professora

Apesar das lendas e histórias de romances e aventuras serem as mais citadas, ficando em segundo lugar os textos informativos, conforme os dados da tabela, é notável a diversidade de interesses de leitura dos alunos. Outro dado que também contribui para este entendimento é o fato de dois alunos assinalarem ter preferência por outros textos que não estavam relacionados, citando textos religiosos e mangá.

Diante da variedade das respostas apresentadas, é possível afirmar que está sendo experienciada uma atividade de leitura permeada pela diversidade de gêneros. Por essa razão, compreendermos que a utilização de cordéis pode ser um facilitador, uma vez que esse tipo de texto é capaz de contemplar a variedade de interesses que os estudantes apontaram, além do conteúdo e da linguagem empregada serem normalmente acessíveis aos diferentes níveis de leitores identificados.

Considerando isso, avaliamos ser viável a escolha do *corpus* da pesquisa, constituído principalmente pelos cordéis: *A princesa da pedra da boca*; *Nísia Floresta*:

Uma carta em cordel; e Mulher também faz cordel. Além destes, contamos ainda com os folhetos *Carolina Maria de Jesus, As herdeiras de Maria e Lugar de mulher*, na condição de textos auxiliares. São textos com histórias envolventes que nos fazem recordar lendas, aventuras, romances, lutas e superação com muita informação e enfoque no protagonismo feminino.

A quinta pergunta foi direcionada aos objetivos, às motivações que estimulam os alunos lerem.

Quadro 9 – Dados acerca dos objetivos de leitura

Você pratica leitura com qual objetivo?	
Pelo prazer	8
Para adquirir conhecimento	10
Sem objetivo, leio por obrigação.	10

Fonte: Elaboração da professora

As respostas para esta questão revelam que praticamente um terço (10) dos alunos leem objetivando adquirir conhecimento ou pelo prazer suscitado na leitura (8), ao passo que ler por obrigação (10) seja em referência a prática da leitura escolar. Descobrir os objetivos de leitura dos alunos foi muito positivo para a definição do ponto de partida para execução do projeto proposto. É importante considerar a igualdade numérica entre os alunos que leem por obrigação e aqueles que leem para obter conhecimento, confirmando o nosso entendimento acerca da diversidade de posicionamentos e expectativas dos estudantes que responderam ao questionário, no sentido de verificar, assim como em muitas escolas e salas de aula do nosso país, o quanto é preciso que o professor busque melhores estratégias para o ensino, em especial, da leitura.

Partimos da compreensão de que a diversidade é algo positivo dentro do ambiente escolar, pois o conhecimento é construído e ampliado com as diversas formas do pensar e do saber. Para Gomes (2012), a heterogeneidade de culturas marca a nossa sociedade, a diversidade, entendida como construção histórica, social, cultural e política. Essas diferenças estão dentro da escola, em alunos e em professores, por isso é necessário que não se eduque para alguma coisa, educa-se porque a educação é um direito e, como tal, deve ser garantido de forma igualitária e justa.

As duas últimas perguntas eram questões abertas e estavam relacionadas ao contato dos estudantes com o gênero cordel, bem como os títulos das obras

conhecidas. Dos 28 alunos, 17 afirmaram já ter tido aulas sobre a literatura de cordel, ao passo que 11 disseram não ter estudado o gênero ou não lembrar, por fim, nenhum aluno conseguiu apontar algum título do qual recordasse. Os dados sobre o contato dos estudantes com o cordel, demonstram que, embora já tivessem tido aula sobre esse gênero literário, muitos não lembravam, o que aponta um certo desconhecimento do citado gênero, mesmo considerando a possibilidade de acesso aos textos de cordéis em outros ambientes fora da escola.

Embora os documentos nacionais voltados ao ensino apontem para o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura baseado na maior variedade possível de textos, a literatura de cordel ainda é um gênero que necessita ser mais explorado no contexto escolar. A sua rara presença contribui para termos alunos carentes de reconhecer a riqueza poética, literária e humana dessa produção literária tão importantes na cultura do país. Haurélio (2013) ao descrever a origem e a trajetória do cordel, salienta a importância social, cultural e pedagógica. Para Marinho e Pinheiro (2012), o cordel, por suas características atrativas, deve ter espaço na escola, principalmente como meio de despertar o interesse e o desejo pela leitura e pela literatura.

Ao final da primeira etapa do método recepcional, consideramos que ficou delineado dois principais perfis dos alunos-leitores da pesquisa: o primeiro grupo é composto por alunos que gostam de ler e realizam a leitura com frequência, na maioria das vezes em espaço escolar; têm preferência por histórias de aventura, romances e lendas; normalmente leem para adquirir conhecimento e já tiveram contato com a literatura de cordel. O segundo grupo é formado por alunos que ainda não possuem o hábito da leitura, leem por obrigação, provavelmente na escola, textos diversos que são direcionados.

Levando em consideração todo o exposto, a representação verificada serviu como base para o planejamento das próximas etapas e tomada de decisões ao longo das aulas, com consideração para a diversidade apresentada pelos discentes participantes da pesquisa. Cabe registrar que, desde a apresentação do projeto até a aplicação do questionário, os alunos mostraram-se muito entusiasmados em participar e responder às questões. No entanto, em alguns momentos, a agitação e o desejo de socializar as respostas tiveram que ser controladas para que o foco não ficasse disperso.

É necessário, ainda, considerar que o Ensino Fundamental é um período crítico para que o prazer pela leitura seja consolidado. Assim, o ideal é que os educandos

não leiam apenas por obrigação. Isso traz um grande desafio ao professor para propor textos e estilos diversos, dando ao aluno cada vez mais autonomia para ele escolher suas leituras. Ao mesmo tempo, ele poderá ampliar seus horizontes de apreciação estética da literatura. Lidar com a diversidade faz parte da realidade do professor, que deve se colocar na posição de facilitador no processo de construção de novos olhares, assim como de desconstrutor de antigos paradigmas já não válidos.

5.2. Atendimento do horizonte de expectativa (2ª etapa)

De acordo com o método recepcional, para a etapa de atendimento do horizonte de expectativas, o professor deve trazer um texto que seja comum ao aluno, no que se refere ao conteúdo ou a forma de apresentação, por exemplo.

Nesta perspectiva, objetivando atender os horizontes de expectativas dos estudantes, que fora delineado na etapa anterior, utilizamos o cordel *A princesa da pedra da boca*, por se tratar de uma obra já conhecida entre a população da cidade. Este cordel traz no enredo elementos do gênero lenda, apontado no questionário pelos estudantes como um gênero pelo qual nutrem interesse, e também foca na temática feminina, já que tem foco no protagonismo de uma jovem e é de autoria feminina.

Em um primeiro momento, os alunos foram convidados a formarem um círculo na sala de aula e cada um recebeu uma cópia do folheto do cordel com a solicitação de que acompanhassem a leitura oral feita pela professora/pesquisadora. Antes da leitura, os aspectos paratextuais foram explorados com observação para a capa, as informações da autora e do ilustrador, sempre guiados por questionamentos orais feitos pela professora e respondidos pelos alunos.

Ao observar a capa, os estudantes prontamente já reconheceram a representação da pedra da boca, o caminho para a entrada da pedra, as formações rochosas no entorno e relacionaram o título à imagem em xilogravura. Alguns também reconheceram o nome da autora, que pode ser confirmado por meio das informações contidas na contracapa. É importante mencionar que não foi realizada uma visita ao Parque Ecológico da Pedra da Boca, espaço no qual o enredo do cordel é ambientado, porque todas as turmas haviam participado, em tempo recente, de um projeto municipal que visava promover conhecimento aos estudantes das escolas públicas do município sobre o turismo local.

Em seguida, foi feita a primeira leitura do texto de cordel pela professora de forma oralizada. Enquanto acompanhavam a leitura, muitos começaram a recordar um pouco da narrativa, pois já haviam realizado um trabalho com a utilização deste mesmo texto em um projeto relacionado ao folclore.

Após a primeira leitura, foi solicitado aos alunos que selecionassem um trecho do texto de que tivessem chamado a sua atenção e fizessem a leitura oral, a fim de possibilitar a percepção da expressividade presente nos textos de cordel. Essa atividade possibilitou estreitar a comunicação entre texto e leitor, conferindo uma maior familiaridade à linguagem do texto poético.

Ao final das leituras, foi possível observar uma participação bastante expressiva, resultante do contato que os educandos já tinham com o texto em virtude do trabalho anteriormente realizado pela escola, como já exposto. Assim, o contato prévio com a obra facilitou a realização da atividade e deu mais fluidez a dinâmica de leituras. Constatando-se o que Bordini e Aguiar (1998, p.18) apontam no sentido de que “a familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler”.

Também foi verificado que, após os primeiros estudantes descortinarem o espaço de leituras, os colegas sentiram-se mais confortáveis para ler oralmente e experimentar a potência expressiva e sonora da leitura da poesia de cordel. No entanto, nesse primeiro momento, alguns alunos ainda não quiseram realizar a leitura. Apesar da recusa de alguns alunos para a atividade proposta, compreendemos ser imprescindível, no trabalho com a literatura de cordel, que se faça a leitura oral, se possível, mais de uma vez, conforme orientam Marinho e Pinheiro (2012). Assim, os alunos receosos foram orientados a, respeitosamente, ouvir com atenção a leitura feita pelos colegas para que em outro momento pudessem realizar essa experiência.

Após este momento, inserimos a atividade seguinte sobre os aspectos composicionais do cordel e sobre a temática feminina. Os alunos foram orientados a responder aos questionamentos orais, tais como:

- De quem será a voz do poema, trata-se de uma criança, um adolescente ou um adulto? Comente.
- Para você, o que expressa a voz do eu lírico?
- Quais palavras presentes no texto estão produzindo rima, ritmo e musicalidade? Aponte-as.
- Para você, este é um cordel que denuncia, diverte, informa ou faz refletir?
- Observe a estrutura do cordel, como ele está organizado?
- Qual a temática do cordel?

- Qual a personagem em destaque? Cite as principais características.
- Em qual contexto a história se passa?
- Para você, a partir desse contexto, a postura da personagem em destaque estava apropriada?

Seguindo a estratégia de discussões orais, as respostas às indagações foram sendo feitas com a consulta dos folhetos e socializadas com o grande grupo. Assim, ao final de cada pergunta, os alunos podiam responder livremente o que haviam compreendido, resultando em diversas respostas. Nesta atividade, percebeu-se que quando um aluno apresentava uma resposta que divergia do colega resultava em uma discussão maior e a turma mostrava-se mais motivada.

Num segundo momento, recebemos a cordelista convidada Elizabete Faustino para uma roda de conversa a fim de que os alunos conhecessem sobre o processo de escrita e publicação do cordel, bem como promover o contato efetivo entre leitor e escritor, possibilitando o envolvimento dos alunos com agentes da cultura popular, além de despertar para o protagonismo feminino na autoria. Conforme a sugestão de Oliveira (2023, p.107) “podem ser bastante úteis passeios a feiras de Cordel, levar os alunos para assistir às apresentações de repentistas, trazer cordelistas para conversarem com os alunos”, entre outros, a fim de gerar envolvimento com a literatura e cultura popular.

Com a sala organizada em forma de círculo, a cordelista fez a sua apresentação, falou um pouco de como começou seu interesse pelos textos de cordel, explicou como surgiu a história da princesa da pedra da boca e como normalmente seus cordéis são elaborados, além de breves comentários acerca do gênero. Durante a fala da autora, foi possível notar os alunos um pouco dispersos, fato que só melhorou quando puderam dialogar com a convidada e fizeram alguns questionamentos sobre os termos que desconheciam e sobre o padrão de escrita, sendo a motivação para a trama do cordel a maior curiosidade. Registramos algumas das perguntas feitas pelos estudantes:

- Qual foi a sua motivação para a produção do cordel?
- Como se deu a escrita do texto?
- Como você elabora os textos e faz as rimas?
- Qual o caminho até a publicação?
- Sua escrita teve inspiração em outros(as) cordelistas?
- O que significa a palavra “torrão”?

A participação dos alunos ao apresentarem as dúvidas conferiu mais dinamicidade à aula, possibilitando um diálogo atento e participativo. A cordelista finalizou a visita com a declamação de alguns versos e o convite para que os alunos também enveredassem pela poesia de cordel.

Por último, os alunos procederam com as anotações no diário de leitura de acordo com as percepções, interpretações e sentimentos despertados pela poesia lida. Inicialmente, esta atividade de registro no diário de leitura foi permeada de muitas dúvidas, apesar da apresentação feita no início sobre o plano da proposta de intervenção e com uma sugestão de roteiro fixado no próprio diário, o que demonstra a importância do professor mediador na aquisição de novos letramentos referentes à escrita. A hesitação de alguns em escrever no diário de leitura é, possivelmente, fruto da insegurança em estarem expostos a um gênero pouco conhecido por eles. Assim, os alunos foram auxiliados pela professora reforçando as orientações. É importante considerar ainda que, para muitos alunos, a produção de um texto escrito pode estar associada à realização de tarefas com respostas rígidas, mas, com a colaboração da docente, todos conseguiram realizar os registros.

Ao analisar os comentários nos diários de leitura, verificamos que boa parte dos alunos já conhecia o cordel. Os registros também demonstraram que o texto estava dentro do esperado para o gênero ao apontar alguns elementos característicos dessa literatura como as rimas, a estética ficcional/lendária e a cultura nordestina, conforme nos comentários abaixo:

Aluna A2: O cordel “A princesa da pedra da boca” na minha opinião é bem interessante de ler. Porque agrada meu gênero de leitura.

Aluna A6: Já tinha ouvido a história mais não tinha lido, gosto muito por lembra contos de fadas além ser uma história da pedra da boca um lugar que acho lindo.

Aluno A7: É um texto bom tem aquele suspense, gostei muito tem aquela pitada de misterio para um cordel. Muito bom, lembra um pouco Braca de neve.

Aluno A9: A rima dele é muito boa, ele diverte as pessoas quando eles estão lendo. A lenda que foi usada faz as pessoas quererem saber mais sobre ela.

Aluno A11: Este cordel me lembra a infância, minha professora do 2º ano lia para os alunos todas as sextas, já conhecia a história.

Aluna A13: É uma história bem bonita sobre nossa região. Aprecio como foi escrita com pensamentos como se fosse uma história encantada trazendo um novo olhar para a pedra da boca, sendo verdade eu achei lindo e interessante.

Aluna A18: Eu já li esse cordel, gostei da estética do cordel, bem interessante. O título chamou minha atenção, combinou super com a pedra e eu não mudaria.

Aluna A20: Sou fã de cordel mas gosto do clichê de contos de fadas o que me fez gostar desse.

Aluna A22: É um texto muito bom de ler, pelas rimas que parecem deixar a história mais fluida e nos prendem no texto. Já li esse cordel e gosto da história toda vez que leio, porque ela nos envia até o lugar onde se passa e dá para imaginar perfeitamente o cenário.

Aluna A24: Um bom cordel que remete a cultura nordestina.

Quanto à recepção, foi possível verificar uma atitude predominantemente positiva frente à leitura do cordel, o que pode ser confirmado pela presença das palavras “gostar”, “apreciar”, “bom”, “interessante”, mencionadas nos diários. Além do mais, os estudantes indicaram que o texto agradava seus desejos de leitura, pois apresentava “aquela pitada de mistério”, “com suspense e aventura” e ainda “lembra contos de fadas”, ou seja, o folheto de cordel trouxe satisfação aos estudantes apontando estar alinhado aos seus gostos, interesses e preferências leitoras.

A leitura satisfatória de um texto e que atenda às expectativas do leitor podem incentivá-lo a novas aquisições leitoras. Desse modo, tem-se a evidência que “o primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levem questões significativas para ele” (Bordini e Aguiar, 1988, p.18). Outro fator que se apresenta relevante para o estímulo leitor é a potência comunicativa, estética e sensorial alcançadas pela recepção no ato da leitura.

Nesse viés, verificou-se ao longo das aulas destinadas para esta etapa que, mesmo cientes do aspecto ficcional do texto, os estudantes não deixaram de imaginar como seria se, de fato, alguém desafiasse a lógica e fosse, no período marcado, para a pedra indicada na narrativa desencantar a bela princesa, revelando o que Cosson (2021, p.29) considera como sendo o segredo maior da literatura “o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras”. Esse envolvimento incentivado pela ludicidade presente nos versos do cordel permitiu que a criatividade e a imaginação fossem afloradas, conduzindo o leitor para o prazer e a fruição estética.

Outro ponto que merece destaque, com base nos comentários registrados nos diários, é a percepção acerca da relevância e valorização que o texto confere ao lugar onde se passa a história. Sobre isso, a aluna A13 expressa bem esse fato ao afirmar que a forma como o enredo foi construído traz “um novo olhar para a pedra da boca”. A partir dessa afirmação, é possível inferir que o aluno já possuía uma percepção para o espaço mencionado no texto, possivelmente já frequentado por ele, mas que o texto de cordel apresentou uma nova roupagem para esse mesmo lugar, em que o mundo da fantasia e do mistério são possíveis. Para Cosson (2021), a experiência com a

leitura de textos literários descortina uma nova visão do leitor sobre si e sobre o mundo por meio das vivências relatadas nos textos. Assim, o leitor age sobre o texto extraindo novas percepções e o texto age sobre o leitor por meio das palavras, resultando em uma ressignificação de ambos.

Quanto à representação do feminino, os estudantes mencionaram a figura da cordelista e o dom para a escrita de cordéis demonstrado por ela e reconheceram que a princesa estava adequada para o período em que a história se passa, mas revelando certa criticidade quando à postura da protagonista. Considerando a série, a idade dos estudantes e a linguagem que utilizam no dia a dia, foi discutido os vários sentidos da palavra “dom”, o que proporcionou o enriquecimento do vocabulário dos alunos, indo ao encontro dos objetivos da disciplina de Língua Portuguesa. Os comentários abaixo foram selecionados como uma amostra das respostas registradas nos diários referente a esse recorte:

Aluna A5: Eu acho que apesar de ser uma história fictícia esse cordel mostra um tipo de garota que ninguém quer mais ser, submissa, perfeitinha, que o pai escolhe o namorado e vive só de beleza.

Aluno A9: Ela realmente era uma linda donzela que se encaixa perfeitamente em um papel de princesa que aguarda o príncipe encantado.

Aluno A10: A parte que me chamou mais atenção foi quando o caçador escolheu uma arma em vez de ter ficado com a princesa.

Aluno A11: O cordel “A princesa da pedra da boca” foi marcado por uma personalidade feminina de grande destaque na história, uma princesa de muito encanto, tão meiga, tão doce como uma rosa em botão, um perfil repleto de muita beleza e admiração.

Aluna A13: A princesa foi descrita como meiga e delicada, muito linda e seus olhos eram estrelados como o céu. Acho que a princesa pudesse ter mais características como estudiosa, corajosa e valente.

Aluna A15: Elizabete tem um dom de poesia, achei bem incrível o jeito que ela faz a rima e a história dela foi muito boa.

Aluna A17: A princesa da pedra da boca é uma história bem clichê, de uma princesa que morava em um castelo, e uma bruxa a enfeitiçou e tudo virou pedra.

Aluna A25: Elizabete Faustino tem um dom lindo de retratar essa história, e cada detalhe vai contar de algo que pode ser real.

Nos comentários registrados pelos alunos, A9 e A11, é possível observar a percepção de ser apropriada a caracterização da princesa como donzela, doce, bela e fonte de admiração. Estas associam o feminino à ideia de passividade em relação ao masculino, refletindo a noção de feminilidade e masculinidade que demarca o comportamento esperado para cada um. Conforme Bourdieu (2012, p. 82), “delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.”

Afastando-se dessa visão comum e estereotipada de princesa indefesa e meiga, a aluna A13 deixa claro que a beleza e a realeza não invalidam a protagonista de possuir outras qualidades como a valentia e a coragem, demonstrando outro olhar para o feminino. Assim também procede a aluna A5, que já apresenta uma reflexão quanto à postura assumida pelas garotas na atualidade, apontando para uma ruptura das atitudes de submissão e passividade.

No tocante à autoria feminina do cordel, a relevância da cordelista também foi observada. Os comentários das alunas A15 e A25 apontam que a cordelista possui o dom da escrita que conduz ao entretenimento e a fantasia. Nesse caso, a palavra “dom” utilizada no diário de leitura revela que os alunos associam o processo de escrita a um talento natural que a poetisa apresenta. Elizabete foi também citada como fonte de admiração e inspiração, isto posto compreendemos que o contato direto com a escritora provocou um olhar mais direcionado para a autoria feminina, possibilitando quebrar o paradigma de que o autor é alguém distante do leitor e por isso inatingível, resultando em um sentimento de estima.

Além disso, trazer a cordelista para a sala de aula contribuiu para a difusão da literatura de cordel, salientando a autoria feminina (Queiroz, 2006). Entretanto, é preciso, ainda, realizar atividades que possibilitem aos estudantes observar que a escrita de textos de cordéis é perpassada por múltiplos fatores que não somente o talento e habilidade natural concedida a algumas pessoas, possibilitando um olhar específico para a linguagem literária, a estrutura formal do poema, enfim, a efetivação de um letramento literário.

Com efeito, ao desenvolvermos as atividades com a literatura de cordel em sala de aula, proporcionamos aos alunos experiências efetivas de leitura em que puderam interagir com o texto selecionado. Mesmo que a maioria já conhecesse a obra, entendemos que cada leitura é única e possibilita sempre novas interpretações, além disso, os momentos de discussão e compartilhamento de ideias possibilitaram a troca de experiências.

Ao final dessa etapa, é possível afirmar que, embora a maioria dos estudantes possuísse conhecimento sobre os textos de cordel, os momentos de desatenção e dúvidas estavam ligados a uma lacuna de conhecimentos sobre esse tipo de texto, por essa razão, sentimos a necessidade de uma retomada sobre as características básicas do gênero objetivando sanar as possíveis dúvidas existentes.

Em função disso, a fim de contemplar todos os colaboradores da pesquisa, realizamos uma exposição em slides sobre o gênero e as principais características dos textos de cordel para que os estudantes pudessem acompanhar as próximas etapas de forma satisfatória, tais como: a diferenciação entre poema e cordel, curiosidades sobre a origem do cordel, o significado da xilogravura e sua historicidade vinculada ao cordel, o uso da linguagem coloquial, a presença da ironia, do humor e do sarcasmo na construção do texto, os aspectos de rimas e métrica, além de temas envolvendo episódios históricos, sociais, folclóricos, religiosos, profanos, políticos entre outros.

De acordo com Jauss (1994), os horizontes do leitor e do texto se fundem ou não no momento da leitura a depender da satisfação, estranhamento ou rejeição do leitor ao ter contato com o texto. Com base no exposto, observamos que a experiência de leitura com o texto selecionado foi capaz de atender os horizontes de expectativas dos estudantes, já que o texto demonstrou cumprir com o esperado.

5.3. Ruptura do horizonte de expectativa (3ª etapa)

De acordo com método recepcional, romper os horizontes de expectativas está relacionado à realização de leituras que incentivem o leitor a sair do lugar-comum e o desafie a quebrar os próprios padrões de leitura, com vistas a ampliação da capacidade leitora e criação de novos horizontes. Neste sentido, esta etapa iniciou-se com a leitura individual e silenciosa do folheto *Nísia Floresta- uma carta em cordel* de autoria de Anne Karolynne. Após a leitura de reconhecimento, procedemos à apresentação da cordelista através do *Instagram* e exibimos um pequeno vídeo, com a ajuda do projetor, em que a autora faz a sua própria apresentação em versos, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cE-q93TzfEk>).

Este foi um momento muito interessante, pois a turma, anteriormente tinha se mostrado um pouco dispersa, permaneceu bem atenta ao vídeo da cordelista, demonstrando entusiasmo pela forma como o cordel foi declamado. Segundo Zumthor (2007, p.52) “a recepção, eu o repito, se produz em circunstância psíquica privilegiada: performance ou leitura. É então e tão-somente que o sujeito, ouvinte ou leitor, encontra a obra”. Nesse sentido, a performance citada pelo autor não está limitada a forma como o poeta apresenta o texto, mas à recepção que suscita o encontro do leitor com

a obra. Assim sendo, a reação positiva dos estudantes frente à exposição foi muito relevante para o planejamento e execução das próximas etapas, visto que resultou no entendimento de que a forma de apresentação é um elemento que precisa ser bem pensado para que o grupo continue atento.

Após a apresentação da cordelista, realizamos a leitura oral e compartilhada do folheto *Nísia Floresta- uma carta em cordel* e iniciamos uma discussão a respeito dos aspectos estruturais e composicionais deste, levantando questionamentos, de forma oral, acerca da construção do poema, com o objetivo de identificar as características estéticas deste. Explicar, utilizando o próprio folheto lido, a respeito de termos como verso, estrofe, rimas, quadra, sextilhas, setilha, oitava e métrica facilitou a compreensão dos aspectos estruturais e composicionais do cordel pelos alunos e favoreceu o levantamento de questões acerca da construção do texto. Eis algumas questões que nortearam a discussão:

- Analise os aspectos estéticos e estruturais do folheto e descreva como é capa? E o título? As estrofes possuem quantos versos? Como esses versos estão combinados?
- Quais são as palavras que mais expressam sonoridade no texto?
- Existe algum termo desconhecido? Aponte-o.
- Você reconhece alguma palavra utilizada na nossa região? Destaque-a.
- Para você, a escolha da autora por tais palavras produziu quais sentidos? -
- Como o enredo está estruturado?
- Quais recursos de expressão foram empregados?
- Que ligação o texto estabelece com a realidade?
- O título do cordel cita uma carta. O que pode sugerir este título?
- Quais elementos presentes no texto remetem ao gênero carta?
- Quais elementos apontam para um texto em cordel?
- Quais elementos do cordel remetem a um texto biográfico?
- Quais as figuras femininas presentes no cordel?
- Aponte as características de cada uma delas.
- Destaque no texto as palavras relacionadas ao universo feminino.
- Em qual o contexto se passa a história?
- Como a mulher está representada nesse cordel?

O primeiro contato com a obra pode ser fundamental para que o leitor continue com desejo de ler ou não, desanime face à percepção inicial. Desse modo, a apresentação da capa do cordel é um elemento importante no sentido de provocar o estímulo de ler, principalmente, aos alunos que não têm o hábito de leitura ou que pouco leem. Vejamos alguns comentários presentes nos diários de leitura a respeito dos elementos da capa:

Aluna A1: A capa do cordel é interessante, chamou minha atenção pela xilogravura. Pelo título eu pensei que quem tinha escrito era a própria Nísia Floresta, eu nunca tinha lido ele.

Aluna A4: Nísia floresta. Achei bem interessante, porque a um tempo atrás eu tava voltando da praia e vi uma placa com o nome “Nísia floresta”. Aí quando li o título fiquei curiosa. Eu achei a capa bem bonita.

Aluno A14: Sobre a capa. Podre, não gostei, porém da pra saber o que quer dizer. Uma arte estranha, uma menina lendo uma carta.

Aluna A17: Nísia Floresta, o título não chama a atenção me parece um nome de uma floresta. Tipo floresta encantada. Eu espero a partir do texto um conto de uma floresta encantada, onde mora várias criaturas mágicas. Na capa a menina que aparece segura um papel, o lugar onde ela tá parece uma fazenda, na minha cabeça ela morava na floresta que se chama Nísia, ou seja ela é uma camponesa, pobre que dorme nas palhas.

Aluno A21: O título Nísia Floresta é um título um pouco atraente. Eu esperava entrar mistério. A capa é bonita. Pela capa e pelo título achei que era sobre uma menina que escrevia cartas.

Aluna A22: O título “Nísia Floresta: uma carta em cordel” não me atrai, porque não me comunica muita coisa, será que Nísia está escrevendo? O texto fala de Nísia? Ela recebe a carta? Na minha concepção, eu acho que alguém fala de Nísia em forma de cordel, pelo jeito que o título retrata.

Aluna A25: Pelo título eu imagino que é uma coisa chata e sem muita criatividade, não gostei.

Em relação aos elementos paratextuais, sobre a capa do cordel, as opiniões foram diversas, os alunos A1, A4 e A21 consideraram o título e/ou capa atraente(s). No entanto, muitos alunos não consideraram o cordel interessante em decorrência, provavelmente, da falta de uma referência. O comentário da aluna A22, no diário de leitura, resume um pouco das incertezas provocadas pelo título, expressas pelas indagações: “será que Nísia está escrevendo? O texto fala de Nísia? Ela recebe a carta?”. Por sua vez, a aluna A17 afirma que a capa não é chamativa, mas já imagina todo o enredo: “na minha cabeça ela morava na floresta, que se chamava Nísia, ou seja, ela é uma camponesa pobre que dorme nas palhas”. Conforme vemos, a ausência de elementos chamativos ou que fizessem algum sentido para os estudantes pode ter contribuído para a reação negativa no primeiro contato com o cordel. Por outro lado, vem ser positivo, para a compreensão da leitura, que o aluno formule hipóteses e significados a partir dos elementos paratextuais; o que, de fato, pudemos encontrar nos demais registros do diário de leitura.

No que se refere à composição do cordel, compreendemos que a mistura de elementos do cordel, da carta e dados biográficos poderia causar estranhamento aos alunos, e, por isso, necessitava de uma explicação maior com uma pequena retomada de cada um gênero em separado, para depois confrontar, de maneira prática, com a escrita do folheto. A esse respeito, seguem alguns recortes dos registros dos diários de leitura:

Aluna A1: Esse cordel me deixou com algumas dúvidas porque eu nunca tinha lido ele porém eu reli ele para entender.

Aluna A5: No início eu estranhei ser um cordel e uma carta juntas, mas depois entendi.

Aluno A10: Nunca imaginei que pudesse ter um cordel em forma de carta.

Aluna A15: Só vi pela primeira vez um cordel em carta (...) é uma forma de cordel que eu nunca tinha visto.

Aluna A16: nunca tinha visto um cordel assim, me trouxe aprendizado com a leitura.

Aluna A18: Eu nunca vi um cordel em forma de carta (ou uma carta em forma de cordel).

Aluna A20: Achei muito interessante o modo como esse cordel foi feito, para mim uma forma inusitada de cordel em carta.

Os comentários registrados no diário de leitura apontaram ser incomum para os estudantes um texto envolver elementos de mais de um gênero, como pode ser visto no comentário da aluna A15: “vi pela primeira vez um cordel em carta. Por sua vez, a aluna A18 corrobora com a colega e comenta a estranheza pela fusão entre os gêneros carta e cordel: “eu nunca vi um cordel em forma de carta ou uma carta em forma de cordel”. Além disso, os estudantes também registraram dificuldades de compreensão na primeira leitura, conforme relata a A1: “esse cordel me deixou com algumas dúvidas porque eu nunca tinha lido ele porém eu reli ele para entender”.

Tendo em vista tais constatações, consideramos que esses estranhamentos e pequenas dificuldades são previsíveis nesta etapa do método recepcional, já que os estudantes são desafiados a realizar leituras de textos pouco comuns para eles. É esse “mergulho no desconhecido, o que torna a literatura capaz de formar e transformar a experiência estética em um processo de emancipação para o leitor” (Tarachuk, 2018, p.47).

Conforme Bordini e Aguiar (1988, p. 31), “a obra é tanto mais valiosa quanto mais emancipatória, ou seja, quanto mais propõe ao leitor desafios que as expectativas deste não previam”. Neste aspecto, para o crescimento dos estudantes enquanto leitores, é necessário trazer textos que acrescentem algum grau de dificuldade. Contudo, é preciso estar atento para que a leitura tenha o efeito esperado. Assim, para que a leitura fosse bem compreendida, consideramos importante a exibição de um trecho do primeiro episódio da conhecida série *Anne with an E*, uma série da Netflix, com a qual o cordel estabelece ligação, uma vez que algumas personagens do cordel fazem parte do seriado. No que se refere ao contato entre as obras, a história da órfã Anne Shirley, criada por Lucy Mauad Montgomery, em 1908,

inspirou a série *Anne with an E*, lançado em 2017, pela Netflix, trazendo uma visão mais contemporânea para as aventuras da garota ruiva que primava pela igualdade, liberdade e inclusão.

Utilizando-se do grande sucesso e popularidade alcançados pela referida série, o cordel de Anne Karolynne lançado em 2020, conecta Anne Shirley à história de Nísia Floresta (1810- 1885), uma mulher à frente do seu tempo, que usou a literatura como instrumento de luta pelos direitos da mulher dentro do espaço político, social e emancipatório. Assim o cordel *Nísia Floresta: uma carta em cordel* envolve personagens de séculos diferentes, mas que comungam do mesmo espírito, em uma escrita inventiva capaz de reunir muita informação e conhecimento.

Após concluir os primeiros momentos de leitura, discussão e contato com o seriado, feitos em sala de aula, realizamos uma viagem à cidade de Nísia Floresta, na qual os estudantes puderam visitar o museu de Nísia Floresta, a Igreja de Nossa Senhora do Ó, que foi construída em 1702, conheceram o centenário baobá plantado em 1877, no centro da cidade, e o monumento que recebeu os restos mortais de escritora.

A visita ao museu de Nísia Floresta tinha por objetivo promover maior contato dos alunos com a figura principal do cordel, possibilitando ampliar os saberes e consolidar aprendizagens iniciadas com a leitura do texto. A compreensão é de que, conforme aponta Cosson (2010, p. 62-63), “a exploração do contexto da obra faz parte do espaço da literatura em sala de aula, até porque (...) pode ser uma contribuição relevante para firmar ou ampliar o entendimento da história que se está lendo”; isso pode se dar de forma discursiva em sala de aula ou para fora dela por meio de aula de campo. Faz parte da construção do conhecimento transpor os muros da escola, vivenciar a história viva que muitas vezes existe na própria localidade ou próxima dela e que nem sempre é valorizada pelo simples fato de não ser apresentada de maneira contextualizada. O Museu Nísia Floresta é um espaço dedicado ao arquivo e memória da vida e obra da escritora. É aberto ao público de segunda a sexta-feira com visitas guiadas. 81 km separam da escola, Passa e Fica, da cidade de Papari, local de nascimento de Dionísia e que em homenagem a ela hoje leva o seu nome.

Esta atividade possibilitou averiguar o quanto apresentar e valorizar autores regionais tende a despertar e ampliar os horizontes do conhecimento nos educandos, fator este que deve ter mais importância na prática pedagógica. Relevante também é

ressignificar a palavra museu, compreendida por muitos como um local que guarda “velharias”, mas, quando mostrando de forma presencial, direcionada e contextualizada de que ali estão preservadas histórias que precisam ser conhecidas, estudadas e valorizadas independente da faixa etária dos visitantes, pode despertar o interesse e, quem sabe, fazer nascer os futuros historiadores.

Os estudantes pouco conheciam a respeito da personagem principal do cordel e nunca tinham ido a um museu, então, tudo era novidade. Durante a apresentação dos guias fizeram perguntas, interagiram e fizeram anotações para embasarem o registro no diário de leitura. Segundo Weffort (1996, p. 10) “a reflexão registrada tece a memória, a história do sujeito e de seu grupo. Sem a sistematização deste registro refletido não há apropriação do pensamento do sujeito-autor”. A relevância das percepções dos alunos acerca da visita faz parte do registro no diário, instrumento que direcionou todas as etapas do projeto, evitando que as informações se perdessem dada a grandeza e dinamicidade do estudo proposto.

Ao retornar da aula de campo, os alunos ainda estavam muito animados para compartilhar as experiências, momento em que a professora conduziu os registros no diário de leitura e, logo após, foi feita a exibição do curta metragem “Dionísia-Poema Além da Floresta” de Nilson Eloy⁵.

O contato visual com os registros biográficos da escritora prendeu a atenção dos estudantes e contribuiu para a compreensão do texto, visto que, além dos dados biográficos, o museu retoma as contribuições sociais da escritora, suas viagens, o pensamento arrojado, e também expõe outras mulheres que se destacaram na nossa região, como Clara Camarão e Auta de Souza, ou seja, exalta o feminino.

Além disso, é possível afirmar que as artes literária e cinematográfica foram complementares e contribuíram para uma melhor apreensão do cordel, como pode ser visto nos registros dos diários descritos a seguir.

Aluna A2: Este texto traz inspiração dos nossos direitos na sociedade atual, porque Nísia foi muito revolucionária para sua época diante de tantos preconceitos.

Aluna A3: Assim que comecei a ler o cordeu comecei a perceber o quão importante Nísia é, uma mulher incrível que pensava na importância das mulheres, que pensava no quanto os escravos sofria e ela tinha ideias de igualdade.

⁵ O vídeo foi cedido para exibição em sala de aula em *link* temporário, mas ainda está indisponível nas plataformas digitais.

Aluna A4: Só de ler o cordel eu não entendi quem é Nísia, mas depois da visita ao museu eu entendi. E depois tudo se conectou e o episódio de Anne.

Aluna A6: Eu amei a leitura do cordel Nísia tem uma história linda (...) a viagem para conhecer mas sobre a história foi perfeita, o museu era bem organizado e fez eu ficar encantada ainda, a forma que eles representava não só Nísia mas outras mulheres era lindo.

Aluno A10: Quando eu li o cordel não sabia quem era Nísia então quando vi a série e o filme deu pra entender quem era Nísia, esse cordel traz muito conhecimento. Me chamou atenção quando ela falou do escravo sofrido, do racismo quanto à cor.

Aluno A11: Durante a leitura, percebi quanto Nísia Floresta lutou pelos seus ideais, imagino o tanto que Anne deve ter ficado feliz ao descobrir essa história. Este texto trouxe a oportunidade de conhecer uma história tão rica de conhecimento, juntamente como um repertório cultural muito vasto e importante. Percebi o tanto que a cultura é desvalorizada em nossa região, isso me entristeceu um pouco.

Aluna A15: Só em ler o cordel vi que Nísia é muito importante porque ela buscou os direitos femininos, e também lutou contra o preconceito, e várias outras coisas boas que ela fez, esse poema ficou muito bom traz mais conhecimento sobre Nísia Floresta.

Aluna A17: Ao ler o cordel eu não tinha percebido tudo que ela era, mas na viagem e no filme eu percebi que ela era uma mulher incrível. Ane Caroline fez uma ligação incrível com a série Anne with e, porque Nísia e Anne viviam na mesma época e tinham o mesmo pensamento.

Aluna A20: Eu já tinha ouvido falar sobre Nísia Floresta mas eu não sabia que ela era tão importante para o mundo e ela estava tão perto da gente, só tive essa clareza quando visitamos o museu.

Aluno A21: Antes de ler o cordel eu não sabia quem era Nísia depois de ler o cordel reparei que ela é bem importante também que não é só homens que escreve os cordel.

No que se refere à protagonista do cordel a escritora Nísia Floresta, os alunos demonstraram um despertar para uma personalidade muito importante da região, conforme pode ser visto no seguinte comentário da aluna A20: “eu não sabia que ela era tão importante para o mundo e ela estava tão perto da gente, só tive essa clareza quando li o cordel e visitei o museu”. O aluno A11 também relatou esse aspecto e acrescentou sua percepção acerca do elemento cultural: “este texto trouxe a oportunidade de conhecer uma história tão rica de conhecimento, juntamente como repertório cultural muito vasto e importante. Percebi o tanto que a cultura é desvalorizada em nossa região”. Os comentários dos estudantes indicam que o texto suscitou reflexão sobre o contexto sociocultural em que estão inseridos, revelando reflexão sobre seu entorno e criticidade quanto à falta de difusão das expressões culturais.

Através dos registros no diário de leitura, os alunos revelaram ter conseguido entender, de fato, a construção do cordel após as atividades realizadas, como pode ser ilustrado pelo comentário da aluna A4: “só de ler o cordel eu não entendi, mas depois tudo se conectou com o episódio de Anne e a visita ao museu”.

As citadas conexões também foram percebidas com relação às personagens principais, conforme pode ser visto no comentário do aluno A11: “Anne Shirley e Nísia lutaram pelos seus ideais, imagino o tanto que Anne deve ter ficado feliz ao descobrir essa história”. A aluna A17 vai além e também aponta para o trabalho da cordelista relatando que “Anne Caroline fez uma ligação incrível com a série Anne com E, porque Nísia e Anne viviam na mesma época e tinha o mesmo pensamento”. Nesse sentido, sobre os comentários dos estudantes, pode-se verificar que de fato “o letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura nos alunos” (Cosson, 2021, p. 34).

O despertar da percepção interpretativa nos alunos foi muito relevante diante de uma realidade escolar na qual vários registros mostram o desinteresse pela leitura como fator de preocupação no processo de construção do conhecimento. Ao fazer uma correlação dos interesses entre as duas autoras em questão e, levando em consideração a idade/série do público envolvido na pesquisa, percebemos que, mesmo de forma generalizada, foram notadas similaridades entre duas mulheres que viveram em um período no qual a figura feminina tinha uma representatividade “menor” na sociedade, mas usaram suas obras como instrumento de luta pela valorização da mulher.

Diante do exposto, podemos afirmar que a leitura do cordel aliada à viagem para a cidade Nísia Floresta foi muito importante para o letramento dos estudantes, tanto como leitores do texto literário, quanto como leitores do mundo. Além do mais, levar o seriado para a sala de aula também se mostrou relevante para que os estudantes pudessem avançar na leitura literária estabelecendo correlações entre diferentes obras, pois a obra televisiva aborda, dentre outros assuntos, a igualdade de gêneros e a inclusão social dos menos favorecidos, ideais defendidos também por Nísia Floresta.

As discussões, a partir da leitura do folheto, permitiram que os estudantes observassem a construção textual e ainda possibilitaram aumentar a repetição da leitura, visto que, para que os elementos em discussão fossem entendidos, foi realizada a leitura de uma mesma estrofe várias vezes. Ao conduzirmos os debates orais, compreendemos que dar voz aos alunos torna o estudo mais esclarecedor e favorece a participação de todos no grupo, além disso, há muita aprendizagem no

diálogo professor-aluno e aluno-aluno. Nessa interação de falar e ouvir, outras habilidades vão sendo construídas.

Para encerrar esta etapa, foi apresentado, em slides, um breve histórico sobre a trajetória feminina no cordel, a fim de favorecer o entendimento acerca da construção feminina no gênero em estudo e como base para a leitura planejada para a próxima etapa do método com a leitura do cordel *Mulher também faz cordel* de Salete Maria.

5.4. Questionamento do horizonte de expectativa (4ª etapa)

Na etapa do questionamento do horizonte de expectativas, o leitor é levado a refletir sobre as leituras realizadas nas etapas anteriores, estabelecendo comparação entre as experiências de leitura, a fim de reconhecer pontos de intersecção bem como as divergências entre as obras e identificar no que já foi capaz de avançar. Para isso, podemos fazer uso de estratégias como quadros comparativos, debates, rodas de conversa, entre outras formas viáveis.

Para este momento, optamos por conduzir uma roda de conversa permitindo que os alunos discutissem sobre os cordéis lidos, pontuando semelhanças e diferenças entre eles, quanto à organização textual, ao estilo, à linguagem escolhida, ao recorte temático, ao perfil feminino representado, culminando com a percepção de qual cordel foi mais desafiador, qual leitura despertou maior reflexão, bem como relacioná-las ao entorno.

Em função disso, buscamos relembrar um pouco das leituras realizadas anteriormente. De início, orientamos para que aos alunos se organizassem em semicírculo de forma que pudessem socializar, oralmente, alguns dos registros feitos no diário de leitura referente às obras *A princesa da pedra da boca* e *Nísia Floresta-uma carta em cordel*.

Quando solicitado para que iniciássemos a leitura oral, ninguém se pronunciou, mas um dos alunos sugeriu seguir a ordem dos assentos e todos concordaram. Seguindo a sugestão dada, cada aluno escolheu um trechinho do diário e fez a leitura para toda a turma. Assim, foi se estabelecendo um debate coletivo no qual os outros alunos podiam expor seu ponto de vista, comentar, acrescentar ou indagar a fala do colega, discutindo suas opiniões e reflexões sobre os cordéis lidos. A respeito do

trabalho com o texto literário, o debate deve ser sempre incentivado, assim como aponta Bordini (1985, p.47) seja ele “oral ou escrito, consigo mesmo, com os colegas, o professor, ou a comunidade, conscientizando o aluno de seu papel de herdeiro da cultura e de seu povo”.

Nesta atividade, foi possível observar que uma simples ação, como permitir que o próprio aluno pense no modo de apresentação, incentivou o envolvimento na atividade. Além disso, a roda de conversa oportunizou que todos estivessem mais à vontade para se expressar oralmente. Do mesmo modo, a leitura compartilhada de um texto pessoal com o restante da turma demonstrou o envolvimento e a confiança que os estudantes construíram ao longo das aulas e, mesmo que as opiniões divergissem, a maior parte dos alunos queria mostrar seu posicionamento.

Seguindo o clima de conversa e exposição de opiniões, foram conduzidas algumas questões orais referentes à estrutura e composição dos cordéis e sobre as figuras femininas presentes nos folhetos, estimulando a comparação entre os textos estudados. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p.130), a comparação objetiva “estimular a discussão, o diálogo, o confronto de pontos de vista e chamar a atenção para o fato de que a literatura de Cordel coloca na ordem do dia questões humanas fundamentais”.

A fim de promover um momento de discussão a respeito das experiências de leitura e provocar o debate coletivo, elencamos algumas questões no quadro da sala de aula para serem respondidas oralmente. À medida que a professora procedia com a pergunta oral, os alunos manifestavam suas percepções. Após o momento de discussão, os estudantes registraram as perguntas no diário, finalizando as respostas em casa. Eis uma mostra da atividade proposta:

Quadro 10- Atividade de comparação

Pergunta	Respostas dos alunos
Qual texto suscitou maior reflexão?	Aluna A1: O de Nísia, fiquei imaginando muito da vida de Nísia e toda a sua importância como mulher. Aluna A4: O de Nísia, pois com ele você entende muita coisa e aprende a ser uma mulher determinada Aluno A8: O cordel de Nísia me fez refletir sobre a luta feminina por seus direitos. Aluno A19: A princesa da pedra da boca por ter menos detalhes ela despertou a imaginação e sentimentos
Com qual cordel você mais se identificou? Por quê?	Aluna A6: O de Anne Karolinne, porque eu me senti como Anne Shirley no final, empolgada a contar a história para o mundo. Aluna A13: A carta em cordel, ele me fez lembrar das mulheres que tanto lutou para o direito das mulheres, me fez lembrar que muitas das coisas que posso hoje é por sua causa.

	Aluno A27: O cordel da princesa da pedra da boca trouxe boas memórias da infância.
Qual das figuras femininas têm mais a ver com as mulheres que você conhece? Por quê?	Aluna A5 A Nísia, pois as mulheres tem atitudes muito parecidas com a de Nísia. Aluno A8: A de Nísia, porque ela lutou como feminista e defendeu os seus direitos, e hoje vemos algumas mulheres assim também. Aluno A9: Nísia, ela foi forte, determinada, realmente buscou a liberdade e foi uma mulher a frente da sua época. Aluno A26: Anne Shirley, porque ela é uma menina livre para falar o que pensa e não se importa com os padrões da sociedade.
De acordo com a sua visão, qual é o lugar da mulher na sociedade atual?	Aluna A22: A mulher hoje em dia tem autonomia de ser o que quiser, ela assume qualquer tipo de posto com ou sem o homem, pode ser mãe, mulher, advogada, professora, jornalista, dona de casa, e é autossuficiente, independente de qualquer coisa. Aluna A25: Acredito que hoje as coisas estão bem mudadas em questão do direito das mulheres em comparação a antigamente, é uma porcentagem pequena, mas hoje nós mulheres temos direito ao voto, ao trabalho, coisas que somente os homens tinham direito. Aluno A26: Um lugar de respeito, serenidade, doçura, esforço e de comprometimento com seus direitos e deveres.

Fonte: Elaboração da professora

Conforme visto no questionamento acerca do texto mais desafiador, o cordel de *Nísia Floresta: uma carta em cordel* conseguiu tirá-los da zona de conforto, sendo o mais indicado. Possivelmente, devido à forma de apresentação com a diversidade de elementos: o uso de personagens reais e fictícios e os gêneros textuais diferentes em um único texto, fazendo-os refletir acerca da representação do feminino, das lutas e conquistas.

No item direcionado à identificação pessoal com texto, apesar do cordel *A princesa da pedra da boca* remeter à memória de infância, o cordel *Nísia Floresta-uma carta em cordel* aparece como favorito, pois gerou empolgação pela descoberta de tão importante personalidade feminina brasileira, em defesa dos direitos femininos.

No tocante à comparação entre as personagens dos cordéis e as mulheres atuais, foi citado que Nísia Floresta “tem atitudes parecidas com as mulheres de hoje”, porque foi “forte e determinada” sem medo da liberdade. O que vem demonstrar a possibilidade dos estudantes conhecerem ou conviverem com mulheres semelhantes ao perfil descrito. A personagem do seriado, Anne Shirley, também foi lembrada como uma figura de identificação, pois ela “é uma menina livre para falar o que pensa e não se importa com os padrões da sociedade”. Nesse sentido, observamos o quanto a leitura dos textos resultou em variadas conexões, entre as obras e o contexto vivido.

Há também comentários acerca das conquistas femininas e da ascensão da mulher no mercado de trabalho em diferentes funções como advogadas, professoras,

na política e em diversos lugares. Quanto aos espaços femininos, é interessante perceber que o lar também foi citado como ambiente onde a mulher pode estar, indicando que os estudantes compreendem a liberdade de escolha como essencial, pois não aponta apenas para o trabalho fora de casa. Embora sejam muitas as conquistas realizadas, o aluno A12 traz um alerta de que “ainda falta muita coisa, será uma luta constante”, demonstrando uma visão aguçada sobre a realidade feminina, entendendo que a mulher tem historicamente lutado por direitos, reconhecendo que por faltar muita coisa, tende a ser uma luta contínua.

Portanto, é plausível afirmar que ao relacionar um texto com o outro os estudantes precisaram refletir sobre como cada texto foi construído, qual a possível intenção do autor, quais recursos de expressão foram empregados, como o enredo foi estruturado, que ligação o texto estabelece com a realidade, entre outros pontos, nesse sentido, ao proceder com os questionamentos orais e consequentemente escritos, a atividade permitiu novas reflexões por intermédio da troca de perspectivas e o compartilhamento das interpretações.

Para fins de análise, de modo geral, as respostas apontaram que o texto *Nísia Floresta: uma carta em cordel*, apesar de ser mais desafiador, foi também o que suscitou mais reflexão, identificação e semelhança com a realidade. Levando em conta a trajetória de atividades e discussões feitas em sala de aula, o cordel de Anne permitiu um olhar de dentro para fora do texto, conduzindo os estudantes a pensar sobre a condição feminina desde Nísia até hoje.

A finalização desta etapa consistiu na leitura e registro no diário sobre o folheto *Mulher também faz cordel* de Salete Maria, com vistas a ampliar as discussões acerca do lugar do feminino no cordel. O principal objetivo a ser alcançado foi trazer para a roda de discussão a forma como é vista a figura feminina na sociedade atual, as conquistas alcançadas pela mulher nos espaços sociais, o aumento do feminicídio, a influência da mídia no comportamento, assuntos que permeiam a vida real e que, quando discutidos, podem corroborar para a construção de percepções menos preconceituosas em função de uma sociedade mais justa e igualitária. Seguem alguns trechos dos registros realizados no diário de leitura sobre o folheto:

Aluno A9: Depois de ler o cordel, deu pra entender mais sobre a história da mulher no cordel, mas, as mulheres ainda não são reconhecidas como merecem.

Aluno A14: Não entendi quase nada do cordel. Achei chato, tava sem vontade de ler e para piorar ela longo. Eu gosto mesmo é da xilogravura, é um estilo de arte único, complexo e até um pouco nostálgico, pelo menos para mim.

Aluna A15: Gostei muito de ler, e apoio esse cordel porque mulher também tem o direito de fazer o que quiser.

Aluna A16: Esse cordel trás uma realidade, pois, fala como as mulheres eram tratada antigamente.

Aluna A20: O cordel também fala assuntos que infelizmente até hoje se encontra, por exemplo: desigualdade entre homens e mulheres.

Aluno A21: O cordel que eu li mostrou que mulher também pode fazer cordel antes de ler o cordel eu achei que era muito homem que fazia.

Aluna A22: Tive dificuldade de ler, pois algumas palavras eu não sei o significado, mas deu pra entender o que era comunicado.

Aluna A24: Nos versos seguintes a escritora fala sobre a primeira mulher a escrever o que me remete a minha infância onde eu tinha vontade de ser poetisa ou escritora.

Os registros feitos nos diários deixam claro o foco dos estudantes no conteúdo do texto ao referir-se sobre a condição da mulher seja na relação de “desigualdade entre os homens” (A20), de como as mulheres “eram tratadas antigamente” (A16), assim como a condição da mulher autora, destacando o fato de entender que a mulher “também pode fazer cordel” (A21), o que antes era uma atividade predominantemente masculina. Perceber a atualidade do texto ao afirmar que “o cordel também fala de assuntos que infelizmente até hoje acontecem, por exemplo: desigualdade entre homens e mulheres” (A20), comunga com a reflexão do aluno A9, acerca da desvalorização e falta de reconhecimento feminino ainda na atualidade. Neste sentido, podemos perceber que “a potência do cordel reside na capacidade de estar relacionado com informações e práticas culturais de seu tempo” Melo (2010, p. 99), assim, compreende-se que os estudantes exploraram a potência do cordel e assumiram uma postura reflexiva, demonstrando interagir com o texto.

Ainda a respeito da apreciação do texto, o aluno A14 relata não ter entendido o texto, pois considerou chato e longo. O comentário feito pelo aluno aponta para a liberdade de expressão e autonomia leitora, pois demonstra capacidade de pensar com independência e respeitar seus próprios interesses, sendo que logo mais adiante o próprio estudante deixa claro “eu gosto mesmo é da capa dos cordéis em xilogravura, é um estilo de arte única, complexa e até um pouco nostálgica, pelo menos para mim”.

O comentário do aluno demonstra a importância de se trabalhar com tipologias variadas de textos, visto que as escolhas são importantes e, ao se identificar com determinado tipo de texto, o aluno estará sendo despertado para o prazer da leitura. Compreendemos, assim como Zilberman (2005, p.85) que “a leitura implica

aprendizagem, quando a subjetividade do leitor é acatada e quando o leitor, ele mesmo, aceita-se como o eu que perde e ganha sua identidade em confronto com o texto”.

Finalizar esta etapa levando em consideração estes últimos relatos, indica posturas mais analíticas e conscientes diante das leituras sugeridas e nos aponta um crescimento leitor, pois percebemos que, em cada encontro, o grupo apresentou uma participação maior em relação às atividades de leitura, interpretação, registros e questionamentos. Cada pequeno avanço, quando o assunto é leitura e escrita, é uma grande conquista, pois significa que barreiras estão sendo vencidas. Não devemos esperar que um texto venha atender ao gosto de todos os leitores. Porém, somente o contato com este permite conhecer suas especificidades para se chegar à conclusão do gostar ou não, possibilitando o surgimento da curiosidade de querer conhecer outro tipo de texto, buscar outras leituras e continuar lendo.

5.5. Ampliação do horizonte de expectativa (5ª etapa)

Conforme o método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988), na etapa de ampliação do horizonte de expectativas, quinto e último passo do método, os alunos, cientes de que sua visão da leitura literária não é a mesma da primeira etapa, já são capazes de reconhecer as aquisições leitoras, sociais e culturais trazidas pelas leituras realizadas ao longo das aulas e estão aptos para explorar novos níveis de leitura.

Para este momento, os alunos foram organizados em círculo e, em forma de rodízio, realizaram leituras de três outros cordéis, a saber: *Carolina Maria de Jesus* presente na coletânea *Heroínas negras* (2020), de autoria de Jarid Arraes, um cordel que expande ainda mais o olhar sobre a mulher, visto que é um cordel biográfico que aborda o espaço destinado às mulheres que desejam escrever, sobretudo aquelas que são negras e que vivem em comunidades; *As herdeiras de Maria* (2017), de Dalinha Catunda, este cordel defende o lugar da mulher como escritora e questiona os valores patriarcais retomando a primeira cordelista, Maria das Neves Batista Pimentel; e *Lugar de mulher*, de Salete Maria (2005), um cordel escolhido por trazer a temática feminina para a atualidade, provocando os alunos a refletirem sobre o espaço destinado às mulheres na sociedade. Assim puderam ter contato com diversos

estilos de escrita de autoria feminina, tratando sobre a temática do feminino, de modo auxiliar para a elaboração do cordel coletivo.

Após o momento de leitura silenciosa e individual, foram retomadas as principais características da poesia de cordel, explorando os folhetos que cada um recebeu, como uma síntese do que foi discutido até esta etapa. Em seguida, foi exibido um pequeno vídeo em que a cordelista Anne Karolynne fornecia algumas dicas para a escrita de cordel, com o objetivo de adicionar conhecimento acerca da elaboração dos versos, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=PJXJt90MGpM>.

Ao solicitar a elaboração de um cordel coletivo não se pretende formar cordelistas ou escritores, o objetivo central da proposta é incentivar a expressão do pensamento e possibilitar que, ao final da intervenção, os estudantes possam expressar suas subjetividades. Assim como apontam Marinho e Pinheiro (2012, p.134), o mais importante no trabalho com a criação é que “todo o processo seja alegre, mesmo que trabalhoso, e que não destrua a fruição vivenciada pelos alunos com a leitura dos folhetos”.

Nesse viés, antes da produção escrita, foi explicitado que não deveria ser uma preocupação dos estudantes, para a elaboração do texto, seguir rigidamente as normas dos cordéis profissionais como a contagem de sílabas poéticas, por exemplo; o texto deveria, antes de tudo, refletir o que cada um tem a dizer sobre a temática tomado pela livre expressão.

O próximo passo se deu com a escolha do título, muitas foram as sugestões apresentadas, como *o feminino em foco*, *mulheres que rimam*, *vozes femininas* e *mulheres de aço e de flor*. De maneira democrática, foi feita uma votação e o título escolhido pela maioria foi “Mulheres de aço e de flor”.

Após a definição dos aspectos como o título: “Mulheres de aço e de flor”, o tema: o universo feminino, o objetivo: refletir e informar, o tipo de estrofes: sextilha com combinação do tipo ABCBDB, a linguagem: popular, propusemos que a produção dos versos fosse feita em dupla, com a finalidade de tornar a atividade mais concentrada a partir das discussões realizadas ao longo das aulas. Dessa forma, cada dupla produziu duas estrofes para o cordel coletivo.

Na aula seguinte, todas as estrofes foram reunidas e apresentadas à turma em slides. Coletivamente, o cordel foi organizado em 18 estrofes e corrigido no quadro com a contribuição de todos. Eis as primeiras três estrofes:

1
 De uns dias pra cá
 Viemos estudando
 De mulheres cordelistas
 Que vinham recitando
 Sobre figuras femininas
 Que chegaram chegando

2
 Percebemos que a mulher
 É um bicho arretado demais
 Tudo a que se propõe
 Ela se dedica, vai lá e faz
 No trabalho, na casa, na vida
 Com pouco ela não se satisfaz

3
 Eu conheço uma mulher
 Que em tudo ela arrasa
 Trabalha o dia todo
 Além de cuidar da casa
 Mulheres são tão impressionantes
 Que deveriam ser estudadas pela NASA
 (Cordel coletivo, 2023, p.1)

Nos citados versos, tem-se, inicialmente, a contextualização para a produção do cordel ao apontar os recentes estudos e o viés feminino; logo em seguida, são elencados elementos da vivência pessoal dos autores ao mencionar as mulheres conhecidas. Ainda é possível perceber uma possível ligação com o contexto familiar dos autores ao relacionar a mulher com o cuidado da casa, demonstrando percepção acerca do feminino dentro de suas próprias vivências. Por fim, a estrofe apresenta um toque de humor e exagero ao citar a NASA, relacionando-a com a grandeza das ações femininas.

Ao longo do cordel, são citadas várias características positivas das mulheres: o fato de assumirem diferentes funções sem se prenderem a estereótipos; lutarem pelo seu lugar na sociedade; realizar múltiplas tarefas. E, como reflexo das leituras realizadas, também fazem referência sobre a autoria feminina no cordel, como pode ser visto nas estrofes a seguir:

7
 Agora eu vou falar
 Sobre a mulher no cordel
 Que era muito criticada
 E chamada de cascavel
 Mas lutou pelos seus direitos
 E pra elas tiro o meu chapéu

8

Anne, Cacilda, Elizabete
 Nomes que precisamos ressaltar
 Jarid, Dalinha e Salete
 Já conquistaram seu lugar
 Guarde esses nomes na memória
 Pois elas têm muito a brilhar
 (Cordel coletivo, 2023, p.3)

Ao citar nomes de cordelistas e a dificuldade da escrita feminina de cordéis, os estudantes demonstram ter repertório e conhecer mais do assunto se comparado à etapa inicial, sinalizando ampliação do horizonte de expectativas. Outro fator que ocorre mais de uma vez ao longo do texto é a indagação como um recurso para suscitar a reflexão do leitor.

Nas estrofes 13 e 15 do cordel, os estudantes explicam sobre o título e revelam, mais uma vez, que o texto foi o resultado de um processo de descoberta, reflexão e nova percepção sobre a sua realidade, indicando letramento por meio da leitura do texto literário, como pode ser constatado nos versos a seguir:

13

Ao longo dessa jornada
 Eu ainda fiquei a pensar
 Depois de tantas conquistas
 Aonde a mulher pretende chegar
 E me ocorreu de pronto
 Que é em todo lugar

14

Mulheres de aço e de flor
 Teias de coragem a tecer.
 Com garra e inteligência,
 Para os desafios vencer
 Feitas de força, fortaleza
 E beleza pra dar e vender

15

Essa foi uma poesia
 Criada pelo nono Ano “C”
 Deixamos pra vocês um lembrete
 Não podemos retroceder
 Por isso fica a pergunta
 O que a mulher não pode ser?
 (Cordel coletivo, 2023, p.5-6)

Na última estrofe, é explicitada a autoria do cordel, pontuando uma identidade autoral que avançou em conhecimentos e que, por isso, não pode “retroceder”, seguido de um recado final ao leitor em forma de pergunta direta “O que a mulher não

pode ser?”. Ao utilizar o advérbio de negação “não”, os estudantes despertam novamente o pensamento reflexivo sobre a temática e expressam um posicionamento contestador. Diante o exposto, é possível reafirmar que “as leituras feitas dizem respeito não só a tarefa escolar, mas ao modo como veem o mundo” (Bordini e Aguiar, 1988, p. 90), pontuando a efetivação de um letramento crítico dos leitores por meio da poesia de cordel.

Para finalizar a composição do folheto, faltava ainda a imagem da capa. Diante dessa atividade, aqueles alunos que já manifestavam durante as aulas interesse pela arte de desenhar e pela xilogravura se propuseram a elaborar a imagem da capa em um aplicativo de celular. Como resultado, tivemos duas excelentes produções com construções semióticas que remetem ao título e trazem uma simbologia para a compreensão do feminino entre os estudantes. Diante da expressiva produção, as duas imagens foram utilizadas, uma para o cartaz de divulgação e a outra para a capa do cordel.

Imagem1- Cartaz de divulgação

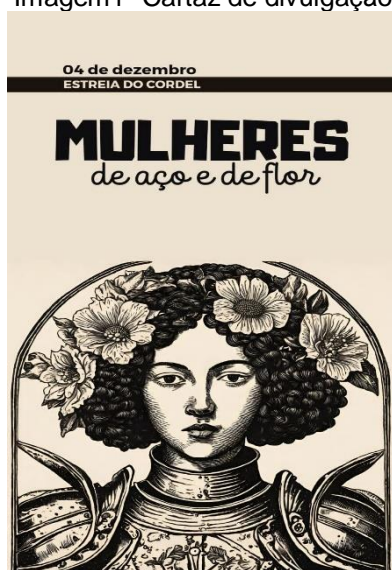


Imagem 2- Capa do cordel



Como encerramento das atividades, foi apresentada aos alunos uma proposta de apresentação direcionada aos pais e à comunidade escolar no pátio da escola, todavia os próprios alunos sugeriram uma apresentação para as outras turmas na qual fossem exibidos os principais cordéis estudados, como uma espécie de linha do tempo, quando eles mesmos puderam expor para os colegas, professores e comunidade escolar os conhecimentos adquiridos e o cordel elaborado por eles.

Em vista disso, optou-se por acatar algumas ideias compartilhadas em sala de aula e montar uma sala temática, seguindo um roteiro elaborado coletivamente. Este iniciava com uma breve fala sobre a origem do cordel, em seguida estava a apresentação dos principais nomes do cordel brasileiro como Patativa do Assaré, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Bráulio Bessa, entre outros, acompanhado por um mural formado com fotos de mulheres na literatura e a pergunta “Cadê as cordelistas?”. Na sequência, o visitante era guiado para a apresentação das cordelistas estudadas durante a aplicação do plano de intervenção e, por último, uma aluna realizava a declamação de um trecho do cordel produzido pela turma.

Dias antes da exposição, foi feita a divulgação do lançamento do cordel nos grupos de *WhatsApp* dos pais e alunos da escola com o objetivo de possibilitar a participação e apreciação de todos. Por fim, a apresentação foi executada conforme o planejado, com destaque para a oralidade, confirmando o que aponta Schneuwly e Dolz (2011, p.184) “a exposição oral permite construir e exercer o papel de ‘especialista’, condição indispensável para que a própria ideia de transmitir um conhecimento a um auditório tenha sentido”, pois ao expor oralmente o conteúdo aos professores, colegas e familiares, foram percebidas outras potencialidades nos estudantes como o entendimento do perfil dos visitantes para a adequação do conteúdo, controle sobre a expressão corporal e ajuste do tempo de fala.

Todo o processo desde planejamento do espaço, confecção dos cartazes, reprodução dos cordéis, montagem das falas, até a arrumação do ambiente e apresentação do conteúdo foi feito pelos estudantes com a supervisão da professora/pesquisadora.

A não imposição das tarefas, bem como a escuta atenta das sugestões e ideias dos estudantes fortaleceram o envolvimento e o protagonismo ao longo das aulas, assim como a percepção acerca dos pontos mais fortes evidenciados por cada aluno. Nesse contexto, o método adotado apresentou-se como um recurso fundamental para que o estudante tivesse seu lugar de destaque garantido nas atividades propostas, sempre em busca de oportunizar crescimento leitor e cidadão.

Paralelamente, o trabalho coletivo também se mostrou bastante eficaz para contemplar os diferentes perfis de leitores e níveis de aprendizagem constatados ainda na etapa do questionamento do horizonte de expectativas. Assim, aqueles alunos que não tinham hábito de leitura, que não gostavam de ler, que não tinham

conhecimento ou interesse por cordéis puderam acompanhar todas as etapas por meio das leituras orais, dos recursos visuais e do compartilhamento de saberes em grupo.

Bordini e Aguiar (1988) apontam algumas ações que podem subsidiar o processo de análise de resultados mediante a aplicação do método, conforme já mencionado no item 2.3 deste trabalho. Nesse sentido, compreendemos ser imprescindível retomá-los com o fito de verificar se, ao final de todas as etapas, os alunos participantes da pesquisa atingiram os objetivos de leitura propostos pelo método recepcional.

Diante de tudo que foi apresentado e cientes da complexidade em expressar e analisar questões tão subjetivas como a experiência leitora de cada estudante, compreendemos que, ao final do plano de intervenção, os estudantes participantes desta pesquisa demonstraram ser capazes de: I. Realizar leituras com compreensão e criticidade II. Receber novos textos com tranquilidade; III. Questionar o conteúdo dos textos em relação a seu próprio horizonte cultural; e IV. Buscar a transformação dos próprios horizontes de expectativas e daqueles que os cercam (Bordini e Aguiar, 1988).

Do ponto de vista literário, a aplicação das atividades de leitura literária com base no cordel de autoria e temática feminina contribuiu para o letramento literário dos estudantes, uma vez que as experiências de leituras proporcionaram um maior conhecimento acerca do gênero literário em questão, despertaram os alunos para uma visão mais abrangente dos textos de cordel e a temática do feminino, além da autonomia e a ampliação dos seus próprios horizontes. Em função da formação do leitor na perspectiva o letramento, compactuamos com Cosson (2021), ao considerarmos que o letramento literário se apresenta como um processo, e como tal, precisa ser alimentado por contínuas leituras para permanecer em constante movimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de leitura permeiam toda a vida social. Assim, a falta da habilidade de ler resulta no distanciamento e conseqüente exclusão de diversas atividades do cotidiano. Além disso, a leitura realizada de modo superficial leva à formação de um leitor incapaz de interagir com o texto e assumir a condição de produtor de sentido, resultando em práticas leitoras pouco significativas, conduzindo também a um distanciamento da leitura.

Conscientes de que a problemática apontada está presente no contexto escolar, não podemos ficar inertes a esta realidade, é necessário buscar alternativas para que o estudante tenha possibilidades de realizar leituras de modo eficiente. Para isso, é imprescindível realizar a leitura de textos diversos com vistas ao letramento. Em função disso, a leitura literária apresenta-se como uma alternativa capaz de mobilizar o estudante para a realização de leituras mais significativas, atuando como um importante instrumento no processo de formação do leitor.

A fim de gerar conhecimento em função da questão apresentada, na perspectiva da pesquisa aplicada, consideramos relevante a adoção do método recepcional por conduzir a leitura literária com respeito e atenção à figura do leitor. Diferente de outros métodos centrados no texto ou no autor, a metodologia adotada nesta pesquisa considera o leitor como centro do processo de leitura e interpretação, uma vez que valoriza o seu horizonte de expectativas na intenção de romper e ampliar este mesmo horizonte em um processo que pode ser repetido continuamente.

Em se tratando das práticas pedagógicas adotadas para a leitura literária, o método recepcional proporciona visibilidade e protagonismo ao estudante, com orientação para a mobilização de estratégias de leitura, comparação e análise dos textos. Nesse viés, selecionamos a literatura popular de cordel considerando ser possível, pela sua narrativa poética, linguagem acessível e dinamicidade, estabelecer um melhor diálogo da leitura do texto e do mundo, contribuindo no processo de aprendizagem, por conceder a oportunidade de um entendimento social e crítico do educando. Importante destacar também a importância do ato de ler no processo de letramento do aluno a partir da sua realidade apresentada nos cordéis.

Os textos da literatura de cordel estudados proporcionaram ao estudante uma experiência de leitura literária focada no reconhecimento do prazer estético e na

temática cantada nos cordéis, possibilitando explorar aspectos textuais e paratextuais com direcionamento para o letramento literário. O recorte utilizado de cordéis com temática e autoria feminina demonstrou ser uma leitura necessária para ampliação da discussão de uma questão presente na sala de aula e na vida em sociedade: a representação do protagonismo feminino. A proposta buscou a formação de sujeitos conhecedores do protagonismo feminino no contexto social e literário, possibilitando, assim, construir uma concepção de respeito às mulheres dado pelo reconhecimento de seu potencial, como também compreender as limitações historicamente impostas a elas.

As atividades de leitura propostas demonstraram a importância do exercício sistemático da leitura literária em sala de aula no sentido de proporcionar a construção de alunos leitores capazes de sair da superficialidade textual, estabelecer relações numa perspectiva de letramento crítico, de modo a se reconhecerem enquanto protagonistas nas práticas de leitura. Experiência esta trabalhada em sala de aula e levada para a vida fora da escola como leitores.

Isto posto, concluímos que as interações e resultados apresentados revelaram que a leitura de cordéis com temática e autoria feminina apresentou-se bastante produtiva, possibilitando explorar diferentes faces do letramento escolar, como o letramento literário e crítico.

Esperamos que esta pesquisa possa ter contribuído como experiência de ensino, apontando caminhos possíveis para melhorar o trabalho com o texto literário e que sirva de estímulo para aprimorar as estratégias de leitura em sala de aula. Neste sentido, o caderno pedagógico produzido como produto final da pesquisa, apresenta-se como um material de apoio aos professores.

Desejamos também que esta temática seja alvo de novas pesquisas relacionadas com o ensino da leitura literária e que cada docente, ao acompanhar e orientar seu estudante no próprio processo de aprendizagem, seja também merecedor de novas aprendizagens por meio da formação continuada, que possibilita desenvolver habilidades e competências, mantendo professores atualizados frente às demandas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, 2008.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2020.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**- Filosofia de um trovador nordestino. 5ª ed. Fortaleza: Editora Vozes, 1984. Disponível em <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/patativa-do-assare-a-triste-partida-2/> Acesso em: 12 out. 2023.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. SP. Cultrix, 1977.
- BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. Educativa, out, 1998.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. Campo Intelectual e Projeto Criador. [1966] *In*. POUILLON, J.[et. all.]. **Problemas do Estruturalismo**, p. 105-145.
- BORDINI, Maria da Glória. **Metodologia e ensino em literatura**. Caderno CEDES, São Paulo: Cortez, n.14, 1985.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: **A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.
- CARBONIERI, D. Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Org.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, 47).

CATUNDA, Dalinha. **As herdeiras de Maria**, 2017. Disponível em: <https://cantinhodadalinha.blogspot.com/2017/06/as-herdeiras-de-maria.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

CHAER, G.; DINIZ, R. I. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, v. 7, n. 7, 2012.

CHEHAB, Isabelle Maria Campos Vasconcelos. Movimentos feministas no Brasil: ciclos históricos, velhos desafios e novas propostas de resistência no contexto da pós-democracia. **THEMIS: Revista da Esmec**, v. 16, n. 2, p. 71-89, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., São Paulo: Editora Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, Rildo. **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério de Educação básica, 2010.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da recepção e teoria do efeito**. Curitiba: SEED, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=44&lid=4787. Acesso em: 05 de maio 2023.

COSTA, Maria Suely da. “A Linguagem (poética): Que estranha potência, a vossa!”. **Revista Odisseia**, [S. l.], n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2060>. Acesso em: 12 de dezembro 2023.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, p. 151-172, 2003.

DUARTE, Constância Lima. **Nisia floresta: vida e obra**. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

DUARTE, Constância Lima. **Nisia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010.

Escola Municipal Governador Mário Covas. **Projeto Político Pedagógico**. Passa e Fica, 2019.

FAUSTINO, Elizabete. **A princesa da pedra da boca**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo. Cortez, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte:

Autêntica, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 687-693, 2012.

GRILLO, Maria Ângela de Farias. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 14, n. 17, p. 123-155, 2007.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2016.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

HOLANDA, Arlene; RINARÉ, Rouxinol do. **Cordel: criar, rimar e letrar**. Fortaleza: IMEPH, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Literatura de Cordel: Dossiê de registro**. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo%281%29.pdf

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática da escrita**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MACÊDO, Nicoli Braga; CORDEIRO, Sabrinne. O cordel no feminino: presença e participação de mulheres autoras. **3º Encontro Internacional História & Parcerias**, 2021.

MACHADO, A.R. Diário de Leituras: a construção de diferentes diálogos em sala de aula. *In: Linha d'Água*, v. 18, n. 1, p. 61-80. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Moama Lorena, Lacerda; CARMO, Liduína Maria do. A mulher no cangaço: Promovendo a leitura literária com cordéis de Ivonete Moraes. **Revista X**, v.

17, n. 3, p. 1089-1108, 2022.

MATOS, Edilene. Literatura de Cordel: a escuta de uma voz poética. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 149-167, 2007.

MELO, Rosilene Alves de. Artes de cordel: linguagem, poética e estética no contemporâneo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n.35, p.93-102, 2010.

MELO, Veríssimo de. Literatura de Cordel; visão histórica e aspectos principais. *In*: LOPES, Ribamar (org.). **Literatura de Cordel**: antologia. Fortaleza: BNB, 1982. p. 7-50.

MINAYO, M. C. S. Introdução. *In*: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MORAES, Jorge Viana. Português - **Elaboração de um diário de leitura**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/medio/portugues-elaboracao-de-um-diario-de-leitura.htm>> Acesso em: 09 jun. 2023

NEGREIROS, Anne Karolynne Santos de. Nísia Floresta: uma carta em cordel. *In*: SILVA, Graça; MELO, Raimundo (org). **Coletânea Poética: Prêmio Nísia Floresta de Literatura**. Natal: sertão das letras, Offset, 2021.

OLIVEIRA, Arusha Kelly Carvalho de. **O cordel em sala de aula**: sugestões didático-pedagógicas para o uso da literatura popular visando ao incremento da leitura. 1 ed. Curitiba: Appris, 2023.

PAIXÃO, F.; FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S. A palavra estética do cordel como instrumento didático pedagógico nos processos de ensino e aprendizagem. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 599–615, 2023.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu, MG: ANPED, 1998.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Orgs.). **Escola e leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PINHEIRO, Hélder. Leitura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. *In*: _____. [et al]. **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008. p.15-27.

PORTO, Maria de Fátima Silva. **De batom e salto alto: experiências de mulheres empresárias**. Patos de Minas 1980 -1990. São Paulo: Annablume, 2002.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6WEK7J>. Acesso em: 29 abr. 2023.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas, São Paulo. Mercado de Letras, 1998.

SANTOS, F. P. dos. **Novas cartografias do cordel e da cantoria: desterritorialização do gênero nas poéticas das vozes**. 2009. Tese de Doutorado em Letras. João Pessoa: UFPB/Pós-Graduação em Letras. 313 p. 2009.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Romaria dos versos: mulheres autoras na ressignificação do cordel**. Dissertação de Mestrado. 2002. Universidade Federal do Ceará, 2002.

SANTOS, Idelete Muzart Fonseca dos. **Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Letramento Literário: desafios e possibilidades na formação de leitores. Vol. 01, nº 01, **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas**, 2013, p. 92-101.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Salete Maria da. **Mulher também faz cordel**. 2005. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/>

SILVA, Salete Maria da. **Lugar de mulher**. 2005. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/>

SOARES. Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES. Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 7ª ed. 3ª reimpressão. 2020.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **Caderno de Formação**: formação de professores, didática de conteúdo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, p. 101- 107.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

STEET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. tradução Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2014.

VIEIRA, Josênia Antunes. O uso do diário em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 5, p. 93-93, 2010.

TARACHUK, Daiana Lima. **A vez e a voz do leitor literário: aplicação do Método Recepcional no Ensino Fundamental I**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia de Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro, reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outros textos. *In*: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto (Org.) **Leitura**: práticas, impressos, letramento. 2. Ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS:**Anexo 01- A PRINCESA DA PEDRA DA BOCA****(ELIZABETE FAUSTINO)**

Santo Deus Pai poderoso
 Dai a mim inspiração
 Para contar uma estória
 Aqui dessa região
 Falar do reino encantado
 Que existiu nesse torrão

Diz a lenda que um dia
 Nesse chão já existiu
 Um reino muito bonito
 Que igual jamais se viu
 Com um feitiço do mal
 O belo reino sumiu

Vivia nesse reinado
 Uma família feliz
 Era o rei e a rainha
 Que viviam no país
 E uma filha muito linda
 Assim a estória diz

Quando a linda princesa
 Quinze anos ia fazer
 O rei falou para a filha
 Tá na hora de escolher
 Pra você um pretendente
 uma festa vou fazer

Mandou convites pra os jovens
 Pois um queria escolher
 Para casara princesa
 E a família crescer
 Porém teve um grande azar
 Ouça o que eu vou lhe dizer

Por arte não sei de que
 ou o destino atentou
 Não convidou um rapaz
 Pois dele não se lembrou
 Era o filho de uma bruxa
 Que enraivada ficou

Ela falou para o filho
 Dizendo deixa estar
 Que vou fazer um feitiço
 E do rei vou me vingar

Já que não te convidou
 A filha não vai casar

A princesa era tão linda
 Causava admiração
 Era tão meiga tão doce
 Como uma rosa em botão
 Seus olhos céu estrelado
 Em noite de São João

Por isso a bruxa pensava
 Com o seu filho casar
 Aquela linda donzela
 E no castelo morar
 Ele não tendo convite
 Ela não podia entrar

Tudo se encaminhava
 Para aquele belo dia
 Em que a linda princesa
 Para casar escolheria
 Um entre todos rapazes
 Que a ela pretendia

Chegou o dia da festa
 E o castelo brilhava
 Todo enfeitado de ouro
 E a muitos invejava
 Então soou a corneta
 E a festa começava

A velha bruxa malvada
 Tudo havia preparado
 Então voou pro castelo
 Com seu feitiço malvado
 O transformou numa pedra
 Ficando tudo parado

Amigos essa tal pedra
 Em castelo se transformou
 Hoje é a pedra da boca
 Que para nós se formou
 Num parque arqueológico
 Assim a estória provou

Há algum tempo atrás
 Existiu um caçador
 Que andava por lá caçando

Quando bem perto avistou
 Uma jovem muito bela
 Que para ele falou

Há muito tempo te espero
 Bem aqui neste lugar
 Vem conhecer minha casa
 Contigo quero casar
 Entre comigo agora
 Não posso mais demorar

Quando o caçador ouviu
 Este convite da moça
 Ficou tremendo e sem fala
 As pernas perderam a força
 Porém a seguiu de perto
 Com uma cara de trouxa

Ele entrou no castelo
 E pôde observar
 Que tudo estava bem limpinho
 Ouro estava a brilhar
 Foi aí que comprovou
 Que estavam a lhe esperar

Levando-o para um quarto
 Onde muitas armas havia
 Ela perguntou pra ele
 Qual delas ele pretendia
 Ele apontou é esta
 Era a que mais reluzia

A espingarda de ouro
 Foi a que ele escolheu
 Ela disse pegue é sua
 Ele pra arma correu
 Pegou com satisfação
 E de emoção tremeu

A princesa ficou triste
 Pela a escolha errada
 Ela se despediu dele
 E ele seguiu a estrada
 Quando olhou para trás
 Não viu castelo nem nada

Ele olhou para a mão
 A arma não reluzia
 Era um pedaço de pau
 Que na sua mão havia
 Foi aí que entendeu
 As coisas que acontecia

Foi aí que lamentou
 Como pude ser tão mal

Trocando uma princesa
 Por um pedaço de pau
 Eu acho que não sou gente
 Devo ser um animal

Ele voltou muitas vezes
 Para o mesmo lugar
 Pensando ver a princesa
 E com ela se casar
 Porém nunca mais a viu
 Morreu de tanto esperar

Contam que quando passar
 De anos uma dezena
 Qualquer jovem corajoso
 Pode salvar a pequena
 Casar com ela e ficar
 Fazendo parte da cena

Porém isso acontece
 A cada dez primaveras
 Se você souber da data
 Vá e desencante ela
 More no lindo castelo
 Despose a jovem donzela

Digo que é jovem porque
 Pra ela o tempo não passa
 Faz parte do encantamento
 Para não perder a graça
 Portanto é tempo meu jovem
 Vá a luta, vá a caça.

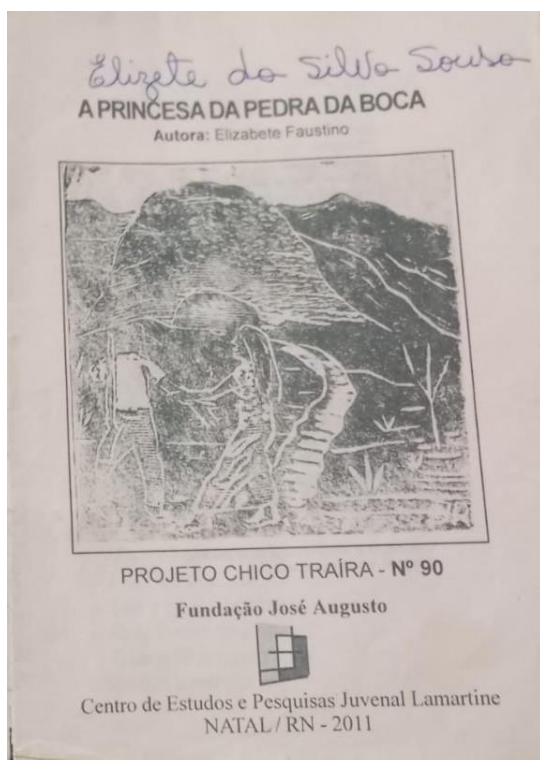
Se você observar bem
 Acho que vai perceber
 Em frente à pedra da boca
 Uma estrada descer
 É o fim de uma escada
 Se olhar bem dá para ver

Contam alguns moradores
 Que moram no calabouço
 Alguns deles já viram
 De manhã perto de um poço
 Uma mulher lavar roupas
 Alvas que é um colosso

Ouvem o galo cantar
 Também um som de viola
 Ouvem rumores de festa
 Tudo nas mais altas horas
 Se tens coragem vai lá
 Porém não pise na bola

Já contei minha estória
 Desempenhei meu papel

E se você já conhece
Pra você tiro o chapéu
E se ainda não conhece
Aproveite esse cordel.



Anexo 02 - NÍSIA FLORESTA: UMA CARTA EM CORDEL

(ANNE KAROLYNNE)

Anne Shirley repousava
Em seu quarto espreguiçando,
Quando ouviu alguém chamando
Enquanto ela despertava.
Marila quem lhe chamava...
Então, chegou no recinto
Com um sorriso distinto
E brilho em sua pupila.
— "Tem boa nova. Marilla?
Me diga logo eu já sinto!"

Marilla nem exitou
Ao contar a novidade.
Uma carta de amizade
De trás, das costas, tirou.
Pra afilhada, revelou
Estendendo a sua mão.
Anne viu, com emoção,
Quase não acreditava,
Pois a carta que chegava
Esperava há um tempão!

Dayana quem escreveu
Aquela carta esperada.
Sua amiga, tão amada,
Finalmente apareceu!
Anne se apressou: correu
Direto pra estrebaria,
Pois era lá que ela lia
Com calma e tranquilidade.
Esta carta de amizade
Muitas notícias traria!

___ "Querida Anne, não desfiz
A nossa linda amizade.
Faltou lhe escrever... verdade.
Mas, quando vim pra Paris,
Parecia outro país:
Mil vezes mais avançado.
Eu me envolvi um bocado
Com a cultura e o estudo
E lhe escrevo, sobretudo,
Pra lhe contar um babado.

"Ouvi falar sobre alguém
Que eu quero lhe apresentar.
Sei que você vai amar,

Querer conhecer também,
Não tinha visto ninguém

Decidida igual a esta!
Ela superou a aresta
Do lugar de uma mulher.
Acredite se quiser:
Seu nome é Nísia Floresta'

"Nísia é muito conhecida
No colégio em que eu estudo.
É famosa sobretudo,
Pelo que fez nessa Vida.
Ela lutou, sem medida,
Por direitos femininos.
Criticava seus destinos,
Buscava mais instrução,
Cultura na formação
De todos os seus ensinos."

— "Por que é que o homem domina? Ele é
ser superior?
E a mulher... inferior?
Por acaso é uma sina?
"Nísia nos abre a cortina
Pra ver que a mulher é mais.
Vem mostrar que ela é capaz
De fazer o que quiser,
E não é por ser mulher
Que deve ficar pra trás. "

Cada palavra que lia...
Um olhar lacrimejado.
O coração inspirado
Era imerso em poesia,
Tudo o que a amiga escrevia
Fazia todo sentido.
O seu texto era comprido
Mas leve como urna brisa.
Na essência da poetisa,
O texto era absorvido.

— "Nem preciso ser modesta
Pra lhe contar essa história.
A mulher é tão notória
Que nem sequer deixa fresta.
EU digo: Nísia Floresta
Deixou um grande legado.
Seu falar humanizado
Luta contra o preconceito.
A inclusão é um conceito
Que ela deixa escriturado. "

"Feminista brasileira,

Viajou todo o país.
Sempre fez o que ela quis
Lutando em toda trincheira.
A identidade primeira:
Dionísia Gonçalves Pinto,
Mudou, de jeito distinto,
Pra Nísia Floresta, o nome,
Augusta seu sobrenome
Ao qual eu muito requinto."

"No Brasil, ela fundou
Um colégio diferente,
Foi pra meninas, somente,
Que planejou e implantou,
Colégio Augusto ficou
Dezessete anos ativo,
Seu ensino positivo Trazia
literatura,
Idiomas, fé, cultura,
Conteúdo rico e vivo."

"Além de uma educadora,
Com a força feminista,
Nísia foi mãe, jornalista,
Foi romancista, escritora.
No jornal, foi redatora,
No seu tempo, sempre à frente.
Que ser tão inteligente!
Não aceitou opressão.
Buscava emancipação
Da mulher integralmente."

"Lutou contra a escravatura
E foi abolicionista,
Destaque enquanto cronista:
'Páginas de uma vida escura'.
Foi vasta a literatura
Que ela deixou publicada:
Seus livros são alvorada
Que ilumina a consciência,
Porque Nísia é resistência
Ela não fica calada. "

"Defendeu índio oprimido,
Que não tinha liberdade;
Da extinção da identidade
Ao perder terra, vencido.
Falou do escravo sofrido,

Do racismo quanto à cor.
Empatizava essa dor
Defendeu os seus conceitos.
A busca pelos direitos
Sempre fez com muito ardor."

"Pela Europa Viajou,
Conheceu muitos lugares,
Visitou diversos lares,
Ao lado de Comte estudou.
Tudo o que vivenciou.
Escreveu pra eternizar,
Enfim, quero lhe falar
Nessa carta, com carinho:
Nísia Floresta é o caminho
Pra gente se empoderar!"

Ao terminar a leitura,
Anne ficou motivada.
A carta, tão inspirada,
Emergiu sua bravura.
— "Amei essa criatura.
Que trajeto tão fecundo
Levantou-se num segundo,
Desembestou, co'amulestar
Pois, sobre Nísia Floresta
Queria contar pra o mundo!"



Anexo 03- MULHER TAMBÉM FAZ CORDEL

(SALETE MARIA DA SILVA)

O folheto de cordel
Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria

Desde que chegou da França
Espanha e Portugal
(Recebido como herança)
De caravela ou nau
O homem o escrevia
Fazia a venda e lia
Em feira, porto e quintal

Só agora a gente vê
Mulher costurando rima
É necessário dizer
Que de limão se faz lima
Hoje o que é limonada
Foi águas podre, parada
Salobra com lama em cima

A mulher não se atrevia
Nesse campo transitar
Por isso não produzia
Vivia para seu lar
Era o homem maior
Vivia ele, afinal
Para o mundo desbravar

Tempo de patriarcado
Também de ortodoxia
À mulher não era dado
Sair pela cercania
Exibindo algum talento
Pois iria a julgamento
Quem não a condenaria?

Era um tempo obscuro
Para o sexo feminino
O castigo era seguro
Para qualquer desatino
Como não sabia ler
Como podia escrever
E mudar o seu destino?

Sem ter a cidadania
Vivendo vida privada

Pouco ou nada entendia
Não era emancipada
Só na cultura oral
Na forma original
Se via ela entrosada

Nas cantigas de ninar
Na contação de história
Tava a negra a rezar
A velha sua memória
Porém disso não passava
Nada ela registrava
Para sua fama e glória

Muitas vezes era tida
Como musa inspiradora
Aquela de cuja vida
Tinha que ser sofredora
Era mãe zelosa e pura
Qual sublime criatura
Porém não era escritora

Sempre a versão do homem
Impressa nalgum papel
Espero que não me tomem
Por feminista cruel
Mas o fato é que a mulher
Disto temos que dar fé
Tinha na vista um véu

O homem que a desejava
Querida qual princesa
Sempre que a venerava
Era por sua beleza
Só isto tinha virtude
Para macho bravo e rude
Mulher com delicadeza

De sua cria cuidando
Cosendo calça e camisa
Para o homem cozinhando
Como vir ser poetisa?
Isto era coisa para macho
Até hoje ainda acho
Gente que assim profetiza.
Até porque o folheto
Era vendido na feira
E era um grande defeito
Mulher sem eira nem beira
Era preciso viagens

Contatos e hospedagens
Pra fazer venda ligeira

E durante muitos anos
Assim a coisa se deu
Em muitos cordéis tiranos
A mulher emudeceu
O homem falava dela
Mas não falava com ela
Nem ela lhe respondeu

Ocorre que em trinta e oito
No ano mil e novecentos
Um fato dito afoito
Veio soprar outros ventos
Uma mulher escreveu
No cordel se intrometeu
Mostrando novos talentos

Talvez seja o primeiro
Cordel de uma mulher
Neste solo brasileiro
Nenhum registro sequer
Confere a este fato
Que seja o dito exato
Mas não é coisa qualquer

Filha de um editor
Família de trovadores
Se esta mulher ousou
A ela nossos louvores
Mas temos a lamentar
Porque não pode assinar
O verso como os autores

Não era uma desvalida
Que escrevia um cordel
Mas uma moça entendida
Parente de menestrel
Mesmo assim se escondia
Pois a vida requeria
Não assumir tal papel

A Batista Pimentel
Com pré-nome de Maria
Não assinou o cordel
Como a história merecia
Mas que o destino tirano
Um Altino Alagoano
Era quem subscrevia

Pseudônimo usou
Para a obra ser aceita
O marido orientou:

“Assim tudo se ajeita”
Tava pronto pra vender
Quem poderia dizer
Ser o autor a sujeita?

Neste tempo já havia
Escola, educação
Alguma mulher já lia
Tinha certa instrução
Tinha delas que votavam
Outras até trabalhavam
Nalguma repartição

Outro tempo aparecendo
Reclamando outra postura
A população crescendo
Emprego e certa fartura
Indústria se instalando
O povo se empregando
Buscando alguma leitura

Mas foi muito gradual
No campo do popular
Tinha aqui um bom sinal
E um retrocesso acolá
No nordeste nada é reto
Até hoje analfabeto
Não conhece o beabá

Somente em setenta e dois
Vicência Macedo Maia
Viria escrever depois:
Nascia o verso de saia!
No estado da Bahia
Deu-se a tal rebeldia
Que hoje não leva vaia

Depois disso, alagoana
Potiguar e cearense
Também tem a sergipana
Paraíba e maranhense
Tem delas no Piauí
Também estão a surgir
Paulista e macapaense

Em todo o nosso Brasil
Mulheres versejam bem
Muito verso se pariu
Não se excluiu ninguém
Tem rima a dar com pau
-acho que me expressei mal-
Pois com a vagina também

Mas a grande maioria

Se concentra no nordeste
Onde um dia a poesia
Era do cabra da peste
Hoje as mulheres estão
Rimando e não é em vão
Do litoral ao agreste

Talvez seja sintomático
Que o cordel no sertão
Ainda seja simpático
E noutros lugares não
O tal cordel já foi tido
Como jornal e foi lido
Em muita ocasião

Serviu para ensinar
Muita gente aprender a ler
Serve para recitar
E muita gente entreter
Cordel é sempre estudado
Em tese de doutorado
Mas tem gente que não vê

Alguns pensam hoje em dia
Que cordel é só tolice
Que não tem categoria
Que é mera invencionice
Feito por homem, não presta
Por mulher então, detesta
Veja quanta idiotice

Mesmo assim elas versejam
E muito bem por sinal
Algumas até desejam
Ir para uma bienal
Mostrar a nossa cultura
A nossa literatura
Etecetera e coisa e tal

Versos de todos os matizes
De toda forma e cor
Algumas são infelizes
Reproduzindo o horror
Do machismo autoritário
Consumismo perdulário
Que tanto as dominou

Mas são as contradições
Presentes neste sistema
Onde mulheres padrões
Vivem também nos esquemas
Eu só quero é celebrar
Da mulher o versejar
Longe dos velhos dilemas

Nosso tempo nos permite
Botar o verso na rua
Quem vai colocar limite
Quem ousa sentar a pua?
Cordel também é cultura
Quem nunca fez a leitura
Ilustrado continua

O cordel é centenário
Nesse Brasil de mistura
É recente no cenário
Da fêmea a literatura
Só estamos começando
Devagar, engatinhando
Quem agora nos segura?

Trinta cordéis eu já tenho
Publicados pelo mundo
Mais uma vez me empenho
Me emocionando no fundo
Metade é sobre mulher
Para mostrar como é
Amor e verso profundo

Aqui encerro meu verso
Cumprindo o meu papel
Se ele foi controverso
Deselegante ou pinel
Só quis dizer para o povo
O que pra alguém é novo:
Mulher também faz cordel!



Anexo 04 – REGISTROS (RECORTES) DO DIÁRIO DE LEITURA

A1-

Esse cordel me deixou com algumas dúvidas porque eu nunca tinha lido ele porém eu reli ele para entender melhor.

"Nísia Floresta: uma carta em cordel" a capa do cordel é interessante, chamou minha atenção pela xilogravura. Pelo título eu pensei que quem tinha escrito era a própria Nísia Floresta, eu nunca tinha lido ele.

A2-

O cordel "A princesa do pedregoso e da boca" na minha opinião é bem interessante de se ler. Porque agrada meu gênero de leitura.

...atividade atual, porque música foi muito revolucionária para sua época. ...antes preconizados de ...

A3-

Assim que comecei a ler o cordel comecei a perceber o quanto importante Nísia é, uma mulher incrível que pensava na importância das mulheres, que pensava no quanto as brancas odiavam e ela tinha ideias de igualdade.

A4

Só de ver o cordel eu não entendi quem é Nisia, mas depois do vídeo do museu eu entendi.
É depois disso se lembra, o cordel e o episódio de Anne.

Nisia ficista. Achei bem interessante porque é um tempo atrás eu tinha visto um vídeo do Brasil e vi uma placa como o nome "Nisia ficista". Ai quando li o título fiquei curiosa.

2 - Qual surgiu maior reflexão? de Ulbrich, pois com ela você entende muita coisa e abre de a ver uma mulher determinada.

A5-

Fui achei que apesar de ser uma história fictícia esse cordel mostra uma tipo de opressão que ninguém quer mais ser, submissiva, perfeitinha, que o pai escreve o nome e a vida só de beleza.

No início eu estranhei ser um cordel e uma carta de Nisia mas depois entendi.

A Nisia, pois as mulheres tem atitudes muito parecidas com as de Nisia.

A6-

Já tinha ouvido a história mais não tinha lido gostei muito por lembrar de falar além ser uma história da pedra da base um lugar que achei lindo.

Eu amei a leitura do cordel Nísia tem uma história linda e gostei de me conhecer "Além de uma educadora, com a força feminista, Nísia foi mãe, jornalista, foi romancista, escritora, etc. a digem para conhecer mas sobre a história foi perfeita, o museu era bem organizada e fiz eu ficar mas encantada ainda, a forma que eles representava não só Nísia mas

3- Com qual cordel você mais se identificou?
 O de Anne Karalimane, porque eu me senti como Anne Spindly no final, empolgada a contar a história para o mundo.

A7-

Um texto bem tem aquele suspense gostei muito tem aquela pitada de mistério para um cordel muito bem, lembra um pouco da história de mãe e filha muito

A8-

A de Nísia, Porque ela lutou como feminista e defendeu os seus direitos, e hoje vemos algumas mulheres assim também.

O cordel de Nísia me fez refletir sobre a luta feminista por seus direitos.

Nunca imaginei que pudesse ter um cordel em forma de livro.

A9-

A rima dele é muito boa, ele diverte os alunos quando elas estão lendo. A rima que foi usada nele faz os alunos quererem saber mais sobre ela.

meios de ler o cordel, deu para entender mais sobre a história da mulher no cordel, mas, as mulheres rítmicas não são reconhecidas como mulheres.

1- A Princesa era tão linda que causava admiração, era tão doce como uma rosa, ela realmente era uma linda donzela que se encaixa perfeitamente em um papel de Princesa.

A10-

Com o rei. A parte que me chamou mais atenção foi quando o caçador escolheu uma arma em vez de ser zicado com a Princesa, porque

Quando eu li o Cordel não sabia quem era Níxia então quando vi a série e o filme deu pra entender quem era Níxia, esse cordel traz muito conhecimento. Me chamou mais atenção quando ela falou do escravo bobado, do racismo quanto à cor.

A11-

O cordel "A Princesa do Pedaço da Boca" foi marcado por uma personalidade feminina de grande destaque na história, uma princesa de muito encanto, tão meiga, tão doce como uma rosa de bolão, um perfil repleto de muita beleza e admiração, que aos 15 anos encantava to-

ludou pelos dinheiros dos "mulheres". Este texto trouxe a oportunidade de conhecer uma história tão rica de conhecimentos, juntamente como um repertório cultural muito vasto e importante. Percebi também que a cultura é desvalorizada em nossa região, isso me embribeceu um pouco. Constante de destacar um

fantasma. antes cordel me lembrava infância, minha professora do 2º ano lia para os alunos todos os dias, já conhecia a história, mas conheço que

A13-

É uma história bem bonita sobre nossa região. Aparece como foi escrito com pensamentos como se fosse uma história encantada trazendo um novo olhar para Pedro da Boca sendo verdade eu não achei lindo e interessante.

A Princesa foi descrita como meiga e delicada, muito linda e seus olhos eram estralados como o céu. Achei que a Princesa pudesse ter mais características como se estivesse disposta, corajosa e valente mais ela tem um

A Carta em Cordel, ele me faz lembrar da mulher que tanto lutaram para o direito das mulheres me faz lembrar que muitas das coisas que posso fazer e por sua causa.

Achei muito interessante como esse cordel foi feito para mim como uma forma inovadora de cordel em carta.

A14-

PODRE, não gostei, Porém, da pra saber pqe quer dizer. Uma arte estranha, Uma menina lendo uma carta.

Não entendi quase nada do Cordel. Achei chato, tava sem vontade de ler e para piorar era longo.

Eu gosto mesmo é da capa dos cordéis em xilogravura, é um estilo de arte único, complexo e até um pouco nostálgico, pelo menos para mim.

A15

o desenho achei bacana, só vi pela primeira vez um cordel em carta.

estas décadas, gostei muito de ler, e apoio esse cordel porque mulheres também tem o direito de fazer o que quiser...

Maria Elizabete tem um dom de poesia, acho bem incrível o jeito que ela faz a rima e a história dela foi muito boa não

Só em ler o cordel vi que Nísia é muito importante porque ela buscou os direitos femininos e também lutou contra o preconceito, e viu as outras coisas boas que ela fez, esse poema ficou muito bom, esse cordel traz mais conhecimentos sobre Nísia Floresta e uma forma de

A16

cimentos, nunca tinha visto um cordel assim, me trouxe aprendizado com a leitura?

Esse cordel trás uma realidade, pois, fala como as Mulheres eram tratada antigamente. gostei bastante.

A17

Nísia Floresta, o título não chama atenção, mas parece um nome de uma floresta. Tipo floresta encantada. Eu espero a partir do texto um conto de uma floresta encantada, onde mora várias criaturas mágicas. E tem tipo uma casa encantada.

A princesa da pedra da boca é uma história clichê de uma princesa que morava num castelo, e uma a infectou e tudo virou pedra. Não sou fã de cor-

ligações incríveis com a série Anne with e, por que Nisio e Anne vivem na mesma época e tinha o mesmo pensamento.

A18

Eu já li um cordel, gostei da estética do cordel bem interessante. O título chamou minha atenção e combinei super com a preta e eu não mebrava.

Eu nunca vi um cordel em forma carta (ou uma carta em forma de cordel).

A19

Nisio, ela foi forte, determinada, realmente buscou a liberdade e foi uma mulher a frente de sua época.

Nisio, ela foi forte, determinada, realmente buscou a liberdade e foi uma mulher a frente de sua época.

A20

Sou muito fã de cordel mas gosto do clichê de contos de fadas o que me fez gostar dele.

O cordel também fala de assuntos que infelizmente até hoje se encontra por exemplo: desigualdade entre homens e mulheres.

na série, eu já tinha ouvido falar sobre Nísia Floresta mas eu não sabia que ela era tão importante para o mundo e ela estava tão perto da gente, só tive essa clareza quando visitamos o museu.

A21-

O título Nísia Floresta é um título um pouco estranho.

que ela escreve as cartas em esperava encontrar misturas. A capa é bonita.

Pela capa e o título achei que

antes de ler o cordel eu não sabia que era Nísia depois de ler o cordel "Repórter" que ela é bem importante também que não é só homens que escreve os cordel.

Deu para ler o cordel, o cordel que eu li me mostrou que mulher também pode fazer cordel antes de ler o cordel eu achava que era muito homem que fazia

A22-

Elizabeth Faustino, é um texto muito bom de ler, pelas rimas que parecem deixar a história mais fluida e nos prendem no texto. Já li esse cordel e gosto da história toda vez que leio, porque ela nos envia até o lugar onde se passa e dá para imaginar perfeitamente o cenário.

O título "Nísia Floresta: uma carta em cordel" não me atrai, porque não me comunica muita coisa, será que Nísia está escrevendo? O texto fala de Nísia? Ela recebe a carta? Na minha concepção, eu acho que alguém fala de Nísia em forma de cordel, pelo jeito que o título retrata.

sociedade atual:
 a mulher hoje em dia tem autonomia de ser o que quiser
 ela assume qualquer tipo de profissão como se fosse homem,
 pode ser mãe, médica, advogada, professora, jornalista, etc.
 uma de casa, e é totalmente independente de qualquer
 coisa.

ser antigamente. Tive dificuldade de ler, pois algumas palavras eu não sei o significado, mas deu pra entender o que era comunicado. Me situei no texto quando

A24-

Um bom cordel que remete a cultura nordestina, gostei,

como a mulher era vista e como as coisas
 seriam seguintes a escritora para sobre a
 primeira mulher a escrever o que me remete
 a minha infância onde eu tinha vontade de
 ser poetisa ou escritora.

A25-

Elizabeth Faustino tem um dom lindo de relatar essa história, e cada detalhe vai contar de algo que pode ser real.

Pelo título eu imagino que é uma coisa chota e sem muita criatividade; não está. Quem em-

heredito que hoje os cursos estão bem mudados em questão de quanto os mulheres, em comparação a antigamente, é uma porcentagem pequena, mas hoje nós mulheres temos muito a ver com o trabalho, coisas que somente homens tinham direito.

A26-

na sociedade atual.
Um lugar de respeito, renormidade, dignidade, ergo e de compo-
timentos com seus direitos e deveres

Anne Shirley, porque ela é uma menina linda para falar o que pensa e não se importa com os padrões da sociedade.

A27-

O CORDEL DA PRINCESA DA PEDRA DA BOCA FEZ
BOAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

APÊNDICES

Apêndice 01- QUESTIONÁRIO DO ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Caro(a) aluno(a), pedimos a sua colaboração no sentido de responder as questões a seguir. Suas respostas nos ajudarão a traçar um perfil do aluno leitor do 9º ano desta escola. Sua identidade será totalmente preservada.

IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo: () Masculino () Feminino

Série: Turma..... Turno:

Novato na série: () sim () Não

1. Você tem o hábito de ler?

() Sim

() Não

Justifique sua resposta:.....

2. Em caso afirmativo, com que frequência?

3. Onde você mais ler?

() Na escola

() Em casa

() outro lugar. Onde?

4. Que tipos de textos você costuma ler?

() Poemas

() Contos

() Histórias românticas e de aventuras

() Histórias de suspense ou terror

() Histórias engraçadas

() Textos informativos

() Histórias em quadrinhos

() Lendas

() Outro tipo de leitura. Qual?

Por quê?

5. Você pratica leitura com qual objetivo?

() Pelo prazer de ler

() Para adquirir conhecimento

() Sem objetivo, por obrigação

6. Em anos anteriores, já teve aula sobre a literatura de cordel?

7. Você conhece algum cordel? Cite-o.

Apêndice 02- MULHERES DE AÇO E DE FLOR (TURMA DO 9º ANO “C”)

De uns dias pra cá
Viemos estudando
De mulheres cordelistas
Que vinham recitando
Sobre figuras femininas
Que chegaram chegando

Percebemos que a mulher
É um bicho arretado demais
Tudo a que se propõe
Ela se dedica, vai lá e faz
No trabalho, na casa, na vida
Com pouco ela não se satisfaz

Eu conheço uma mulher
Que em tudo ela arrasa
Trabalha o dia todo
Além de cuidar da casa
Mulheres são tão impressionantes
Que deveriam ser estudadas pela NASA

Agora eu lhe pergunto
Se você não conhece também
Uma mulher que te inspira
Que te motiva a ir além
Se você procurar,
Se matutar vai ver que tem

Aquelas que são mãe solo
tem a minha admiração
Carregam o seu filho no colo
Com amor e determinação
Fazendo papel de pai
Exemplos de superação

No campo das profissões
A mulher ultrapassa as barreiras
Engenheira, construtora, manobrista,
Delegada, mecânica e bombeira
São motoristas de uber, ônibus e caminhão
De avião e até retroescavadeira

Agora eu vou falar
Sobre a mulher no cordel
Que era muito criticada
E chamada de cascavel
Mas lutou pelos seus direitos
E pra elas tiro o meu chapéu

Anne, Cacilda, Elizabete
Nomes que precisamos ressaltar
Jarid, Dalinha e Salete

Já conquistaram seu lugar
Guarde esses nomes na memória
Pois elas têm muito a brilhar

Não se enredam em estereótipos,
Com coragem vão além,
Rompendo as amarras,
Desfazendo o desdém.
No cordel as mulheres,
São protagonistas também.

As mulheres brasileiras
cada vez mais destacadas
Marília Mendonça, Nísia Floresta
Maria bonita, Rita de Cássia
todas fizeram bonito
pense como mulher é arretada

cordelistas, guerreiras, cantoras
construindo história de superação
enfrentam os medos com bravura
nesse cordel eu exalto sua contribuição
é mãe, é filha, avó e companheira
Todas com muito valor e admiração

Nas ruas da modernidade,
em versos vou rimar,
Mulheres fortes, destemidas
No cordel da vida, a se destacar.
Traçam seus destinos,
Sem medo de enfrentar.

Ao longo dessa jornada
eu ainda fiquei a pensar
Depois de tantas conquistas
aonde a mulher pretende chegar
e me ocorreu de pronto
que é em todo lugar

A resposta é tão simples
Que parece brincadeira
Ela quer fazer o que o homem
Sempre fez a vida inteira
Ser livre pra viver
Sem encontrar tanta fronteira

Mulheres de aço e de flor
Teias de coragem a tecer.
Com garra e inteligência,
Para os desafios vencer
Feitas de força, fortaleza
E beleza pra dar e vender

Terminando essa história
Tão doce quanto o mel
Independente do que sejam
Mulher sabe fazer cordel
Disso não temos dúvida
O seu limite é o céu

E não é só cordel
Que essas guerreiras sabem fazer
É muita coisa nesse mundo

Basta só o povo querer ver
Abram os olhos, minha gente
Observem esse poder

Essa foi uma poesia
Criada pelo nono Ano "C"
Deixamos pra vocês um lembrete
Não podemos retroceder
Por isso fica a pergunta
O que a mulher não pode ser?

CADERNO PEDAGÓGICO

O CORDEL NA SALA DE AULA

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS FACES DO LETRAMENTO

Material Didático desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS/UEPB.

Orientações para leitura de cordéis femininos

2024

APRESENTAÇÃO

Prezado professor!

Sabemos que a experiência da leitura é uma atividade indispensável no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de análise crítica e síntese, bem como o entendimento de sua realidade. Contudo, reconhecemos algumas problemáticas que dificultam o trabalho com a leitura em sala de aula, como alunos desmotivados ou que apresentam dificuldades de sair da superficialidade textual, logo, é necessário o uso de alternativas para que os alunos encontrem na leitura um modo de se desenvolver tanto como leitor do mundo, quanto da palavra.

Levando em consideração o exposto, partimos do princípio que oportunizar o estudo de textos literários, próximos do mundo do aluno, da sua linguagem, como o cordel, tem um grande potencial para estimular o hábito leitor, despertando para as múltiplas formas de leitura e interpretação. Assim, desenvolvemos este caderno com a finalidade de servir como apoio pedagógico aos professores da disciplina de Língua Portuguesa no que se refere à leitura de cordéis, constituindo-se em produto final da pesquisa apresentada na dissertação do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, no Centro de Humanidades, campus III/UEPB.

Compreendemos que a leitura do texto literário aproxima o estudante de diversas possibilidades estéticas, composicionais, temáticas, conduzindo-o ao letramento literário. Assim, as atividades propostas neste caderno têm como objetivo promover a leitura literária de cordel para turmas de 9º ano. Além disso, buscamos utilizar cordéis de autoria feminina que tenham temática voltada para a representação do feminino, com fins de proporcionar leituras mais reflexivas conduzindo ao letramento em torno das questões sobre a mulher em nossa sociedade, tanto em termos de representação social quanto cultural.

O caderno apresenta, inicialmente, uma síntese da fundamentação teórica e metodológica. Em seguida, tem-se a descrição das atividades de acordo com a metodologia adotada. O plano de ação está estruturado em cinco etapas, com base no método recepcional de Bordini e Aguiar (1989), as quais estão assim organizadas:

1ª Etapa- Determinação dos horizontes de expectativas.

2ª Etapa- Atendimento dos horizontes de expectativas.

3ª Etapa- Ruptura dos horizontes de expectativas.

4ª Etapa- Questionamento dos horizontes de expectativas.

5ª Etapa- Ampliação dos horizontes de expectativas.

Cientes de que cada sala de aula é única e apresenta diferentes demandas, reforçamos que os apontamentos feitos neste caderno possuem caráter flexível e devem ser adaptados conforme o contexto dos estudantes para que os objetivos de ensino-aprendizagem sejam alcançados.

Por fim, espera-se que este material contribua como apoio para o trabalho com leitura de cordel feminino em sala de aula desenvolvendo o gosto pela poesia de cordel, bem como, a ampliação das práticas de leitura e disseminação do respeito aos direitos da mulher e ao espaço do feminino na literatura popular.

SUMÁRIO

Leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa	5
Poesia de cordel: temática e autoria feminina	6
Método recepcional	7
1ª ETAPA - Determinação dos horizontes de expectativas.....	10
2ª ETAPA - Atendimento dos horizontes de expectativas	13
3ª ETAPA: Ruptura dos horizontes de expectativas.....	16
4ª ETAPA: Questionamento dos horizontes de expectativas	20
5ª ETAPA: Ampliação dos horizontes de expectativas.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS:	28
APÊNDICES.....	36

Leitura literária nas aulas de Língua Portuguesa

A leitura é uma atividade essencial na sociedade contemporânea e não se trata apenas da decodificação das letras, o domínio da leitura está voltado para interação entre leitor e texto, assim é necessário pensar na leitura enquanto prática socialmente inserida.

Na escola, ler é uma prática valorizada, devendo ser incentivada desde as séries iniciais, isso porque o domínio da leitura se constitui como a base para que o estudante consiga galgar outros patamares do conhecimento, possibilitando a participação destes na sociedade letrada e na atuação como cidadão. Desse modo, as práticas de leitura propostas na escola devem envolver a maior variedade de textos possível, a fim de permitir que os estudantes realizem experiências diversas com a leitura. Assim, a escola deve assegurar o lugar da leitura literária, reconhecendo o papel transformador e social que possui a literatura. Conforme pontua Coelho (2000, p.16), ao destacar que “nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois de maneira mais abrangente que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente”.

Nas práticas de leitura, o potencial do texto literário está em possibilitar que o leitor exercite a mente por meio da imaginação, reconheça a multiplicidade de sentidos, as diversas interpretações possíveis, o caráter estético da linguagem, além de estabelecer comparações com a realidade, criar autonomia leitora, entre outras possibilidades.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, no âmbito do Campo artístico-literário, o contato com a arte literária deve ser ofertado a fim de que o estudante leitor possa reconhecer e apreciar essa manifestação artística com vista à continuidade da formação do leitor literário com ênfase no desenvolvimento da fruição (Brasil, 2018, p. 138). Portanto, a metodologia de ensino com o texto literário em sala de aula precisa estar voltada para a formação de leitores criativos, sensíveis, reflexivos, capazes de explorar o caráter polissêmico das palavras com atenção para o protagonismo e a recepção.

Poesia de cordel: temática e autoria feminina

Considerado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como um Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, o cordel é, hoje, reconhecido pelo grande valor cultural e histórico que apresenta enquanto manifestação da cultura popular brasileira. Assim, reconhecido pelo valor estético e cultural que representa ao proporcionar ao leitor um entendimento social e crítico, o cordel deve estar presente na sala de aula, por ser um texto dinâmico que pode contribuir no processo de aprendizagem.

Partindo da premissa que a leitura literária deve ser acessível ao leitor, o trabalho com literatura de cordel constitui-se como bastante viável, visto que, é um texto com linguagem mais próxima do cotidiano, sonoridade agradável, baixo custo de aquisição, trata de diversas temáticas, possibilitando a formação de leitores capazes de perceber o texto enquanto prática social.

Segundo com Marinho e Pinheiro (2012), a abertura da escola para a experiência com a literatura de cordel é uma conquista importante, visto que o cordel apresenta caráter dinâmico, estético, lúdico, cultural, reflexivo e outras vertentes desse gênero tão rico em possibilidades. Nessa perspectiva, compreende-se que a utilização da literatura de cordel, com vista à formação de alunos leitores, precisa estar baseada no potencial do texto literário. Desse modo, a temática feminina, assim como outras temáticas atemporais, encontra no gênero cordel um espaço adequado de representação, uma vez que a poesia popular possibilitar a condução de temáticas relevantes sem perder de vista os aspectos literários e estéticos.

A prática pedagógica com a literatura de cordel de autoria feminina, cujo textos tratem do gênero feminino como temática principal, busca permitir que os estudantes tenham acesso a leituras em torno desse gênero, dando visibilidade às cordelistas e estimulando a reflexão e a valorização das mulheres na sociedade. Trazer para a sala de aula o feminino em foco significa refletir sobre uma questão ainda muito presente na sociedade como o tratamento desigual destinado às mulheres. Assim, compreende-se que a leitura literária a partir de uma temática relevante para o contexto onde os discentes estão inseridos pode promover a formação de um leitor mais reflexivo e propositivo, capaz de despertar um outro olhar para o seu entorno.

Método recepcional

No trabalho com a leitura literária em contexto escolar, a adoção de um método de ensino alinhado aos objetivos pretendidos pelo professor auxilia na condução do fazer pedagógico, pois possibilita a organização e o planejamento das ações com base em fundamentos teóricos.

Bordini e Aguiar (1988) nos apontam algumas alternativas metodológicas para a formação do leitor, entre elas está o método recepcional, que foi elaborado com base na teoria da estética da recepção. Nessa teoria, a recepção é compreendida como “uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente” (Bordini e Aguiar, 1988, p. 82). Sendo assim, a obra só pode ser concretizada a partir do leitor e de sua recepção em relação ao texto. Para isso, é preciso levar em consideração os horizontes de expectativa do leitor.

O conceito de horizontes de expectativas aponta para as convenções estético-ideológicas. Estas convenções influenciam na produção/recepção dos textos e podem ser compreendidas com base na ordem social, intelectual, ideológica, linguística, literária e afetivas na qual o autor/ leitor estão inseridos (Bordini e Aguiar, 1988, p.83).

Nesse sentido, método recepcional está fundamentado na atitude do leitor em contato com diferentes textos partindo do horizonte de expectativas dos leitores. Logo, para se trabalhar o texto literário na perspectiva da recepção, é necessário inicialmente sondar esses horizontes, a fim de que o leitor seja conduzido a leituras mais complexas de forma gradual. Para melhor compreendermos essa questão, é necessário observar as etapas nas quais o método está organizado, a saber: I. Determinação do horizonte de expectativas; II. Atendimento do horizonte de expectativas; III. Ruptura do horizonte de expectativas; IV. Questionamento do horizonte de expectativas e V. Ampliação do horizonte de expectativas.

A primeira etapa do método, a determinação do horizonte de expectativas, visa conhecer/ reconhecer as vivências anteriores dos leitores não apenas em relação à leitura, mas também quanto às experiências pessoais, a fim de melhor conduzir as próximas etapas.

Na segunda etapa, denominada atendimento do horizonte de expectativas, o professor deve propor leituras que satisfaçam às expectativas do leitor, observado na etapa anterior. Assim, é possível atender aos desejos de leitura do grupo por meio do gênero preferido e do suporte ou recurso pedagógico comum aos estudantes, entre outras possibilidades.

Na terceira etapa, intitulada ruptura do horizonte de expectativa, o importante é romper com os padrões de leitura já conhecidos pelos leitores. Para isso, é sugerida a realização de leituras mais complexas e que demandem maior esforço do grupo. Neste caso, é importante estar atento para que a leitura proposta ainda seja acessível aos leitores observados.

Na quarta etapa, o questionamento do horizonte de expectativa, a tarefa é levar os leitores à reflexão sobre as leituras realizadas nas fases anteriores por meio da comparação entre elas, resultando na análise comparativa entre as experiências de leituras.

Por fim, a quinta e última etapa do método, a ampliação do horizonte de expectativa, propõe a tomada de consciência sobre as aquisições obtidas ao longo do processo. Para isso, o professor pode provocar os estudantes com atividades que resultem na percepção acerca da ampliação dos horizontes de expectativas relatados na primeira etapa.

Com base no exposto, a proposta deste caderno pedagógico segue o método recepcional de Bordini e Aguiar (1988) e tem como principal objetivo aprimorar às competências leitoras dos estudantes com ênfase na valorização do leitor. Segue abaixo, um quadro resumo com as etapas para o plano de trabalho.

Etapas	Objetivo	Tempo estimado
Determinação do horizonte de expectativas	Compreender os interesses de leitura dos alunos a fim de traçar as estratégias mais adequadas para a ruptura e ampliação dos horizontes de expectativas.	02 aulas de 50 minutos
Atendimento do horizonte de expectativas	Realizar a leitura de textos que correspondam ao nível de leitura dos alunos e que satisfaçam suas necessidades de leitura tanto no que diz respeito ao objeto de estudo quanto às estratégias de ensino.	02 aulas de 50 minutos
Ruptura do horizonte de expectativas	Extrapolar os padrões de leitura habituais aos alunos, abalando as certezas e criando divergências daquilo que já era comum.	07 aulas de 50 minutos

Questionamento do horizonte de expectativas	Construir uma análise sobre as leituras realizadas antes e depois da ruptura do horizonte de expectativas.	02 aulas de 50 minutos
Ampliação do horizonte de expectativas	Reconhecer as aquisições leitoras, sociais e culturais trazidas pelas leituras realizadas ao longo das aulas.	4 aulas de 50 minutos

Atenção!



Antes de desenvolver a primeira etapa do método, é necessário apresentar de forma oral aos alunos as atividades que serão desenvolvidas nas próximas aulas e explicar o principal objetivo do trabalho com a leitura de cordéis em torno do feminino, bem como as etapas pretendidas. Além disso, é preciso comunicar que, para as próximas aulas, será necessário que todos adotem um pequeno caderno ou um bloquinho de folhas que servirá como um diário de leitura. Nesse diário, eles deverão anotar as primeiras impressões sobre a leitura, os pontos que não compreenderam, o que mudariam, o que a leitura trouxe de aprendizagem, entre outros comentários.

1ª ETAPA - DETERMINAÇÃO DOS HORIZONTES DE EXPECTATIVAS

OBJETIVOS DA ETAPA:

- Reconhecer os horizontes de expectativas dos estudantes acerca da leitura e da literatura de cordel.
- Re (conhecer) o gênero cordel;
- Estimular o pensamento acerca do feminino.

TEMPO ESTIMADO: 2 aulas de 50 minutos

RECURSO: Questionário impresso; Projetor.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS:

- Questionário com questões semiabertas.
- Aula expositiva.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura e oralidade.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Conversação espontânea.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA DE LÍNGUA PORTUGUESA BNCC:

Competência 7: Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões, ou atividades coletivas na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

PROCEDIMENTOS:

Apresentação e organização da aula: aplicação de questionário individual sobre a relação do estudante com a leitura e o gênero cordel. Em função da diversidade de experiências reunidas em uma sala de aula, é importante apresentar alguns pontos importantes sobre a literatura de cordel com vistas a um nivelamento.

Antes de aplicar o questionário de sondagem, é importante explicar para os alunos que todos temos experiências individuais e que para a resolução da atividade

proposta basta responder de forma sincera aos questionamentos, sem receio de que sejam classificados como certos ou errados. É importante também chamar a atenção para o fato de que as identidades serão preservadas, por isso, não haverá necessidade de identificação por nome para que todos se sintam mais à vontade.

- ✓ Distribuir as cópias do questionário (apêndice 1, p.36).
- ✓ Aplicar o questionário de leitura. Pedir que os alunos respondam todos itens com atenção e máxima sinceridade;
- ✓ Após o preenchimento do questionário, o professor fará uma apresentação, em slides, sobre a literatura de cordel a fim de garantir que todos os estudantes possam prosseguir para as próximas etapas sem prejuízo. Este momento poderá ser enriquecido com a utilização de folhetos para serem manuseados pelos estudantes. Como sugestão para os slides tem-se os seguintes tópicos:

- O cordel: conceito e origem
- Especificidades da poesia de cordel
- Temas mais comuns da poesia de cordel
- Principais autores de cordel
- Lugares onde encontrar os textos de cordel
- Xilogravura: conceito e especificidades

- ✓ Utilizando o projetor, o professor apresentará algumas figuras femininas de destaque no campo da literatura, tanto como temática quanto autoria, a fim de que aos estudantes tenham o primeiro contato com o conteúdo do projeto.
- ✓ Após a exposição, é importante dialogar com os estudantes a fim de conhecê-los melhor. Eis algumas sugestões para a condução da conversa.

- Você já conhecia alguma autora/personagem apresentada nos slides?
- Você já leu alguma obra com personagens femininas? Qual?
- Como essa personagem era caracterizada?
- Conhece alguma escritora? E mulher cordelista?
- Recomenda alguma leitura que fala de mulheres ou que foi escrito por mulher?



Professor, finalizadas as atividades para a primeira etapa do método, é imprescindível a análise dos questionários respondidos para que reconheça como os seus alunos se relacionam com a leitura, o que costumam ler e o que sabem sobre a literatura de cordel a fim de melhor planejar as próximas etapas.

2ª ETAPA - ATENDIMENTO DOS HORIZONTES DE EXPECTATIVAS

O objetivo desta etapa do método recepcional é atender as expectativas do leitor quanto à leitura do cordel de autoria feminina. Dessa forma, a escolha do cordel deverá estar em consonância com as expectativas de leitura da turma, observadas por meio do questionário de sondagem aplicado na primeira etapa.

OBJETIVOS DA ETAPA:

- Corresponder aos gostos pessoais dos alunos na leitura de folhetos de cordel.
- Conhecer sobre a autoria feminina de cordéis em contato com a cordelista.

TEMPO ESTIMADO: 02 aulas de 50 minutos

RECURSO: Cópias do folheto de cordel; Datashow.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS:

- Aula expositiva.
- Roda de conversa.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura, oralidade.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Estratégias de leitura, Apreciação e réplica; Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:

Competência 3: Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos e continuar aprendendo.

Competência 9: Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Habilidades da BNCC:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

PROCEDIMENTOS:

Apresentação e organização da aula: trabalhar um cordel que corresponda ao nível de leitura dos alunos. Sugerimos o cordel *A princesa da pedra da boca*, uma leitura agradável, inspirada em uma lenda popular na região que atende os anseios de leitura expressos pelos estudantes no questionário.

- ✓ Distribuir os folhetos de cordel *A princesa da pedra da boca* (Anexo 1, p. 27).
- ✓ Fazer a leitura oralizada do texto de maneira bem expressiva, com foco para a entonação e a sonoridade dos versos de acordo com a intenção comunicativa.
- ✓ Discutir oralmente sobre os aspectos composicionais, estruturais e sobre a temática do cordel estimulando a participação, o compartilhamento de saberes, bem como o senso crítico acerca do feminino nesta obra. Como sugestão tem-se os seguintes questionamentos:

- De quem será a voz do poema, trata-se de uma criança, um adolescente ou um adulto? Comente.
- Para você, a voz do eu lírico está triste, alegre, orgulhosa ou enfática?
- Quais palavras presentes no texto estão produzindo rima, ritmo e musicalidade?
- Para você, este é um cordel que denuncia, diverte, informa ou faz refletir?
- Observe a estrutura do cordel, como ele está estruturado?
- Qual a temática do cordel?
- Qual a personagem em destaque? Cite as principais características.
- Você conhece alguém com características semelhantes?
- Em qual contexto a história se passa?
- Para você, a partir desse contexto, a postura da personagem em destaque estava apropriada?
- Observe a capa do folheto, o que está representado?

✓ Realizar uma roda de conversa com a autora do cordel convidada ou fazer a apresentação utilizando o projetor de imagens, na impossibilidade da presença da cordelista. Para o diálogo com a convidada, tem-se as seguintes sugestões:

- Quando foi o seu primeiro contato com o cordel?
- Quando você começou a escrever seus próprios cordéis?
- Qual foi a sua motivação para a produção deste cordel?
- Como se deu a escrita do texto?
- Qual o caminho até a publicação?
- Sua escrita teve inspiração em outros(as) cordelistas?

✓ Estimular os alunos a também dialogar com escritora fazendo comentários ou perguntas, despertando assim a aproximação da obra/autor/sujeito leitor.

✓ Solicitar que os alunos façam o registro no diário de leitura sobre a experiência com o texto de cordel e sobre a conversa com a cordelista.

3ª ETAPA: RUPTURA DOS HORIZONTES DE EXPECTATIVAS

OBJETIVOS DA ETAPA:

- Romper com os padrões de leitura habituais aos alunos, abalando as certezas e criando divergências daquilo que já era comum.
- Reforçar a observação acerca do feminino.

TEMPO ESTIMADO: 02 aulas de 50 minutos

RECURSO: Cópias do folheto de cordel; projetor.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS:

- Aula expositiva.
- Leitura compartilhada.
- Roda de conversa.
- Aula expositiva com exibição de um trecho da série televisiva.
- Aula de campo.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Relação entre textos; Adesão às práticas de leitura; Relação entre textos.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:

Competência 3: Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Competência 9: Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como

leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, lirias, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seus conhecimentos sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, dentre outros.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

PROCEDIMENTOS:

Apresentação e organização da aula: Esta etapa será desenvolvida em dois momentos, o primeiro em sala de aula e o seguinte em ambiente externo. Importante verificar com antecedência todas as possibilidades para a execução das atividades sugeridas:

- ✓ Distribuir cópias do folheto *Nísia Floresta: uma carta em cordel* (Anexo 2, p.31).
- ✓ Solicitar que os alunos façam a leitura individual e silenciosa.
- ✓ Realizar uma segunda leitura de forma oral e coletiva do mesmo folheto com estímulo para a entonação, observação das rimas, ritmo, das expressões.
- ✓ Apresentar a cordelista, Anne Karolynne, por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=cE-q93TzfEk>.
- ✓ Levantar questionamento e abrir discussão acerca da construção do texto do cordel, bem como da figura feminina. O diálogo pode ser norteado a partir das seguintes perguntas:

- Como é capa? As estrofes possuem quantos versos? Como esses versos estão combinados?
- Quais são as palavras que mais expressam sonoridade no texto?
- Existe algum termo desconhecido? Aponte-o.
- Você reconhece alguma palavra utilizada na nossa região? Destaque-a.
- Para você, por que será que a autora escolheu utilizar essas palavras?
- O título do cordel cita uma carta. O que pode sugerir este título?

- Quais elementos presentes no texto remetem ao gênero carta?
- Quais elementos apontam para um texto em cordel?
- Quais elementos do cordel remetem a um texto biográfico?
- Quais as figuras femininas presentes no cordel?
- Aponte as características de cada uma delas.
- Destaque no texto as palavras relacionadas ao universo feminino.
- Em qual contexto se passa a história?
- Como a mulher é representada neste cordel?

- ✓ Pedir que os alunos façam anotações no diário de leitura baseadas nas discussões orais.
- ✓ Exibir um trecho do primeiro episódio da série Anne with na “E” da Netflix, com o qual o cordel estabelece intertextualidade.
- ✓ Relacionar a obra escrita em cordel e a obra cinematográfica com ênfase nas personagens femininas. Pedir que os alunos registrem no diário de leitura qual a ligação entre a obra televisiva e o cordel.
- ✓ Realizar uma visita ao museu Nísia Floresta ou apresentar um pouco da trajetória da protagonista do folheto e escritora potiguar Nísia Floresta.
- ✓ Solicitar que os estudantes registrem no diário de leitura todo o percurso dessas últimas aulas.
- ✓ Apresentar um breve histórico sobre a trajetória feminina no cordel por meio de slides. A apresentação pode ser norteada pelos seguintes tópicos:

- A mulher como personagem de cordéis.
- Publicação de cordéis de autoria feminina.
- Cordelistas em destaque

4ª ETAPA: QUESTIONAMENTO DOS HORIZONTES DE EXPECTATIVAS

OBJETIVO DA ETAPA:

- Resgatar os momentos vivenciados anteriormente para comparar o material literário estudado antes e depois desta etapa.
- Construir uma análise comparativa entre os cordéis estudados.
- Conhecer mais sobre a autoria feminina de cordéis.

TEMPO ESTIMADO: 02 aulas de 50 minutos

RECURSO: Diário de leitura, datashow, cópias do folheto de cordel.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS:

- Aula expositiva.
- Roda de leitura.
- Análise de textos.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Leitura.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Conversação espontânea,

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:

Competência 3: Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Competência 7: Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP34) Grifar as partes essenciais do texto, tendo em vista os objetivos de leitura, produzir marginais (ou tomar notas em outro suporte), sínteses organizadas em itens,

quadro sinóptico, quadro comparativo, esquema, resumo ou resenha do texto lido (com ou sem comentário/análise), mapa conceitual, dependendo do que for mais adequado, como forma de possibilitar uma maior compreensão do texto, a sistematização de conteúdos e informações e um posicionamento frente aos textos, se esse for o caso.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

PROCEDIMENTOS:

- ✓ Fazer uma breve retomada das leituras realizadas até o momento, para isto o professor poderá pedir que os alunos façam a leitura de algum trecho do seu diário de leitura, a fim de retomar a lembrança sobre as leituras realizadas e iniciar a comparação entre elas.
- ✓ Levantar comparação oral entre as obras de cordel *A princesa da pedra da boca*- Elizabeth Faustino e de *Nísia Floresta- uma carta em cordel*- Anne karolynne.
- ✓ Após a socialização oral realizada pelos alunos, o professor copiará no quadro da sala ou apresentará em slides questionamentos acerca das obras estudadas, com o intuito de suscitar uma análise comparativa entre as leituras realizadas. Para promover a discussão a respeito das experiências de leitura, tem-se questionamentos como:

-Qual texto foi mais desafiador?
-Qual suscitou maior reflexão?
-Quais aspectos da leitura foram mais instigantes?
-O que você acha da escolha do perfil feminino adotado em cada cordel?
-Qual das figuras femininas têm mais a ver com as mulheres com quem você convive? Por quê?
-Nos folhetos lidos tem-se a mulher como protagonista. E na nossa sociedade, você considera que a mulher tem a mesma posição?
-De acordo com a sua opinião, qual é o lugar da mulher na sociedade atual?

- ✓ Fazer uma roda de leitura para o compartilhamento e apreciação oral do cordel “Mulher também faz Cordel”, Salete Maria (Anexo 3, p. 33).
- ✓ Propor questões para alargar a compreensão acerca do protagonismo feminino na autoria de cordéis.

- No texto existem palavras que você desconhece? Aponte-as.
- É possível inferir o seu sentido?
- Para você, o que a palavra “também” presente no título pode representar?
- Em que contexto este folheto pode ter sido escrito?
- Quais exemplos de mulheres ele apresenta?

Logo após a leitura coletiva, os alunos deverão ser incentivados a explorar mais o folheto lido, destacando, com o auxílio de canetas coloridas as palavras que caracterizam as mulheres, as rimas, o que compreendem da imagem em xilogravura presente na capa, entre outros aspectos e por fim registrem os comentários no diário de leitura.

5ª ETAPA: AMPLIAÇÃO DOS HORIZONTES DE EXPECTATIVAS

OBJETIVOS DA ETAPA:

- Incentivar a expressão do pensamento por meio da produção de texto.
- Produzir um cordel coletivo.
- Reconhecer a apreensão de conhecimento sobre o feminino e o gênero cordel.

TEMPO ESTIMADO: 02 aulas de 50 minutos

RECURSO: Diário de leitura, datashow, cópias do folheto de cordel.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS:

- Aula expositiva.
- Roda de leitura.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM: Produção de textos, leitura.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:

Competência 3: Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e

avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

PROCEDIMENTOS:

- ✓ Pedir que os alunos se organizem em formato de círculo;
- ✓ Distribuir as cópias dos folhetos, assim cada aluno receberá um folheto de autoria feminina diferente com a trama tendo por foco a mulher. Tem-se como sugestão os cordéis: *Carolina Maria de Jesus* (2020), Jarid Arraes; *As herdeiras de Maria* (2017), Dalinha Catunda; *Lugar de mulher*, Salete Maria (2005).
- ✓ Organizar a leitura em forma de rodízio, deste modo os alunos terão um tempo de cinco minutos para fazer a leitura do primeiro cordel; finalizado o tempo destinado, passarão o folheto para a direita, por consequência também receberão um folheto diferente que deverá ser lido em mais cinco minutos, de modo que ao final de quatro rodadas todos terão lido os cordéis propostos.
- ✓ Após o rodízio de leituras, comunicar aos alunos sobre a tarefa da produção de um cordel coletivo. Antes da escrita do texto, peça para os alunos citarem o que não pode faltar em um cordel e o que consideraram interessante nas leituras realizadas que poderia ser usado em um texto de autoria própria.
- ✓ Fazer uma breve retomada do que foi observado nos cordéis lidos até esta etapa para que os estudantes se sintam preparados para o momento de produção escrita.
- ✓ Exibir um vídeo com dicas de como escrever um cordel a fim de auxiliar os estudantes acerca da elaboração dos versos, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=PJXJt90MGpM>.
- ✓ A turma deverá participar do planejamento e organização do folheto, definindo coletivamente a finalidade do cordel, o público leitor pretendido, a imagem da capa, a temática principal, como serão organizadas as estrofes, que tipo de versos utilizarão, qual o fio condutor para o texto, entre outras providências. O importante é a escuta

atenta e a organização, para isso o professor poderá registrar os combinados no quadro.

- ✓ Solicitar que os estudantes se reúnam em dupla e produzam, no diário de leitura, duas estrofes para o cordel coletivo, tendo em vista todos os combinados.
- ✓ Reunir todas as estrofes elaboradas e fazer a revisão em coletivo. Neste momento é importante que todos tenham acesso às estrofes produzidas, por meio de slides, por exemplo, para que percebam a necessidade de adequações conforme à situação comunicativa. Na aula seguinte, os folhetos poderão ser confeccionados por todos.
- ✓ Como conclusão, o professor poderá organizar um evento de culminância onde os alunos apresentarão sobre o feminino no cordel e exibirão os próprios cordéis com a finalidade de valorizar o protagonismo e promover a socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária é uma ferramenta essencial para a formação do leitor. Considerando isso, este caderno pedagógico apresenta uma proposta de trabalho voltado para o exercício da leitura de cordéis de autoria feminina, possibilitando auxiliar os professores que buscam proporcionar experiências de leituras literárias e letramentos aos seus alunos com foco para a valorização do feminino. A importância de um estudo da autoria feminina possibilita, dentre outras coisas, mostrar que existe uma escrita qualificada como feminina, entendendo o processo de supressão da mulher na literatura, além de combater a violência de gênero mediante concepções da promoção da igualdade de direitos.

Usando do método recepcional, as atividades de leitura foram planejadas com foco na recepção dos leitores, possibilitando que o professor direcione seus alunos para uma prática pedagógica dinâmica, crítica e reflexiva diante dos textos de cordéis apresentados. No processo de leitura, o propósito está em engajar os estudantes enquanto protagonistas antes, durante e depois da leitura propriamente dita dos poemas.

Os procedimentos aqui apresentados estão direcionados para alunos do 9º ano. Contudo, muitas habilidades e competências pretendidas são comuns a estudantes de todo o Ensino Fundamental II. Assim, é possível que as atividades sejam facilmente adequadas a outras séries, colaborando para o desenvolvimento do estudante enquanto leitor na perspectiva dos letramentos literário, crítico, cultural.

Por fim, esperamos que este material contribua para que mais professores desenvolvam trabalhos voltados para a prática de leitura de cordéis femininos na escola, abrindo espaço de valorização cultural e social, despertando o senso crítico estético e literário dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2020.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CATUNDA, Dalinha. **As herdeiras de Maria**. Disponível em: <https://cantinhodadalinha.blogspot.com/2017/06/as-herdeiras-de-maria.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2023

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise**. Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FAUSTINO, Elizabete. **A princesa da pedra da boca**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Literatura de Cordel: Dossiê de registro**. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo%281%29.pdf. Acesso em: 08 de setembro de 2023.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

NEGREIROS, Anne Karolyne Santos de. **Nísia Floresta: uma carta em cordel**. In: SILVA, Graça; MELO, Raimundo (org). *Coletânea Poética: Prêmio Nísia Floresta de Literatura*. Natal: sertão das letras, Offset, 2021.

SILVA, Salete Maria da. **Mulher também faz cordel**. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

SILVA, Salete Maria da. **Lugar de mulher**. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

ANEXOS:**Anexo 01- A PRINCESA DA PEDRA DA BOCA (ELIZABETE FAUSTINO)**

Santo Deus Pai poderoso
 Dai a mim inspiração
 Para contar uma estória
 Aqui dessa região
 Falar do reino encantado
 Que existiu nesse torrão

Diz a lenda que um dia
 Nesse chão já existiu
 Um reino muito bonito
 Que igual jamais se viu
 Com um feitiço do mal
 O belo reino sumiu

Vivia nesse reinado
 Uma família feliz
 Era o rei e a rainha
 Que viviam no país
 E uma filha muito linda
 Assim a estória diz

Quando a linda princesa
 Quinze anos ia fazer
 O rei falou para a filha
 Tá na hora de escolher
 Pra você um pretendente
 uma festa vou fazer

Mandou convites pra os jovens
 Pois um queria escolher
 Para casara princesa
 E a família crescer
 Porém teve um grande azar
 Ouça o que eu vou lhe dizer

Por arte não sei de que
 ou o destino atentou
 Não convidou um rapaz
 Pois dele não se lembrou
 Era o filho de uma bruxa
 Que enraivada ficou

Ela falou para o filho
 Dizendo deixa estar
 Que vou fazer um feitiço
 E do rei vou me vingar
 Já que não te convidou
 A filha não vai casar

A princesa era tão linda
 Causava admiração
 Era tão meiga tão doce
 Como uma rosa em botão

Seus olhos céu estrelado
 Em noite de São João

Por isso a bruxa pensava
 Com o seu filho casar
 Aquela linda donzela
 E no castelo morar
 Ele não tendo convite
 Ela não podia entrar

Tudo se encaminhava
 Para aquele belo dia
 Em que a linda princesa
 Para casar escolheria
 Um entre todos rapazes
 Que a ela pretendia

Chegou o dia da festa
 E o castelo brilhava
 Todo enfeitado de ouro
 E a muitos invejava
 Então soou a corneta
 E a festa começava

A velha bruxa malvada
 Tudo havia preparado
 Então voou pro castelo
 Com seu feitiço malvado
 O transformou numa pedra
 Ficando tudo parado

Amigos essa tal pedra
 Em castelo se transformou
 Hoje é a pedra da boca
 Que para nós se formou
 Num parque arqueológico
 Assim a estória provou

Há algum tempo atrás
 Existiu um caçador
 Que andava por lá caçando
 Quando bem perto avistou
 Uma jovem muito bela
 Que para ele falou

Há muito tempo te espero
 Bem aqui neste lugar
 Vem conhecer minha casa
 Contigo quero casar
 Entre comigo agora
 Não posso mais demorar

Quando o caçador ouviu

Este convite da moça
Ficou tremendo e sem fala
As pernas perderam a força
Porém a seguiu de perto
Com uma cara de trouxa

Ele entrou no castelo
E pôde observar
Que tudo estava bem limpinho
Ouro estava a brilhar
Foi aí que comprovou
Que estavam a lhe esperar

Levando-o para um quarto
Onde muitas armas havia
Ela perguntou pra ele
Qual delas ele pretendia
Ele apontou é esta
Era a que mais reluzia

A espingarda de ouro
Foi a que ele escolheu
Ela disse pegue é sua
Ele pra arma correu
Pegou com satisfação
E de emoção tremeu

A princesa ficou triste
Pela a escolha errada
Ela se despediu dele
E ele seguiu a estrada
Quando olhou para trás
Não viu castelo nem nada

Ele olhou para a mão
A arma não reluzia
Era um pedaço de pau
Que na sua mão havia
Foi aí que entendeu
As coisas que acontecia

Foi aí que lamentou
Como pude ser tão mal
Trocando uma princesa
Por um pedaço de pau
Eu acho que não sou gente
Devo ser um animal

Ele voltou muitas vezes
Para o mesmo lugar
Pensando ver a princesa
E com ela se casar
Porém nunca mais a viu
Morreu de tanto esperar

Contam que quando passar
De anos uma dezena
Qualquer jovem corajoso

Pode salvar a pequena
Casar com ela e ficar
Fazendo parte da cena

Porém isso acontece
A cada dez primaveras
Se você souber da data
Vá e desencante ela
More no lindo castelo
Despose a jovem donzela

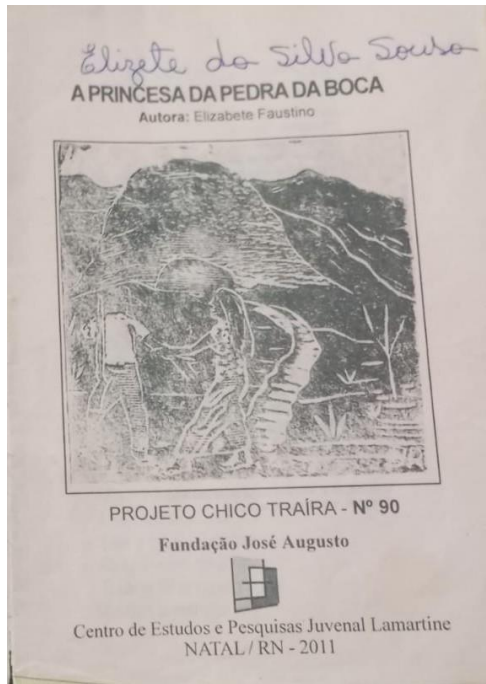
Digo que é jovem porque
Pra ela o tempo não passa
Faz parte do encantamento
Para não perder a graça
Portanto é tempo meu jovem
Vá a luta, vá a caça.

Se você observar bem
Acho que vai perceber
Em frente à pedra da boca
Uma estrada descer
É o fim de uma escada
Se olhar bem dá para ver

Contam alguns moradores
Que moram no calabouço
Alguns deles já viram
De manhã perto de um poço
Uma mulher lavar roupas
Alvas que é um colosso

Ouvem o galo cantar
Também um som de viola
Ouvem rumores de festa
Tudo nas mais altas horas
Se tens coragem vai lá
Porém não pise na bola

Já contei minha estória
Desempenhei meu papel
E se você já conhece
Pra você tiro o chapéu
E se ainda não conhece
Aproveite esse cordel.



Anexo 02 - NÍSIA FLORESTA: UMA CARTA EM CORDEL (ANNE KAROLYNNE)

Anne Shirley repousava
Em seu quarto espreguiçando,
Quando ouviu alguém chamando Enquanto
ela despertava.

Marilla quem lhe chamava...
Então, chegou no recinto
Com um sorriso distinto
E brilho em sua pupila.
—"Tem boa nova. Marilla?
Me diga logo eu já sinto!"

Marilla nem exitou
Ao contar a novidade.
Uma carta de amizade
De trás, das costas, tirou.
Pra afilhada, revelou
Estendendo a sua mão.
Anne viu, com emoção,
Quase não acreditava,
Pois a carta que chegava
Esperava há um tempão!

Dayana quem escreveu
Aquela carta esperada.
Sua amiga, tão amada,
Finalmente apareceu!
Anne se apressou: correu
Direto pra estrebaria,
Pois era lá que ela lia
Com calma e tranquilidade.
Esta carta de amizade
Muitas notícias traria!

___ "Querida Anne, não desfiz
A nossa linda amizade.
Faltou lhe escrever...verdade.
Mas, quando vim pra Paris,
Parecia outro país:
Mil vezes mais avançado.
Eu me envolvi um bocado
Com a cultura e o estudo
E lhe escrevo, sobretudo,
Pra lhe contar um babado.

"Ouvi falar sobre alguém
Que eu quero lhe apresentar.
Sei que você vai amar,

Querer conhecer também,
Não tinha visto ninguém
Decidida igual a esta!
Ela superou a aresta

Do lugar de uma mulher.
Acredite se quiser:
Seu nome é Nísia Floresta'

"Nísia é muito conhecida
No colégio em que eu estudo.
É famosa sobretudo,
Pelo que fez nessa Vida.
Ela lutou, sem medida,
Por direitos femininos.
Criticava seus destinos,
Buscava mais instrução,
Cultura na formação
De todos os seus ensinios."

— "Por que é que o homem domina?
Ele é ser superior?
E a mulher... inferior?
Por acaso é uma sina?
"Nísia nos abre a cortina
Pra ver que a mulher é mais.
Vem mostrar que ela é capaz
De fazer o que quiser,
E não é por ser mulher
Que deve ficar pra trás. "

Cada palavra que lia...
Um olhar lacrimajado.
O coração inspirado
Era imerso em poesia,
Tudo o que a amiga escrevia
Fazia todo sentido.
O seu texto era comprido
Mas leve como uma brisa.
Na essência da poetisa,
O texto era absorvido.

— "Nem preciso ser modesta
Pra lhe contar essa história.
A mulher é tão notória
Que nem sequer deixa fresta.
EU digo: Nísia Floresta
Deixou um grande legado.
Seu falar humanizado
Luta contra o preconceito.
A inclusão é um conceito
Que ela deixa escriturado. "

"Feminista brasileira,
Viajou todo o país.
Sempre fez o que ela quis
Lutando em toda trincheira.
A identidade primeira:

Dionísia Gonçalves Pinto,
Mudou, de jeito distinto,
Pra Nísia Floresta, o nome,
Augusta seu sobrenome
Ao qual eu muito requinto."

"No Brasil, ela fundou
Um colégio diferente,
Foi pra meninas, somente,
Que planejou e implantou,
Colégio Augusto ficou
Dezessete anos ativo,
Seu ensino positivo
Trazia literatura,
Idiomas, fé, cultura,
Conteúdo rico e vivo."

"Além de uma educadora,
Com a força feminista,
Nísia foi mãe, jornalista,
Foi romancista, escritora.
No jornal, foi redatora,
No seu tempo, sempre à frente.
Que ser tão inteligente!
Não aceitou opressão.
Buscava emancipação
Da mulher integralmente."

"Lutou contra a escravidão
E foi abolicionista,
Destaque enquanto cronista:
'Páginas de uma vida escura'.
Foi vasta a literatura
Que ela deixou publicada:
Seus livros são alvorada
Que ilumina a consciência,
Porque Nísia é resistência
Ela não fica calada. "

"Defendeu índio oprimido,
Que não tinha liberdade;
Da extinção da identidade
Ao perder terra, vencido.
Falou do escravo sofrido,
Do racismo quanto à cor.
Empatizava essa dor
Defendeu os seus conceitos.

A busca pelos direitos
Sempre fez com muito ardor."

"Pela Europa Viajou,
Conheceu muitos lugares,
Visitou diversos lares,
Ao lado de Comte estudou.
Tudo o que vivenciou.
Escreveu pra eternizar,
Enfim, quero lhe falar
Nessa carta, com carinho:
Nísia Floresta é o caminho
Pra gente se empoderar!"

Ao terminar a leitura,
Anne ficou motivada.
A carta, tão inspirada,
Emergiu sua bravura.
— "Amei essa criatura.
Que trajeto tão fecundo
Levantou-se num segundo,
Desembestou, co'amulestar
Pois, sobre Nísia Floresta
Queria contar pra o mundo!"



Anexo 03- MULHER TAMBÉM FAZ CORDEL (SALETE MARIA DA SILVA)

O folheto de cordel
Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria

Desde que chegou da França
Espanha e Portugal
(Recebido como herança)
De caravela ou nau
O homem o escrevia
Fazia a venda e lia
Em feira, porto e quintal

Só agora a gente vê
Mulher costurando rima
É necessário dizer
Que de limão se faz lima
Hoje o que é limonada
Foi águas podre, parada
Salobra com lama em cima

A mulher não se atrevia
Nesse campo transitar
Por isso não produzia
Vivia para seu lar
Era o homem maior
Vivia ele, afinal
Para o mundo desbravar

Tempo de patriarcado
Também de ortodoxia
À mulher não era dado
Sair pela cercania
Exibindo algum talento
Pois iria a julgamento
Quem não a condenaria?

Era um tempo obscuro
Para o sexo feminino
O castigo era seguro
Para qualquer desatino
Como não sabia ler
Como podia escrever
E mudar o seu destino?

Sem ter a cidadania
Vivendo vida privada
Pouco ou nada entendia
Não era emancipada
Só na cultura oral
Na forma original

Se via ela entrosada
Nas cantigas de ninar
Na contação de história
Tava a negra a rezar
A velha sua memória
Porém disso não passava
Nada ela registrava
Para sua fama e glória

Muitas vezes era tida
Como musa inspiradora
Aquele de cuja vida
Tinha que ser sofredora
Era mãe zelosa e pura
Qual sublime criatura
Porém não era escritora

Sempre a versão do homem
Impressa nalgum papel
Espero que não me tomem
Por feminista cruel
Mas o fato é que a mulher
Disto temos que dar fé
Tinha na vista um véu

O homem que a desejava
Querida qual princesa
Sempre que a venerava
Era por sua beleza
Só isto tinha virtude
Para macho bravo e rude
Mulher com delicadeza

De sua cria cuidando
Cosendo calça e camisa
Para o homem cozinhando
Como vir ser poetisa?
Isto era coisa para macho
Até hoje ainda acho
Gente que assim profetiza.
Até porque o folheto
Era vendido na feira
E era um grande defeito
Mulher sem eira nem beira
Era preciso viagens
Contatos e hospedagens
Pra fazer venda ligeira

E durante muitos anos
Assim a coisa se deu
Em muitos cordéis tiranos
A mulher emudeceu
O homem falava dela
Mas não falava com ela

Nem ela lhe respondeu

Ocorre que em trinta e oito
No ano mil e novecentos
Um fato dito afoito
Veio soprar outros ventos
Uma mulher escreveu
No cordel se intrometeu
Mostrando novos talentos

Talvez seja o primeiro
Cordel de uma mulher
Neste solo brasileiro
Nenhum registro sequer
Confere a este fato
Que seja o dito exato
Mas não é coisa qualquer

Filha de um editor
Família de trovadores
Se esta mulher ousou
A ela nossos louvores
Mas temos a lamentar
Porque não pode assinar
O verso como os autores

Não era uma desvalida
Que escrevia um cordel
Mas uma moça entendida
Parente de menestrel
Mesmo assim se escondia
Pois a vida requeria
Não assumir tal papel

A Batista Pimentel
Com pré-nome de Maria
Não assinou o cordel
Como a história merecia
Mas que o destino tirano
Um Altino Alagoano
Era quem subscrevia

Pseudônimo usou
Para a obra ser aceita
O marido orientou:
"Assim tudo se ajeita"
Tava pronto pra vender
Quem poderia dizer
Ser o autor a sujeita?

Neste tempo já havia
Escola, educação
Alguma mulher já lia
Tinha certa instrução
Tinha delas que votavam
Outras até trabalhavam
Nalguma repartição

Outro tempo aparecendo
Reclamando outra postura
A população crescendo
Emprego e certa fartura
Indústria se instalando
O povo se empregando
Buscando alguma leitura

Mas foi muito gradual
No campo do popular
Tinha aqui um bom sinal
E um retrocesso acolá
No nordeste nada é reto
Até hoje analfabeto
Não conhece o beabá

Somente em setenta e dois
Vicência Macedo Maia
Viria escrever depois:
Nascia o verso de saia!
No estado da Bahia
Deu-se a tal rebeldia
Que hoje não leva vaia

Depois disso, alagoana
Potiguar e cearense
Também tem a sergipana
Paraíba e maranhense
Tem delas no Piauí
Também estão a surgir
Paulista e macapaense

Em todo o nosso Brasil
Mulheres versejam bem
Muito verso se pariu
Não se excluiu ninguém
Tem rima a dar com pau
-acho que me expressei mal-
Pois com a vagina também

Mas a grande maioria
Se concentra no nordeste
Onde um dia a poesia
Era do cabra da peste
Hoje as mulheres estão
Rimando e não é em vão
Do litoral ao agreste

Talvez seja sintomático
Que o cordel no sertão
Ainda seja simpático
E noutros lugares não
O tal cordel já foi tido
Como jornal e foi lido
Em muita ocasião

Serviu para ensinar
 Muita gente aprender a ler
 Serve para recitar
 E muita gente entreter
 Cordel é sempre estudado
 Em tese de doutorado
 Mas tem gente que não vê

Alguns pensam hoje em dia
 Que cordel é só tolice
 Que não tem categoria
 Que é mera invencionice
 Feito por homem, não presta
 Por mulher então, detesta
 Veja quanta idiotice

Mesmo assim elas versejam
 E muito bem por sinal
 Algumas até desejam
 Ir para uma bienal
 Mostrar a nossa cultura
 A nossa literatura
 Etcetera e coisa e tal

Versos de todos os matizes
 De toda forma e cor
 Algumas são infelizes
 Reproduzindo o horror
 Do machismo autoritário
 Consumismo perdulário
 Que tanto as dominou

Mas são as contradições
 Presentes neste sistema
 Onde mulheres padrões
 Vivem também nos esquemas
 Eu só quero é celebrar
 Da mulher o versejar
 Longe dos velhos dilemas

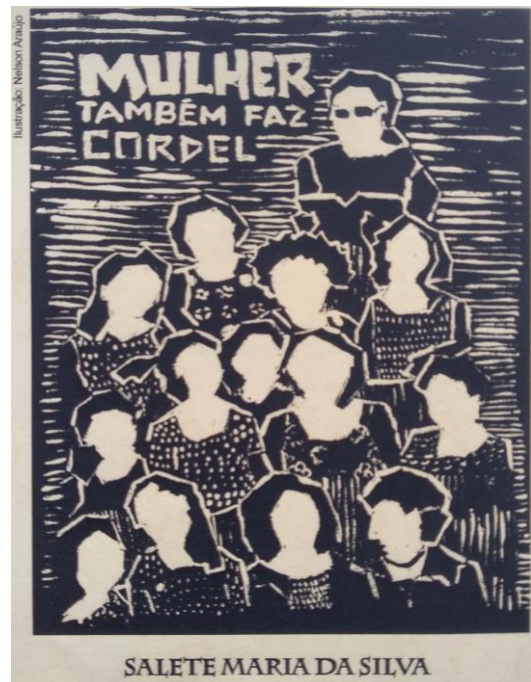
Nosso tempo nos permite
 Botar o verso na rua
 Quem vai colocar limite
 Quem ousa sentar a pua?
 Cordel também é cultura
 Quem nunca fez a leitura
 Ilustrado continua

O cordel é centenário

Nesse Brasil de mistura
 É recente no cenário
 Da fêmea a literatura
 Só estamos começando
 Devagar, engatinhando
 Quem agora nos segura?

Trinta cordéis eu já tenho
 Publicados pelo mundo
 Mais uma vez me empenho
 Me emocionando no fundo
 Metade é sobre mulher
 Para mostrar como é
 Amor e verso profundo

Aqui encerro meu verso
 Cumprindo o meu papel
 Se ele foi controverso
 Deselegante ou pinel
 Só quis dizer para o povo
 O que pra alguém é novo:
 Mulher também faz cordel!



APÊNDICES

Apêndice 01- QUESTIONÁRIO DO ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Caro(a) aluno(a), pedimos a sua colaboração no sentido de responder as questões a seguir. Suas respostas nos ajudarão a traçar um perfil do aluno leitor do 9º ano desta escola. Sua identidade será totalmente preservada.

IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo: () Masculino ()Feminino

Série: Turma..... Turno:

Novato na série: () sim () Não

1. Você tem o hábito de ler?

() Sim

() Não

Justifique sua resposta:.....

2. Em caso afirmativo, com que frequência?

3. Onde você mais ler?

() Na escola

() Em casa

() outro lugar. Onde?

4. Que tipos de textos você costuma ler?

() Poemas

() Contos

() Histórias românticas e de aventuras

() Histórias de suspense ou terror

() Histórias engraçadas

() Textos informativos

() Histórias em quadrinhos

() Lendas

() Outro tipo de leitura. Qual?

Por quê?

5. Você pratica leitura com qual objetivo?

() Pelo prazer de ler

() Para adquirir conhecimento

() Sem objetivo, por obrigação

6. Em anos anteriores, já teve aula sobre a literatura de cordel?

7. Você conhece algum cordel? Cite-o.